



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

APOIO CULTURAL



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 18

Dezembro de 2010

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2010
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

18ª Edição - Dezembro de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

176p

ISSN 2178-5511

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

CDD - 869

Projeto Gráfico: Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

Capa (Criação e Finalização): Mota Junior

Coordenação: Rubenio Marcelo e Reginaldo Alves de Araújo

Diagramação: Mota Junior

Revisão Editorial: Valter Jeronymo

Revisão Final: Rubenio Marcelo

Impressão e Acabamento: Gráfica Viena



Diretoria (2008/2011)

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **Valmir Batista Corrêa**

Tesoureiro: **Guimarães Rocha**

Segundo Tesoureiro: **Augusto César Proença**



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) **3362 5545** - Cel. (67) **9263 5115**

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



APRESENTAÇÃO

A evolução da literatura sul-mato-grossense se vem fazendo vigorosa, com arrojo, sem salto no escuro, sem precipitações, seguindo, como é de bom alvitre, a natureza das coisas, das condições locais, do meio físico e social e, especialmente, dos valores riquíssimos da história do seu povo.

Necessário se faz sinalizar que a augusta Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, nestes últimos anos, abriu suas portas aos amantes das letras e das artes afagando-os com nosso hálito literário acolhendo-os, nas mais diversas solenidades, dando posses aos nossos imortais, editando livros dos nossos confrades, solenizando dezenas de Chás Acadêmicos com substanciosas palestras de cunho cultural de elevada grandeza. Entretanto, isto é notório, o momento mais desejado pelos nossos confrades e admiradores da Casa é, indiscutivelmente, o lançamento de cada edição de nossas revistas. Esta é a de número 18 com proposta semelhante às demais, difundindo nossas atividades, nossas conquistas, com textos primorosos evidenciando o cuidado de nunca perder o cunho da atualidade, tornando cada número de interesse atual, embora, de quando em quando, seja necessário incluir matérias antigas.

O homenageado desta edição é um dos mais destacados escritores do Estado, Eduardo Metello, confrade de primeira grandeza, já falecido, mas que deixou, em seus escritos, um rastro luminoso de virtude, inteligência e sabedoria.

A segunda parte da revista é oferecida aos contos premiados (1º, 2º e 3º lugares, conforme edital publicado), aplaudido e concorrido CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA, realizado pela Academia

Sul-Mato-Grossense de Letras, entre os meses de outubro e novembro do ano (2010), contendo, também, um espaço dedicado as fotos referentes aos eventos da Casa.

Com renovado prazer exaltamos, com louvores, o importante convênio firmado com o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, em consonância com a Prefeitura Municipal de Campo Grande (MS), o projeto da edição da nossa Revista da ASL que, com júbilo, nos empurra para o sucesso.

Aos nossos acadêmicos, que tanto fizeram para o brilho desta edição, de modo especial ao confrade Rubenio Marcelo (coordenador emérito deste número) e ao Valter Jeronimo da nossa parceira Life Editora, nossos agradecimentos.

Reginaldo Alves de Araújo

Presidente



SUMÁRIO

Homenagem a Eduardo Machado Metello . 09

Comemoração . 17

Antologia . 23

Abrão Razuk . 25

Américo Calheiros . 27

Geraldo Ramon Pereira . 31

Guimarães Rocha . 45

Hernani Donato . 49

Jorge Antônio Siúfi . 55

José Couto Vieira Pontes . 59

José Pedro Frazão . 65

Maria da Glória Sá Rosa . 73

Orlando Antunes Batista . 81

Paulo Nolasco . 87

Raquel Naveira . 91

Reginaldo Alves de Araújo . 103

Rubenio Marcelo . 113

Thereza Hilcar . 123

Concurso de Contos Ulisses Serra . 127

Notícias da Academia . 149

Relação dos Acadêmicos . 169

HOMENAGEM



Eduardo Machado Metello

Nasceu em Campo Grande em 1930, cidade onde também faleceu em 2000. Advogado, professor, escritor, pecuarista. Publicou as obras intituladas: "3 Casos" e "Meu Amigo Autonomista". Ocupou a cadeira nº 32 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.





EDUARDO MACHADO METELLO: MEMÓRIA E LUTAS DE HUMANISMO E PRODUTIVIDADE

Por *Guimarães Rocha*

Mais do que benfeitoria, um alicerce indestrutível. Não uma simples passagem; a marca indelével de um defensor de categoria. Um escritor influente. Um lutador classista, mas um humanista que acreditou na conversão da produtividade em estabilidade e bem estar comum. Eduardo Machado Metello (São Paulo, 1930-Campo Grande, 2000), um benfeitor. Sua racionalidade e sua espiritualidade bem frutificaram no meio em que viveu e amou. Ele demonstrou dar o possível de si para fazer o melhor nos ramos de atividade a que se prestou, e além de tudo se fez boa companhia para todos.

Eduardo Machado Metello ocupou na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, a cadeira 32, atualmente ocupada por Abílio Leite de Barros, patrono Weimar Torres. Sua carreira profissional e pública foi construída em Mato Grosso do Sul e abrangeu todo o Estado. Escritor, ilustre advogado, professor universitário (Universidade Católica Dom Bosco).

Escreveu os livros “3 Casos”, “Meu Amigo Autonomista” e “A Reforma Agrária no Brasil”. Lançou e incentivou as publicações rurais “Informe Agropecuário” e “Famasul em Revista”. Foi colaborador de dezenas de periódicos do país, inclusive da revista Globo Rural.

Um dos líderes militantes do Movimento Nacional de Produtores (MNP) – criado em 1997, com o lema “Lei, Ordem e Paz no Campo”. O renomado fazendeiro foi destacado defensor dos produtores rurais. Líder respeitado influenciou positivamente a agropecuária regional e nacional. Presidiu a Associação dos Criadores de Mato Grosso do

Sul (Acrissul), o Sindicato Rural de Campo Grande e a Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul (Famasul).

Seu empenho de liderança, além da esperança de organizar categorias, teve o condão de mostrar, por exemplo, que o decantado termo “sustentabilidade” junto à sonhada justiça social tem que ser amparado pela legalidade, em que movimentos como a reforma agrária sejam promovidos sem agressões ou invasões à propriedade. A sua voz, a sua escrita e os seus projetos também ajudaram a elevar o conceito do agronegócio para a Nação.

TRÊS “CASOS” COM ESTILO INOVADOR — Das particularizações de inteligência no mundo, as mais raras são aquelas que associam, à intelectualidade séria, o bom humor com ironia fina, o chiste sem zombaria, a brincadeira sem escárnio. Em 1994 Eduardo Machado Metello lançava o seu livro “3 Casos”. Após sua morte, que ocorreu em 22 de julho de 2000, era lançado (em 12/03/2004, aniversário de 25 anos da Famasul) o segundo volume do que se tornou a trilogia “3 casos”, posto que o escritor legou inédito material.

A obra “3 Casos” é apresentada de três em três itens a cada título abordando determinado tema ou assunto. Por exemplo: “3 Casos do Dr. Vespasiano”; “3 casos de minha mãe”. O autor homenageia a história regional, deixando entrever, na maioria dos casos, a conjuntura de momento, com seus personagens folclóricos como “Pedro Pólvora” e tantos outros. A todo passo surge relatado algum caso presenciado por Metello pelas cidades do interior. Nessas, ilustrava todo evento agropecuário, convivia e contribuía para o progresso geral.

A profissão de advogado lhe era fonte de excelentes casos. Num deles, o cliente ameaça dispensar seus serviços. Estava com um problema e acreditava que Metello não lhe serviria e usou o seguinte argumento: “— Para esse caso, preciso de um advogado safado, pois a parte contrária tem um procurador terrível, capaz das maiores bandalheiras. Como sei que o senhor é uma pessoa séria, desejo, desta vez, tratar um advogado velhaco, para equilibrar a situação”. — Mas mudou de ideia ao ouvir o seguinte comentário do seu intercessor: “— Você já pensou se o tal

advogado safado, que vai ser contratado, usar a safadeza contra você? Se ele for desonesto, provavelmente isso é o que acontecerá...”. Em seus escritos dá novos significados e revela a alma da gente comum, os comezinhos do cotidiano do cidadão e a belíssima simplicidade da vida rural. Metello trazia em parença a vivacidade mental-espiritual de seu pai, Adriano Metello Júnior, que está incluído em seus Casos.

Em primeiro de agosto de 2000, o Senado brasileiro aprovou voto de profundo pesar pela morte (em julho do mesmo ano) de Eduardo Machado Metello e apresentação de condolências à família e ao Estado de Mato Grosso do Sul.

Os esforços que o produtor empreendeu em vida, ao lado de tantos que se lhe associaram nas lutas, continuam hoje em Mato Grosso do Sul nos elevados ideais dos seus irmãos classistas.

A passagem da sua vida por esta terra, também desperta nos corações que o amam, três casos: antes, durante e depois. O “durante”, a sua existência, é imorredouro no “depois” que vivemos agora, sempre com as boas lembranças que sadiamente sobre nós reagem. Momentos imortalizados junto com o seu nome na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.



TEXTOS DE EDUARDO MACHADO METELLO

3 Casos de Idosos

Vovô Machado nasceu em Xiquexique, na Bahia. Formado em Direito, colega de turma de João Mangabeira, veio muito moço para nosso Estado como juiz de direito de Corumbá e depois de Nioaque, onde se casou com minha avó Elvira. Foi prefeito de Campo Grande em 1935.

Quando estava com cerca de noventa anos, quis rever a querência. Convidou a filha, minha mãe, e subiu o São Francisco em busca de suas origens, dos amigos e parentes.

Lá chegando, perguntava: - E o fulano onde está?

A resposta, sempre desastrosa: - Morreu há mais de dez anos.

E o Beltrano, ainda mora no Solar das Pedras?

- Ih! Esse faleceu a muito tempo. O filho dele, médico de renome, também já é finado. Creio que tem um neto vivo em Ilhéus.

- E a Casa Venturosa, ainda funciona?

- Que nada. Faliu logo depois da Grande Guerra. Dizem que foi falência fraudulenta, sei lá. Acabou tudo.

Segundo minha mãe, vovô se arrependeu do passeio. Antes não tivesse ido, conservando apenas na lembrança as imagens da juventude. Voltou triste, deprimido, desapontado com a pobreza geral e os estragos que o tempo fizera no povo e na povoação.



Tenho fórmula para envelhecer: velho, para mim, é quem tem vinte anos a mais do que eu.

Sempre foi assim. Com meus quinze anos, os velhos tinham trinta e cinco. Aos vinte, os idosos eram de quarenta, a velhice começa aos sessenta. Hoje, acho que os velhos têm mais de oitenta...

- É, Eduardo – me dizia Miguel – enquanto estiverem me chamando de coroa ou simplesmente de tio, a coisa ainda está boa. Mesmo quando me rotularem de velho ainda dá para agüentar. O diabo será quando passarem a me chamar velhinho, Aí eu vou ficar desesperado...



O Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, nosso ex-governador, pai da dinâmica Lélia Rita, era formado em Agronomia pela Universidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Morreu quando ia fazer cem anos.

A sua faculdade reúne, anualmente, os ex-alunos para uma festa tradicional de confraternização. A própria direção da casa se encarrega de tudo, repassando, é claro, os custos aos participantes.

As diversas turmas se agrupam conforme o ano da formatura. A festa irrompe e por vários dias, todo mundo é feliz, revendo os ex-colegas e, talvez, alguns antigos mestres.

A expectativa para aquele ano era enorme. O Dr. Arnaldo ansiava por matar a saudade dos amigos. Já bem idoso seguiu para o Rio Grande, a fim de participar da comemoração.

Que decepção! Enquanto as turmas mais recentes se esbaldavam nas animadas festanças, com inúmeras pessoas, o Dr. Arnaldo ficou triste e sozinho. Soube, então que todos os seus ex-colegas não podiam mais participar de festas.

Ele era o único sobrevivente de sua turma!

COMEMORAÇÃO



A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e seus 39 anos de fundação

Histórico da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

No dia 30 de outubro de 1971, Ulisses Serra fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande, tendo como co-fundadores José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Sousa. Logo foram incorporados outros intelectuais, como J. Barbosa Rodrigues, Júlio Alfredo Guimarães, Hugo Pereira do Vale e Antônio Lopes Lins.

No ano seguinte, no dia 30 de junho, falecia Ulisses Serra, que escrevera, no seu insubstituível livro *Camalotes e Guavirais* (lançado em 1971): “Se eu morrer ahures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.”

Assim, assumia a direção da Academia o vice-presidente José Couto Vieira Pontes que, reeleito sucessivamente, esteve, até outubro de 1982, à frente dos destinos da mais legítima e proeminente entidade

cultural de Mato Grosso do Sul. No dia 13 de outubro de 1972, ocorreu, no salão nobre do Hotel Campo Grande, a sessão solene de instalação da Academia de Letras e História de Campo Grande, com a presença de inúmeras autoridades, destacando-se os escritores Ivan Lins e Hernâni Donato. Aquele, representando a Academia Brasileira de Letras; este, a Academia Paulista de Letras.

De 1982 a 85, foi presidente Otávio Gonçalves Gomes; sucedeu-o J. Barbosa Rodrigues. Em 1988 foi eleito Elpídio Reis, que presidiu a Academia até 1997, quando faleceu, sendo substituído pelo vice-presidente Arassuay Gomes de Castro, que, por motivos de saúde, renunciou em 29 de janeiro de 1999. Na presidência de Otávio Gonçalves Gomes, o brasão da Academia sofreu leve alteração: das 54 estrelas foram retiradas 14, representando, as quarenta remanescentes, o número de cadeiras da Academia. No lugar das estrelas excluídas inseriu-se, por sugestão do acadêmico Hildebrando Campestrini, o dístico (de Cícero) *Litterarum Lumen* (a luz das letras).

Com a renúncia do vice-presidente Arassuay, assumiu interinamente o então secretário-geral, Hildebrando Campestrini, que convocou imediatamente novas eleições, tendo sido eleito, em 11 de fevereiro do mesmo ano, José Pereira Lins, que completou o mandato de presidente e foi reeleito, tendo renunciado em 13 de novembro de 2002. Lins foi substituído pelo secretário-geral à época, Hildebrando Campestrini (pois o vice-presidente, Júlio Alfredo Guimarães, falecera).

Convocadas novas eleições, foi aclamada, no dia 30 de janeiro de 2003, a chapa presidida pelo acadêmico Francisco Leal de Queiroz. Faziam parte também desta Diretoria eleita acadêmicos recém-empossados na ASL, como Reginaldo Araújo (vice-presidente), Rubenio Marcelo (secretário-geral), J. P. Frazão (secretário) e Guimarães Rocha (tesoureiro). Na presidência de Leal de Queiroz, além da criação da Revista da ASL e do Colar Acadêmico, foram recuperados e modernizados alguns espaços do imóvel (sede da ASL), o que permitiu implantar, na área vaga, um excelente espaço cultural (inaugurado no dia 14 de agosto de 2003), bem como instalar, na parte do fundo, o Instituto Histórico e

Geográfico de Mato Grosso do Sul (que funcionou no local até janeiro de 2008. Atualmente, o IHGMS atende em novo endereço: Avenida Calógeras, 3.000 – Esplanada da Ferroviária).

Para o triênio administrativo compreendido entre 2005/2008 foi eleita a diretoria encabeçada pelo acadêmico Reginaldo Alves de Araújo, que deu continuidade às metas anteriores e reativou projetos tradicionais como o Chá Acadêmico da ASL (reunião que atualmente acontece sempre na última segunda-feira de cada mês, confraternizando acadêmicos, familiares e convidados do sodalício).

Reeleito recentemente, Reginaldo tomou posse, na noite de 31/10/2008, na atual presidência da ASL para o triênio que vai até outubro de 2011. Compõem também esta Diretoria os seguintes membros: Abrão Razuk – vice-presidente; Rubenio Marcelo – secretário-geral; Valmir Batista Corrêa – secretário; Guimarães Rocha – 1º tesoureiro; e Augusto César Proença – 2º tesoureiro.

Pode-se dividir a história da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras em antes e depois da presidência de Elpídio Reis. Na primeira fase, de consolidação, a Academia criou, nos primeiros anos, por sugestão do fundador, o Suplemento Cultural (publicação de textos dos acadêmicos da ASL), que é até hoje editado regularmente todos os sábados, no *Correio do Estado* (jornal de maior circulação no Estado). Acrescente-se que o Suplemento Cultural deve ser hoje o de maior longevidade na imprensa brasileira. Além disso, era instituído, em 1972, o Concurso de Contos Ulisses Serra.

Também por cortesia do acadêmico J. Barbosa Rodrigues, as dependências do jornal *Correio do Estado* abrigaram uma das primeiras sedes da Academia. Logo começaram as publicações, destacando-se *Campo Grande – Aspectos Jurídicos e Políticos do Município* (de Demóstenes Martins, 1972), *Deste Lado do Horizonte* (de José Couto Vieira Pontes, 1972), *Biografias de Patronos* (1973). Quando assumiu a presidência, Elpídio Reis propôs alguns projetos, iniciando pela mudança de endereço. Alugou-se um sobrado na Rua Euclides da Cunha, com espaço para ali implantar alguns serviços e oferecer cursos.

Em 1988, como contribuição maior à cultura sul-mato-grossense, surgiu a Série Historiográfica (com 14 títulos), publicada pelo Tribunal de Justiça, graças ao empenho do sócio Hildebrando Campestrini, que era diretor naquele órgão. Dessa coleção se destacam obras que atualmente são clássicas em nossa bibliografia: *Seiscentas Léguas a Pé* (de Acyr Vaz Guimarães, reeditada pela Biblioteca do Exército), *Camalotes e Guavirais* (de Ulisses Serra), *Canaã do Oeste* (de José de Melo e Silva), *Pelas Ruas de Campo Grande* (1.º volume – *A Rua Velha*; 2.º – *A Rua Principal*; 3.º – *A Rua Barão* – de Paulo Coelho Machado, observando-se que o 4.º volume e 5.º foram editados posteriormente pela prefeitura municipal) e *História de Mato Grosso do Sul* (de Hildebrando Campestrini e Acyr Vaz Guimarães).

Foi criada a Estante de Mato Grosso do Sul e, pouco depois, foram ativados o Centro de Pesquisa e o Clube do Livro para incentivar a leitura e facilitar a pesquisa principalmente de estudantes.

Outra iniciativa foi a Campanha de Angariação e Distribuição de Livros, que conseguiu alguns milhares de volumes, com os quais a Academia formou numerosas minibibliotecas, distribuídas a escolas, presídios, clubes de serviço, entre outros. Anote-se que esta Campanha teve a colaboração intensa do acadêmico Hélio Serejo.

Foram ministrados, na sede, diversos cursos, como Arte Poética, Arte de Escrever, Arte do Conto. E para os alunos das escolas da capital foi criada a campanha A Academia nas Escolas, que levava acadêmicos para falar aos alunos (Projeto este que vem atualmente se realizando). Só Elpídio Reis proferiu mais de trezentas palestras a estudantes, não incluídas as diversas que proferiu no interior do Estado.

Incentivando o intercâmbio, a Academia recebeu a visita do então presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Ataíde, e de Afrânio Coutinho. Nesse período a Academia expandiu-se para o interior, com alguns cursos e algumas sessões solenes, destacando-se a de comemoração do centenário de Aquidauana.

Vale registrar que o acadêmico Luís Alexandre de Oliveira doou, em vida, para a Academia, sua ampla casa, situada no centro da cidade,

na Rua Rui Barbosa, 2.624. Com o seu falecimento, a Academia pôde transferir-se para sua sede definitiva, em 1.º de outubro de 1999.

Atualmente, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – que possui seu site/internet no endereço www.acletrasms.com.br – atende, como referência cultural, a todos que buscam seus serviços, principalmente sua biblioteca e acadêmicos (para entrevistas, orientações e solicitações de palestras e apresentações).



Criação do Suplemento Cultural

O atual Suplemento Cultural, presente todo sábado no Jornal Correio do Estado, é, segundo consta, o Suplemento mais antigo em circulação contínua no nosso país.

Sua concepção remonta à reunião da Academia de Letras e História de Campo Grande, em 22 de janeiro de 1972, como registra a ata: “Os confrades Otávio (Gonçalves Gomes) e Couto (José Couto Vieira Pontes) comunicaram aos presentes que haviam criado um Suplemento Literário no ‘Correio do Estado’, que sairia aos sábados, solicitando colaborações em prosa e verso dos membros da entidade, ressaltando a simpática cooperação do diário dirigido pelo culto e dinâmico homem de letras Prof. J. Barbosa Rodrigues. Esclareceram que o referido Suplemento desempenharia a função de veículo de difusão da cultura campo-grandense.”

Na reunião da Academia realizada em 29 de janeiro de 1972, “os acadêmicos Couto e Otávio apresentaram aos presentes o primeiro número do Suplemento Literário do ‘Correio do Estado’ e editado nos dias 29 e 30 de janeiro de 1972, havendo os presentes tecido louvores e elogios à grande iniciativa cultural da imprensa campo-grandense.”

Aquele primeiro número trazia assuntos e temas de obras de ficção – de José Couto Vieira Pontes, que assim concluía o artigo: “Seja

como for, criar a literatura de ficção importa nessa busca incessante de situações que não se apresentam simplesmente como um drama corriqueiro, banal, própria de uma reportagem ou de coisa semelhante. Mas sim de situações em que a alma de personagem é sondada em profundidade, seus gestos, suas reações, suas atitudes, em que o ser humano é surpreendido no desempenho, às vezes inconfessável, de sua própria condição.”

Apareciam, no mesmo número, Eis a amarga questão (poesia) – de Hugo Pereira do Vale; a poesia Carro de Boi, de Otávio Gonçalves Gomes; e Eu e Quasimoda, de Rui Garcia Dias. No mundo das letras, notícias de que se destaca a seguinte: “Em grande e produtiva atividade a nascente agremiação literária denominada Academia de Letras e História de Campo Grande – Sábado, dia 25, houve reunião na residência da confreira Dona Inah Machado Metello, no horário regulamentar de 10h às 12h, tendo comparecido os membros Demóstenes Martins, Hugo Pereira do Valle, Otávio Gonçalves Gomes, Sá de Carvalho, Mariano Cebalho, José Couto Vieira Pontes, Oliva Enciso. Lida na ocasião uma carta do confrade Ulisses Serra, dirigida aos companheiros, do Rio de Janeiro, onde se acha em férias. Foram discutidos vários problemas de interesse da entidade e debatidos temas literários da atualidade”.

Em 1983, o Suplemento Literário passava a denominar-se Suplemento Cultural.

Enfrentando as dificuldades comuns a esse tipo de iniciativa, o Suplemento Cultural vem, nestes gloriosos anos de vida, registrando a trajetória da literatura sul-mato-grossense. Graças à visão pioneira de J. Barbosa Rodrigues e de seus sucessores.

Ao Correio do Estado, aos que acreditaram no projeto e aos que vêm colaborando, o agradecimento da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

ANTOLOGIA



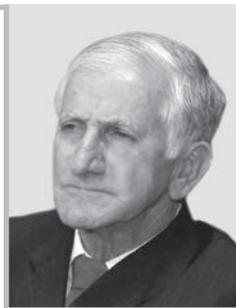
**Antologia em prosa
e versos**

(Textos de Acadêmicos)



ABRÃO RAZUK

Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: Enfoques do Direito Processual Civil, e Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia, da qual é Vice-Presidente.



Natal

No dia 25 de dezembro, comemora-se a data do nascimento de Jesus Cristo. Ele foi exemplo e modelo para humanidade. A relação passado, presente e futuro trata-se de tema profundo e pode ser examinado sob muitos enfoques. É evidente que não ousamos ingressar no campo de física e matemática e nem na lei quântica, por duas razões, por ignorância do assunto, e em 2º lugar, só há interesse sob o ângulo que a data simboliza. Do surgimento do homem na Terra, até o Século XXI, é possível uma profunda reflexão sobre seu comportamento, sua intenção, sua agressividade, seu modo de vida como ser gregário e como ser pensante. Outrora, prevalecia a força bruta sobre o direito. Àquela época, a análise do homem, ou seja, a era da força bruta, havia prevalência do instinto e da emoção, agora vige o elemento razão. Foi o Presidente Wilson – dos Estados Unidos - quem lutou para criação da Liga das Nações e foi criada, ela desapareceu e surgiu a ONU. No passado, vários povos possuíam temporariamente a hegemonia do poder bélico, citam-se os egípcios, romanos etc. e atualmente, com o poder absoluto, os Estados Unidos quem possui o maior arsenal bélico e atômico do mundo. O cavalo desapareceu para dar lugar ao botão

que aciona a ogiva nuclear. O dedo mais importante do planeta hoje é Brack Obama. Fuzil, canhão, já era. Hoje vale a tecla do computador e da ogiva nuclear.

Parece-nos que o princípio da autodeterminação dos povos sofreu restrição. Há atualmente a OTAN, ela possui armas (reunião das forças dos países sob o rótulo da ONU) e quem manda são os Estados Unidos.

A crítica que existia contra a Liga das Nações por sua fraqueza eclodiu na 2ª Guerra Mundial, porque não tinha sanção contra quem usasse de violência ou desrespeitasse a soberania de outro país ou desrespeitasse os direitos humanos ou utilizasse da prática de genocídio.

Hoje o chefe de Estado que desrespeitar os direitos humanos poderá ser julgado por Tribunal Internacional, pois está criado o Direito Penal Internacional (Corte de Haia), exemplo, Pinochet, Fugimori, etc. Este Tribunal tem o apoio do dono do mundo (Barack Obama). Lembrem-se, o poder muda de mãos. Quem sabe em 2011 poderá ser a vez do Brasil.

Que, neste 25 de dezembro de 2010, possam os mandatários respeitarem os direitos humanos, valorizar a vida, melhorar a sua qualidade, acabar com a fome de Uganda-África, reinar a paz entre árabes e judeus, combate sem trégua contra a corrupção, a droga, crime do colarinho branco, respeito às minorias raciais, à ecologia, combate ao preconceito, racismo, etc. Enfim, que o exemplo de Cristo fique impregnado no coração de Obama e dos demais chefes de Estado.

Feliz Natal e próspero 2011 para todos os homens e mulheres de todas as raças, credos e religiões do mundo.



AMÉRICO CALHEIROS

Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da ASL.



A Mulher e o Pássaro

Todo dia o sabiá urgia,
na briga entre o nascer do sol
e o chegar da lua.
Na barriga do dia
ele sumia.
Catar ao vento alimento,
cutículas da natureza,
perdidas no chão do quintal,
onde só olho de pássaro vê,
dominava seu dia.
O bichinho, vindo não sei de onde,
agora urbano,
cidadão vazio,
já que mato não tem mais,
nem teto verde feito nas madeiras.
Tem a bondade da mulher,
mulher da cidade.
Uma pantaneira, escondida em vestes da urbe,

saúda o sol, saúda a lua,
vê no passarinho seu passado camponês.
Sabe que o canto de cada um
é singular dos demais.
Mulher e pássaro têm conversa,
cumplicidade de alma,
e se sabem amigos.
A mulher no passarinho vê seu ninho de saudade,
do mato verde, da água pantanosa,
do campo sem limite,
do pequeno tempo de sonho.
O pássaro canta com a mulher.
A mulher põe água todo dia na vasilha
e joga ciscos de comida.
O passarinho saúda, aproveita e entre
rápido, faminto, saltitante, elegante,
arisco, amigo, versátil, confidente e comum,
canta para a mulher da cidade,
de coração pantaneiro,
sua melodia única de - “muito obrigado”.

Poesia oblíqua

Não deixe pela metade a poesia,
escreva-a de trás pra frente. deitado,
de ponta cabeça serve, comendo
sons entre arroz e feijão. Respire
palavras no galope do ofício diário.
Pelo amor de Deus, esqueça modelo
que revele a preguiça poética. Construa
poesia oblíqua a tudo.

Licença para a Poesia

Poesia se faz com tudo:
verbo, advérbio, adjetivo,
muitos adjetivos,
quase nada de adjetivos.
Muita substância,
substantivo, substantivo-adjetivo
nomes, pronomes
pessoais, impessoais e até, se puder,
artificiais, com licença poética.

Pode ainda ser feita
com oxigênio, nitrogênio, hidrogênio
e moléculas diversas:
cobre, chumbo, ferro e manganês,
e átomos satíricos, oníricos, atípicos,
todos perdidos no buraco negro
da ciência, com anuência e ausência
de consciência.
Angelical, satânica ou biônica,
mas irremediavelmente atônita.

Se constrói bonita, esquisita,
com o metabolismo orgânico
inteiro, gástrico, intestinal.
Com tudo que resta
da mistura dos radicais
livres
e féculas que sobram
na bosta da vaca amarela
e quem fala primeiro
come a dela.

E quando articulada
com a sensação hiperbólica da razão,
se faz metafórica sempre.
Paradoxa e não ortodoxa,
trai a antítese, provoca o eufemismo.
Não casa só com pleonasma.
Fica onomatopéica, quando assim
se convencionou,
e abandona a rima, a métrica e o compasso.
Tudo pelo grande amor
de uma só sílaba,
não importa se tônica ou átona
mas apenas silábica.

Vida simplinha

Minha vida é simplinha.
Sem arroubos poéticos e proféticos,
sem a destreza dos gafanhotos
no deslocamento.
Sem a orientação das formiguinhas
no andamento.
Minha vida é só minha, sem surpresas.
Simplinha.



GERALDO RAMON PEREIRA



Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicase também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, e “Auroras e Crepúsculos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.

Em tríplice inspiração, Rubenio Marcelo e coautores timbram “Uma Saga do Cotidiano...”

Na vida, as primeiras sensações profundas marcam e tornam-se referenciais para a memória emotiva; as emoções primevas podem, portanto, transformar-se em paradigmas perenes... E minhas primeiras emoções incisivas, associadas a versos, me foram suscitadas pela linguagem cordelística, cuja magia despertou em meu ser, então “na aurora da vida”, a índole de poeta e o amor pela cultura de raiz. E levou-me a concluir, ao longo de uma fecunda vivência literária, que nenhuma outra forma poética – dos versos livres ao soneto – se iguala à riqueza potencial de expressão semântica contida em um legítimo Cordel.

E eis que o escritor Rubenio Marcelo, inspirado nesta dinâmica vertente artística e em admirável sintonia com seus parceiros literários, logra explorar, neste seu novo livro (pela Ed. Life) “*A Odisseia de Xexeu, Xana e Xibina - Uma Saga do Cotidiano*”, todo o potencial de possibilidades estético-literárias de uma diferenciada obra do gênero. E consegue, como poeta eclético que é, escrever com maestria e originalidade uma autêntica novela/romance em versos heptassílabos, distribuídos em décimas cadenciadas (com ou sem motes), que formam os nove capítulos (e um intermezzo) de uma estória que nos toca inapelavelmente.

Em linguagem escorreita e clara, rico e típico vocabulário, a obra atinge os píncaros da perfeição poética e formal, conferindo ao livro o cunho de obra prima no contexto da literatura clássica-popular, o que justifica a afirmativa do poeta, compositor e repentista Daudeth Bandeira, logo na “orelha” da capa: “Os poetas Rubenio Marcelo, Fernando Cunha Lima e Odir Milanez, em parceria trilhando os caminhos a princípio de Chico Ornitola e a costureira Xoxa, e, depois, de Xexéu, Xana e Xibina, realizaram, de forma poética, romântica e realística, uma das lindas jornadas épicas da nossa idade contemporânea, o que deverá se tornar uma das mais badaladas estórias do nosso romance brasileiro”.

Em consonância com a qualidade ímpar do conteúdo, o Prefácio do livro é magistralmente apresentado também em forma de décimas, sob a inspiração, a arte e a criatividade literária da impecável pena do poeta, membro da Academia Paraibana de Letras e ícone da cultura brasileira, Ronaldo Cunha Lima. Na terceira estrofe (de um total de dez) de sua imparcial análise sobre o teor e desenrolar da excitante “novela em versos”, Ronaldo observa: “Tudo feito de improviso, / Cada qual com versos mais, / Mantendo os ritos iguais, / Traçando o mesmo juízo. / O conceito foi preciso / Nessa estória suburbana. / Tratos da vida mundana / Em bucólicas paisagens. / Como partida, as imagens / Do casal Xexéu e Xana.”

Em sua fotográfica e feliz Apresentação, o poeta e crítico paraibano José de Sousa Dantas comenta com fiel realismo: “‘*A Odisséia de Xexéu, Xana e Xibina - Uma Saga do Cotidiano*’ – trata-se de uma narrativa original, dramática, envolvente e emocionante, que fala de vários aspectos de uma vida humana entre seus personagens, apresentando uma história que existe não só em ficção, mas que acontece no mundo real, resultando nesta primorosa e sensacional obra poética, que prende a atenção do leitor em cada verso, em cada estrofe e em cada capítulo, do início até o final.”

Deveras, com exuberante riqueza de técnica estética e artimanha metafórica, a obra trescala não raro a essência da genuína e atraente literatura em versos, como se pode constatar nas imagens desta estrofe do capítulo final: “*De repente, muda o vento, / Vai sossegando o terral.*

/ Xexéu consegue, afinal, / Concentrar o pensamento. / A mata, em contorno lento, / Alguma clareira ensaia. / Um revoar de jandaia / Faz presente a viração. / Xexéu, pegando ao timão, / Fica à procura de praia.”

Enfim, este livro acalenta em seu imo o mistério místico das tríades: três protagonistas... três autores... três introdutores... todos compondo uma espécie de “santíssima trindade” no céu da literatura regional – que há de se manifestar, como una e soberana deusa-mãe, no contexto sem fronteiras da Literatura Universal. A propósito, nas páginas finais do livro, os três afinados coautores – Rubenio (MS), Fernando (PB) e Odir (PB) – ainda presenteiam os leitores com três sonetos (um de cada) à guisa de posfácio e expressando a tríplice emoção da fértil parceria interfronteiras (e, no primeiro quarteto do seu soneto, Rubenio Marcelo assegura: “Dos gametas da trina inspiração / De três entes, glosando em disciplina / ...”).

Nossos louvores, portanto, ao ilustre acadêmico e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Rubenio Marcelo, pela sábia e feliz escolha de parceiros autorais que afinam com seu nível intelectual e inteligência, cuja obra, aqui semeada, só fará por inovar, fecundar e enriquecer a Literatura do nosso Estado e do País.



“Itabaiana – deslumbramento de uma época”

(Prefácio do livro homônimo)

Mágico encantamento deslumbrava-me à medida que ia recebendo, no cálice da curiosidade, o vinho saboroso destas crônicas aqui enfeitadas sob o sugestivo título **“Itabaiana – deslumbramento de uma época”**. Acalentando como axioma temático vivências e acontecimentos marcantes relacionados à singela, mas inesquecível e pitoresca infância de Regi – apelido em forma apocopada de Reginaldo, prenome do autor desta obra –, tais crônicas me iam sendo encaminhadas por ele, uma

a uma, para publicação no Suplemento Cultural, página que sai aos sábados no Jornal Correio do Estado (MS), sob minha coordenação e responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Atual presidente deste sodalício acadêmico, o escritor Reginaldo Alves de Araújo dá prosseguimento, neste seu livro, àquilo que faz de mais autêntico no âmbito literário: resgatar, em verdadeiras pinturas cinematográficas, memórias pessoais ou de outrem, recriadas no seu rico imaginário com um toque estético a um só tempo subjetivo e realístico, dramático ou cômico... Tal estilo é que lhe confere, através de envolventes crônicas, a marca pessoal da originalidade, engenhosamente vazada em percepções multifacetadas, que motivam e prendem o leitor.

O cenário de quase todas as histórias é a bucólica Itabaiana, formosa cidade situada na margem direita do Rio Paraíba (do Norte), no estado do mesmo nome. O protagonista de cada crônica, quando não uma personalidade local ou em visita, é o próprio Regi, ao longo de sua infância até a pré-adolescência, ali pelos treze ou quatorze anos. As cenas se passam ora na roça ou agreste, ora em ambientes outros que marcaram o autor, como a igreja, a estação da estrada de ferro, ruas, árvores, praças, estabelecimentos comerciais... mas, principalmente, no remansoso rio Paraíba – palco de belíssimas recordações, em cujas águas possivelmente Reginaldo haja molhado não apenas o seu corpo, mas também sua pena para rabiscar, na saudade, os mais interessantes, poéticos e até comoventes registros – vislumbrados, àquela época, pelos curiosos e sonhadores olhos do menino Regi.

Assim, logo na primeira crônica da coletânea – **Batismo de Jesus no Rio Paraíba** – na cena em que um sacerdote reproduz o batismo de Cristo nas águas do Rio Jordão, o então menino Reginaldo Alves de Araújo afasta-se do grupo e, ao sol poente sobre as águas, sonha e descreve o seguinte quadro: “As imagens fervilharam em minha mente. São João Batista, perfilado, no meio do Paraíba, recebeu o Filho de Deus, o colocou no seio das águas, e então sai para criar um novo mundo e um homem novo. Nesse momento, as águas do Rio Paraíba estremecem de uma alegria desconhecida, tocam a carne adorável do Salvador, afastam-se com

esforço, vão-se, santificadas por tal contato, e santificam todas as águas do Universo e lhes comunicam a virtude de apagar os pecados pelo batismo.”

Reginaldo, nas crônicas apresentadas neste compêndio, como que pinça diversos fatos e incidentes que aconteceram em sua modesta vidinha de menino camponês, solto ao vento e ao mundo, todavia sempre sujeito aos sábios desígnios apontados pelos seus genitores. Participava, ao lado do pai, dos afazeres na lavoura, ou das lides domésticas, junto à sua venerada mãe e outros familiares. Portanto, suas crônicas nada mais são do que fragmentos de sua modelar autobiografia infantil, no seio de uma família humilde, porém laboriosa e responsável.

A esta singela e feliz convivência familiar somaram-se seus pendores inatos pelo saber, em especial, pelas Letras. Para angariar conhecimentos, o pequeno Regi apoderava-se de trechos de sermões dos padres, encontrados nas sacristias... Lia revistas antigas e pedaços de jornais esquecidos nos bancos das praças e até impressos descartados para os lixões de sua querida Itabaiana. Enfim, Reginaldo Alves de Araújo aprendeu com gente famosa e importante a amar e a praticar Literatura. Tudo isso com muita curiosidade, esforço pessoal e dedicação. E tudo isso você vai comprovar, nobre leitor, saboreando, como eu, uma por uma, todas as crônicas deste magnífico **“Itabaiana – deslumbramento de uma época”**, novo livro do franzino ex-garoto caipira paraibano, Regi, hoje simplesmente membro e ilustre Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – órgão de magna representatividade lítero-cultural do nosso estado.

Campo Grande/MS, 06 de abril de 2010



Ouçame

(Curiosidade literária: texto introdutório ao primeiro livro de Geraldo Ramon Pereira – Poemas Íntimos - Vol. I – escrito por ele e datado de 08 de fevereiro de 1966)

Seja por distração, curiosidade ou devaneio, eis que você se encontra a folhear minha humilde obra! De qualquer maneira, fico-lhe eternamente agradecido.

Este modesto livro carece de seu afago, precisa-lhe do calor das mãos, da carícia dos olhos, para que possa sobreviver... Em cada verso há verso há um fragmento de minha alma sofredora, tão ávida do carinho humano! Cada estrofe é um sonho desfeito; cada poema, uma esperança que se apaga.

Tenham estas poesias as venturas que não teve seu poeta! Estejam ao seu lado os amigos que nunca tive! Pouse sobre elas o olhar doce e terno da virgem que nunca me fitou!... Caso venha assim acontecer, terei eu alcançado em versos aquilo que não consegui na vida prática: ser compreendido!

Se, pois, ao ler este compêndio, você sonhar e padecer comigo, permita-me chamá-lo – meu amigo! E hei de agradecer aos Céus pela doce consonância dos nossos sentimentos. Entre nós haverá alguma coisa que se chama “Poemas Íntimos”.

São os arrulhos melancólicos e saudosos de uma existência ardente, entre as quinze e vinte primaveras. Oh! Meus quinze anos! Minha alma inocente e recém desabrochada inundou-se do amor como o cálice da rosa ao orvalho da manhã!... A rosa, porém, logo se vê beijada e aquecida aos primeiros raios de sol; e eu não tive o sublime calor da correspondência, nem a amiga compreensão para com o amor tão ermo de carícias!

Comecei a escrever versos. A poesia tornara-se-me, assim, a dócil e terna companheira das longas horas de solidão.

Poesia! Meiga e formosa virgem de cabelos longos e olhos verdes como o mar! Impossível, para mim, conviver com ela só como amigo... Apaixonei-me! E a casta e divinal madona assentiu em ser minha sincera namorada.

Minha querida poesia!... De mãos dadas e felizes passeamos pelos mais lindos recantos das ilusões e dos sonhos.

Mandei, depois, construir nosso lar. Local: paraíso. O prédio é

simples: paredes de amor, amassado em lágrimas; portas de felicidade; assoalho de sorrisos; forro de ternura; cobertura de esperanças.

Nosso carro é um cirro muito branquinho.

Residimos na avenida Celeste, bem defronte ao largo da Saudade.

Alimentamo-nos de ilusão, que é cozida ao fogo do nosso amor.

E, o mais importante de tudo isso é que já temos um filhinho, o orgulho da família: chama-se – “Poemas Íntimos”. Veja! Ele está sorrindo para você! Leve-o! Dê um passeiozinho com ele... Através do seu coração!...

Campo Grande/MS, 08 de fevereiro de 1966



“Versos Livres” e um “Cordel” de um sonetista (*):

I – versos espontâneos

Quero escrever um poema
Sem rima certa,
Sem cadência de soldado...
Como fosse um passarinho
Voejando, sem destino,
No céu, despreocupado...

Talvez qual uma borboleta
Sem preconceito de pousar
Numa flor ou num estrume...
Talvez como um vaga-lume
Cuja luz é um lampejo incerto
Nas trevas em que se arrisca.
Quero ter o passo incerto

Do sertanejo indolente
Trilhando o trilho deserto
De um matagal sem fim...
Não importa pisar o vergel
Ou mortal cascavel!

Que a rima ou a cadência
Sejam meu próprio interior...
Não importa que o papel
Seja um pedaço de céu
Ou parte do meu amor;
Quero um poema de liberdade!...

Pois quero colocar pra fora
De um ego que tanto chora
Tudo que o tumultua, ao centro;
Quero ser livre como o vento
Que ainda continua, lá fora,
A sua mensagem pra dentro...

Se o compasso for de onda
Ou de uma sentinela;
Se a poesia sair redonda
Ou com forma de tigela...
Nada disso me importa!|
Quero um poema sem formalidade,

Verso curto
Ou quiçá longo demais pra se entender ou analisar...
Que importa isso tudo?!...
Se falo muito, ou me faço mudo
Ao entendimento do meu leitor...
Este buscará em mim apenas o poeta!

Agora, sim.
A mulher que eu amo,
E a quem o poema se destina,
– Esta, sim –
Não buscará cadência nem rima...
Buscará apenas o homem amado.
E ele estará presente – com rima e cadência –
Em cada verso mal traçado!

II – Alma nas ondas

Gosto de você como você é:
Fugitiva, insinuante, desprezando,
Chamando, chutando...
E amando, até!
Gosto de você como você é:
Após um olhar de amor,
Ternura, afeto, calor...
Uma fuga inexplicável,
Uma ausência deplorável
Me causando tanta dor!
Mas eu gosto de você
Assim como você é...
Ora, eu creio em você,
Ora, não lhe ponho fé!...
Porém, a verdade é só uma:
Amo-a assim, esquisita como é,
Qual nunca amei pessoa alguma!
Amo-a assim como você é...
Todo homem tem na vida
Alguém a quem beija o pé;
E quis fazer o destino

Você santa, você Lúcifer!
E eu aprendi a amá-la
Assim como você é,
Ora, amando a santa,
Ora, amando o Lúcifer...
Porém, uma coisa me encanta:
Amado Lúcifer ou santa
Eu amo em você – a MULHER!

III – Novo contraste

Novo ano
Ano novo...
Nova vida
Vida nova...
Nova esperança
Novo tudo
Tudo novo...
Entrei na sala
Nova sala
De novos alunos...
Nova inquietude
Da nova e quente
Juventude!
Carteiras novas
Novas cortinas
Rapagotes novos
Novas meninas!
Apagador novo
Novo giz...
Quadro novo
De novo matiz!

Novo tudo
Tudo novo!
Em novo canto
Armário novo
De novo tom
Novo e vermelho...
E no armário novo
Novo espelho
A refletir
O novo ambiente!
Objetos novos
Novas gentes.
Novos passos
Do novo professor
Que se vê de novo
No novo espelho
E analisa de novo
Sua nova feição:
Nova fisionomia
De um mestre novo
Que ENVELHECIA!...

IV - Glosas ao meu amor

Como é linda a luz da lua
Quando já se foi o sol,
Como é belo o arrebol
Envolvendo a noite nua
Onde a treva já flutua...
Como é lindo ver o mar
Tantas lágrimas chorar
Quando o dia vai embora...

Que lindo é o surgir da aurora
COMO É LINDO O TEU OLHAR!...

Como é belo ver estrelas
No céu, piscando pra gente...
Minh'alma toda ressentida
Se a noite não posso vê-las...
Se cismo tristonho, ei-las
Bem longe a me acalantar...
Como é lindo ver brilhar
Terna luz banhada em ouro,
Como é rico o meu tesouro...
COMO É LINDO O TEU OLHAR!...

Que beleza um vaga-lume
Pondo luz onde há escuro...
E como voa seguro
À mercê do tênue lume...
Que beleza a ave implume
Na ave-mãe a se esquentar,
À luz do sublime amar...
Que luz linda tem o brilho
Da mãe que fita seu filho,
COMO É LINDO O TEU OLHAR!...

Na avenida, que lindeza,
Pelas curvas ascendentes
Ver lâmpadas reluzentes
Qual uma serpente acesa...
Que alucinante clareza
Se a gente quer apagar
E vê tanta luz brilhar
Pelas ruas da cidade!...

Como é bela a claridade,
COMO É LINDO O TEU OLHAR!...

Como é bom ver claridade
Já nas coisas abstratas:
Luz das pessoas sensatas,
Lampejos da Eternidade,
Sol nascendo na saudade...
Como é linda a luz do amar
No incessante fulgurar!...
Feliz é quem se conduz
Luzindo na própria luz...
COMO É LINDO O TEU OLHAR!...

E em luz, tudo se resume:
Como fulge o arrebol!
Como é clara a luz do sol!
Como pisca o vaga-lume!
Que divinal é o lume
No sertão feito em luar!
Como é lindo o cintilar
Das estrelas nas alturas!
Num olhar, quantas doçuras,
COMO É LINDO O TEU OLHAR!...

(*) - Do livro POEMAS ÍNTIMOS – VOL II / Ed. 1974.



Rimas de Natal

Natal – palavra mágica e sonora,
Com qualquer outra, pelo amor, faz rima;
Seja com ontem... hoje... ou com agora,
A rima do Natal é a mais divina!

Natal – rima com dentro se lá fora
A alma humana com Deus se descortina;
Natal – rima com fica ou vai embora,
Desde que Jesus trace a nossa sina!

Natal – rima com fé, com esperança,
Com homem, mulher, velho ou com criança;
Natal – rima com bem, com eternidade...

Natal – do amor é prece de alegria,
É do cristão a única poesia
Que rima Vida com Felicidade!



GUIMARÃES ROCHA

Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético - www.guimaraesrocha.com.br. Recentemente lançou "Coronel Adib - A História". Autor do CD "Encanto". Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.



Grande Oriente de Mato Grosso do Sul A.: R.: L.: S.: Luz do novo milênio nº 3.350

Felicidade

Medita o poeta por entre os pirilampos
Vibra um canto novo sobre antigas eras
A voz da liberdade tropeja pelos campos
Abrindo caminho e dissipando as trevas

Brota do coração a mensagem da alegria
Viva no Desígnio G a Beleza resplandece
Felicidade é a ternura com nova energia
Diante do infinito em que a alma cresce

O encontro de Loja é o grande despertar
Para endireitar nossas veredas o sino soa
Obreiros da arte real fazem a luz brilhar
Construindo o perfeito que se aperfeiçoa

Ouço ao longe no tempo eterna sincronia
Nos versos testados isso não se faz sozinho
T... t... t... tira da opaca madeira sintonia

Afirmo que é meia noite na coluna do sul
Na construção interior move-se o moinho
Atenção à tarefa tem carinho da cor azul

O vigilante do norte confirma é meia noite
A sentença de amor em nobre pergaminho
Com o espírito de verdade lhe faz a corte

Não tremerá o que sabe o jugo da Ordem
E ousará diante do sagrado com liberdade
Comprometido nas trilhas do sumo Bem
Alcançará reconhecimento espiritualidade

E ao plenilúnio balança o sensível coração
Na rede afetuosa do humilde contemplar
Harmonia reina sem mistério na amplidão
No mar de amor solidariedade a navegar

Ao construtor universal o edifício da virtude
Sua plaina faz retidão de justiça e verdade
Nessa glorificação sem medo da vicissitude
Opera no silêncio uma duradoura felicidade



A estrela oculta

Humildade é virtude secreta
Pois ela não se diz

O teu sindicante não perguntou
Mas mediu a tua chama íntima
De humildade para a Ordem

Não será Sublime aquele que não souber
Passar em oculto ardendo em silêncio

A santidade escreveu:
“Humildade é o chão das virtudes”
Sem a tal as demais se perdem

Vaidade é a maior cilada para o espírito
A glória da Arte Real não será conhecida
Nem saboreada por um arrogante

Humildade flor da consciência
Sobre as limitações de terra

Energia limpa no culto da interioridade
Humildade da ilimitada luz
No céu das divinas obras



Céu

Dignidade é o céu almejado
Desde sempre e para todo o sempre
Amor é o que buscamos
Dar e receber

Não existe outra lei
Linda sentença do coração
Inteligível a toda criatura
Indizível Amor

O Sol é testemunha de quanto amor existe
Amor é o próprio existir do Céu

Na conversa entre as estrelas que brincam
E ardem de amor pelo infinito
O coração da vida expande
Fibras e flores espirituais de ilimitado número

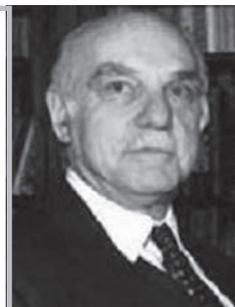
A corda mais sensível da compaixão é o perdão

Pelos campos da caridade
A bondade é a mais bela flor
A espiritualidade alta
Coroa somente o desprendido
Que venceu a ilusão do ego a serviço do irmão



HERNANI DONATO

Nasceu em Botucatu (SP) em 1922. Jornalista, recebeu diversos prêmios pelos seus trabalhos em televisão e cinema. Reside em São Paulo (Capital). Dentre suas numerosas obras destacam-se: Selva Trágica (sobre o mundo da erva-mate – transformado em filme) e Dicionário das Batalhas Brasileiras. Ocupa a cadeira n° 01 da Academia.



Espírito natalino

Erguiam as taças para o brinde quando o teto estrondou.

- Jesus! A casa cai! O que será? Alguma coisa?

- Vai ver que é a estrela de rabo!

Os homens subiram, decididos:

- Atenção aí à frente. Há muito malandro aproveitando o Natal para assaltar. Avançamos todos juntos!

As mulheres freneticavam, à espera:

- Descobriram? Cuidado! Levem um revólver! Voltem! Chamem a polícia!

- A estrela. Eu disse que é! Até vi o clarão.

- Não brinque com o sagrado, seu herege. Está bêbado?!

A cozinheira pôs a cabeça na porta:

- Posso servir o peru? Está pronto.

Ninguém quis ouvi-la. Os homens voltaram. Vitoriosos. Furiosos. Empurrando escada abaixo um sujeito gordo, assustado, guturando sons nada palavras. Disputavam contra ele a posse de um saco volumoso.

- Pegamos! Falava com outros, escondidos. Estava escuro para ver os que respondiam. Usavam gíria. Não deu para entender.

O pior era o disfarce em que o invasor se metera. Suspeitíssimo. Roupa vermelha, debruada com arminho. Gorro cobrindo orelhas e testa. Barbas longas e bigodes. Coisa maluca para uma noite calorosa.

- Agarramos o tipo bem na hora. Tentava descer para a lareira.

Confirmaram o intruso ao meio da sala. Vozeavam ameaças:

- Bandido! Escolher a noite do Natal para invadir a casa!

O preso indicava o saco, o telhado, a noite lá fora.

- Não se entende bulufas. Quer passar por louco?

- Está dopado, não vê? Prá mim é viciado. Esparramaram o conteúdo do saco.

- Olhem, olhem! Brinquedos, presentes! O desgraçado roubou em todas as casas da rua!

- Uma patada para cada pacote. É o que daria se fosse lá em casa.

O funcionário público, eleitor do governo, identificou:

- Comunista! O que planeja é desmoralizar a festa cristã.

O diretor da associação de vendas do bairro mostrou experiência:

- Ladrão comum, rato de loja. Cada ano essa corja aumenta a audácia.

Já o professor de letras preferiu exibir superioridade intelectual.

-Tão ousado que acaba simpático. Está claro – é um problema social. Proponho uma coleta para...

O teto estremeceu de novo.

- São os cúmplices. Bem que avisei.

- Polícia! Cadê a polícia?

O fantasiado, de joelhos, recolhia os brinquedos. Olhava, perplexo, aborrecido, a gente ao redor. E algaraviava.

- Ainda por cima, nos desafia! Xinga!

- Uma corda. Quem tem uma corda? Vamos amarrar o cara enquanto a polícia não chega.

A cozinheira reapareceu:

- Sirvo ou não o peru? Está passando do ponto. A cinquentona, assistente social na paróquia, lembrou:

-Gente!: é Natal! Quem sabe ele tem filhos. Não é um horror ter

que enfiar-se nessa roupa e sair por aí, roubando, para poder presentear aos filhos?

- Nem pense! Por isso é que ganham confiança. É só mostrar bom coração e no ano que vem não só nos roubam mas degolam.

- Cadeia, isso sim. Nada de presentes. Onde já se viu?!

O velhote ergueu-se, atirou o saco para os ombros e assobiou. O teto voltou a estremecer.

- Está chamando os amigos! Devem ter armas! E agora?

- Políciiaa...! Onde se meteu a polícia que não aparece?

- Vai escapar. Cuidado.

O tropel do teto rolou pela escada, rompendo na sala. O homem de vermelho subiu para o trenó que saiu voando rumo aos telhados vizinhos. No meio da sala ficara um trezinho: pu-uuu – pu-uuuu...



O presente maior: a mandioca, pão vinho do céu

Vigorou consenso entre os povos: das utilidades e revelações feitas por Sumé-Viracocha-Tonapa-Questzalcoatl-São Tomé, a mais valiosa foi a da mandioca.

Trazendo do céu algumas ramas, forneceu ao homem o alimento básico, farto, fácil de obter, de preparar, de conservar, de transportar, consumível sob variadas formas.

A mandioca foi identificada durante pelo menos um século em todos os lugares com o grande espírito que se fora e voltaria.

Robert Southey abandona por um pouco o tom circunspecto do geral da obra para tecer loas à mandioca e a quem a deu aos índios. Justificando, dedicando cinco páginas àquela planta, ponderou que “se Ceres mereceu um lugar na mitologia da Grécia, com muita maior razão se devia esperar a deificação de quem ensinou aos seus irmãos o uso da mandioca”,

Não menos digno de acatamento o que Saint-Hilaire incorporou à sua obra *Segunda Viagem ao Interior do Brasil*, reforçando o inglês Southey: “Os índios do Brasil... acreditavam que fora trazida por um velho de barbas longas, chamado Zamé ou Tzamá, vindo do leste...”.

E a batata-doce, o milho ...

André Thevet detalhou o informe passado pelos tupinambás a cerca da batata-doce: “Perguntado se não seria este Deus o mesmo pro-feta que lhes ensinara a plantar os tubérculos que chamavam jetica”, responderam que “uma vez apareceu entre eles um grande caraíba (homem branco), que se dirigiu a uma jovem e lhe confiou uma raiz volumosa denominada jetica, ensinando-lhe a cortá-la em fatias, plantando-as depois na terra. Assim fez a moça...” Gonçalves Dias, comentando as observações de Thevet, lembra acréscimo feito pelo francês: “Foi Maire Monan que, sob a forma de um menino, brincando com outros de sua idade, fez presente à terra da batata-doce, do milho, da fava e da mandioca.”

Não só na Bahia, ou pelo norte e no Paraguai. Onde houve roças indígenas de mandioca e onde a mandioca foi a principal alimentação. É de Montoya, no Primitiva *Catequese aos Índios das Missões*, este depoimento redigido em 1754: “O uso desta mandioca dizem que foi apóstolo São Tomé quem dantes ensinou às gentes. Um pau à-toa tomou o bem aventurado apóstolo e o fez partir em pedaços. Esses pedaços de pau fez enterrar e, embora sem raiz, começaram eles a brotar lentamente e a criar debaixo da terra grossa raiz.”

Meio século antes, o poeta Manoel Botelho de Oliveira, em nome do povo indígena e da gente baiana, agradecera a São Tomé o haver revelado a mandioca aos homens carecidos de boa e bastante comida. Em 1705, escrevendo o poema “A ilha de Maré”, versejou: “A mandioca que Tomé sagrado/ Deu ao mundo amado/ Tem nas raízes a farinha oculta...”.

No Maranhão, igualmente Ives d’Evreux, no princípio do século XVI, colheu entre indígenas a notícia de que “outrora veio aqui um

grande Maire Ata, isto é, Apóstolo de Deus... foi quem mostrou a mandioca, as raízes para fazer pão, porque antes só comiam nossos pais raízes do mato.”

A revelação sumeana é referida por excelentes autoridades. Varnhagen, citado por Rocha Pombo (*História do Brasil*), referendou que “a tradição recolhida da boca dos índios em tantos pontos do país e por autoridades diferentes é concorde em asseverar que parte da anrrega civilização dos aborígenes, e sobretudo a cultura e a preparação da mandioca, fora trazida por um estrangeiro barbado, de quem conservaram memória. Chamam-lhe Sumé ...”

A atribuição varou os tempos. Em 1997, Jorge Caldeira, coordenando o livro *Viagem pela História do Brasil*, incluiu nele a afirmação de que “vários mitos explicam o cultivo da mandioca. Um deles, originário da América Central, dizia que Sumé ou Tumé, um homem branco e poderoso que andava sobre as águas e deixava rastros em pedra, certa vez partiu seu bastão e enterrou um pedaço dele, dando assim origem à planta...”.



JORGE ANTÔNIO SIÚFI

Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932. Advogado e professor. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é “Catiça de Gato”. Recentemente lançou o CD “Jorge Siúfi - Eclético”. Ocupa a cadeira nº 14 da Academia.



Um presente inusitado

Joaquim Malaquias corria atarefadíssimo ao longo das lojas de um centro comercial. Parava numa loja, corria rapidamente com os olhitos esbugalhados por tudo e seguia.

Cada vez mais aflito não conseguia encontrar prenda nenhuma para a namorada, para presenteá-la pelo dia dos namorados.

Claro que tinha de arranjar qualquer coisinha barata, mas que ao mesmo tempo tivesse uma certa classe.

Quase a desistir, acabou por se decidir a comprar umas LUVAS EM PELE que estavam em saldo. Sempre apressado, pediu à balconista para embrulhar e foi pagar, deixando o embrulho ao lado de outro igual, só que neste último, tinha um par de cuecas.

Joaquim Malaquias no final, com a pressa, acabou por trocar o embrulho e envio-o para a namorada com o seguinte bilhete:

“Meu Amor:

Desejo-te as maiores felicidades pelo nosso dia. Passei em frente a uma loja e resolvi comprar-te este presente, mesmo sabendo que não costumavas usar, mas eram muito bonitas e não resisti. Não sei se são do teu tamanho nem se gostas da cor, mas a empregada da loja

experimentou na minha frente e eu gostei muito. Ficaram um pouco larguinhas na frente e dos lados, mas assim as mãos entram com maior facilidade além de deixar os dedos mais livres para se movimentarem, fazendo também com que fiquem mais fácil de tirá-las.

A vendedora da loja mandou lembrar que não te esqueças de por um pó de talco quando as tirares, a fim de evitar mau cheiro.

Meu amor, gostaria muito que as usasses, pois elas irão certamente aquecer aquilo que te pedirei um dia”.



Os Tempos e os Tempos...

Os jornais de Campo Grande sem exceção, trazem anúncios de espetáculos que são protagonizados por mulheres dos grandes centros, espetáculos estes que, no mais das vezes, constituem-se de sexo explícito, strip tease, etc...

Assim vemos anunciado, na Boite Status, na Kumplyssis, na Enigma, e mais algumas que anunciam o seguinte: - Fulana de Tal, Coelhinha do Playboy, Super Gata 94, Garota do Fantástico, Miss Num Sei o Quê, e ainda arremata: - “Este avião estará pousando na pista Boite Tal, nos dias tais e tais” ou então “Essa gatinha está desfilando totalmente nua na pista da Boite Tal”.

Aí nós que temos mais de cinqüenta, voltamos no tempo e nos lembramos dos anos cinqüenta, quando na cidade anunciava-se a vinda da famosa atriz *Luz del Fuego*, que se exibiria somente para homens, no Cine Theatro Alhambra, no dia tal.

Foi um Deus nos acuda, um forrobodó inimaginável. A Liga Feminina Protetora da Família Campo-Grandense, encabeçada por beatas de carteirinha, esparramou panfletos por toda cidade, com os dizeres: “Fora, pecadores”.

Como não tínhamos em Campo Grande, ainda o telefone como temos hoje e nem mesmo a TV, os muros da cidade amanheceram pi-

chados. “Fora, pecadora”. “Seu lugar é o inferno”. “Vades retro, Satanás. “Homem que se preza deve evitar esta infâmia”. “Vá queimar sua Luz Del Fuego nos infernos”.

Chegou o dia do espetáculo! Campo Grande, segundo estatística do IBGE (que nunca é certa) deveria ter, por baixo, uns cem mil habitantes. O Cine Theatro Alhambra, situado na Avenida Afonso Pena (onde hoje se constrói um novo hotel) tinha quinhentos lugares, entre a parte de baixo, os camarotes e o balcão. Não deu pra quem quis ver a estrela.

Teve ela que permanecer mais um dia, em mais um espetáculo – só para homens – o que enfureceu a sociedade feminina já acima indicada, ainda mais quando se propalou que referida “star” ficaria totalmente nua no palco, envolta em uma imensa cobra. Muitos maridos tiveram que ter um álibi dos bons para comprovar onde, quando e com quem estiveram no período em que os shows se realizaram e, tem-se notícia, consultando o Fórum local, que não foram poucas as ações de desquite... Como os tempos mudam...

Acentue-se que, dada a gravidade da situação, Luz Del Fuego chegou escoltada por forte aparato da policia civil, assim permanecendo durante o show, até o momento de sua partida em um avião da Real...



Chefe é Chefe

Ah, como é terrível, horrível mesmo, assistir-se a uma cena onde participa o puxa-saco, figura sempre em evidência nos meios políticos, sociais e empresariais.

Contam-se inúmeras passagens do tipo.

Uma, que já está se tornando célebre, é aquela em que o puxa-saco, ao ser informado pelo chefe que encetaria uma viagem a São Paulo, de avião, lascou:

- Se espirrar no avião, chefe, saúde!!!

O que importa é o ar com que o tipo lança seus puxa-saquismos. É um ar triunfal, idêntico àquele em que se vê em filmes, quando o caçador, após a caça, pisa-lhe à cabeça. Saca?

Existem aqueles que decoram frases de efeito como estas:

1 - O chefe sempre tem razão.

2 - O chefe não dorme: repousa.

3 - O chefe não come: se nutre.

4 - O chefe não bebe: degusta.

5 - O chefe jamais se atrasa: retarda.

6 - O chefe nunca lê jornal no escritório: está sempre informado.

7 - Quem ousar entrar no escritório do chefe com idéias próprias, deverá sair de lá com idéias do chefe.

8 - O chefe pensa por todos.

9 - Quanto mais se pensa como o chefe, mais se faz carreira.

10 - O chefe é o chefe!

Mas, como ia dizendo no início, como é horrível quando uma pessoa assiste a uma cena dessas, assim, ao vivo, de inopino como aconteceu comigo dias atrás. Sabia eu que o puxa-saco era mesmo. Tanto que, em outra oportunidade que não presenciei, soube que quando o chefe lhe perguntou as horas, ele não titubeou:

- As horas que Vossa Excelência quiser que sejam!

Mas esta não, eu estava ali quase ao lado dele, sentado à mesa, quando o chefe, escolhendo o que ia degustar, dirigiu-lhe o olhar e a pergunta:

- Será que nesta biblioteca aqui tem ovos?

O puxa-saco, imperturbável, levantou-se calmamente, ajustou sua cadeira, fixo bem o chefe nos olhos e, por fim arrematou:

- Vou perguntar ao dono, chefe.

- Caso não tenha ovos, não se preocupe, que eu vou ali nos fundos e ponho uns dois...



JOSÉ COUTO VIEIRA

PONTES



Nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. Foi advogado e professor. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da ASL. Foi seu presidente de 1972 a 1982. É autor de “Deste lado do Horizonte”, “Jorge Luis Borges”, “A Erudição e os Espelhos” e “História da Literatura Sul-Mato-Grossense. É contista premiado nacionalmente. Ocupa a cadeira nº 11 da ASL.

Pedro de Medeiros e Lobivar Matos, Grandes poetas de Corumbá

Corumbá, formosa e histórica cidade sul – mato – grossense, exhibe, ao logo de sua existência, um rico panorama não só geográfico, evidentemente, mais enriquecido por bravos episódios a respeito da conquista e desbravamento do oeste brasileiro, não se podendo olvidar nomes como o de seu fundador, o intrépido capitão-general Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, governador da Capitania de Mato Grosso, conforme ata lavrada em 21 de setembro de 1778, pelo sargento-mor Marcelino Roiz Camponês, acerca da fundação da cidade.

Vários e competentes historiadores já escreveram a respeito da fundação de Corumbá, como “História de Corumbá”, do General-médico Lecio Gomes de Souza; “historia de uma região: pantanal e Corumbá”, do mesmo autor antes citado; “Corumbá, Albuquerque e Ladário”, do General Raul Silveira de Melo, e ainda outros, como Renato Báez e Augusto César Proença.

Corumbá se agigantou, ao longo dos anos, tornando-se um dos maiores portos fluviais da América Latina, com edifícios, praças e jardins de alto valor histórico artístico, em local paradisíaco, dominado pelo esplendor do pantanal e pela pujante beleza do rio Paraguai.

É incontestável que os poetas surgem diante das grandezas, como Virgílio, Dante e Camões, para citar apenas estes nomes notáveis.

Na Poesia, Corumbá fez jus à lenda bororo: “Deus atirou no espaço um punhado de estrelas”.

Aí estão seus grandes poetas: Pedro de Medeiros, Lobivar Matos, Luiz Feitosa Rodrigues, Carlos de Castro Brasil, Franklin Cassiano da Silva, Alceste de Castro, Renato Báez, Carlos Vandoni de Barros, Gabriel Vandoni de Barros, Clio Proença.

Quero, inicialmente, nesta colaboração, falar algo a respeito de dois poetas desse opulento rol de vates incontestáveis: PEDRO DE MEDEIROS e LOBIVAR MATOS.

Pedro Paulo de Medeiros Júnior nasceu na cidade “Cidade Branca”, em 25 de novembro de 1891. Coursou o Colégio Salesiano Santa Teresa, famosa instituição educacional de sua terra. Exerceu várias funções no Ministério da Fazenda, em Cuiabá e no Rio de Janeiro. Em Cáceres, casou-se com D. Elvira Calderon de Medeiros, em 10 de outubro de 1917, havendo de seu matrimônio sete filhos. Faleceu no dia 12 de abril de 1943.

Era um poeta autêntico, gostando imensamente de declamações e serenatas.

O jornalista e livreiro Aguinaldo Trouy, proprietário da conceituada “Livraria Trouy”, situada na Rua 14 de Julho, em Campo Grande, escreveu uma excelente biografia do festejado vate corumbaense, com ilustrações.

Várias produções poéticas de Pedro de Medeiros ficaram famosas, em todo o país, sendo elogiadas por Roquete Pinto, como “Lenda Bororo” e “Na Roça”.

Eis o soneto “**Na Roça**”:

Canço em punho, espero impaciente
O peixe que há de vir... quem sabe quando?
E, então, materializo o afã freqüente
Dos meus dias assim, sempre esperando...

Nervosa, inquieta, vejo-te buscando
O que fazer. Por fim, muito contente,
Lavas tua roupa e caprichosamente
Vais estendê-la no cordel, cantando!

Vejo “corpinhos”, vejo alguns vestidos,
Calças, meias, lenços estendidos,
Tudo em cores diversas... Um escol

De “pequeninos” nada afetivos...
E fico a ver meus sonhos redivivos
Em fila, num varal, secando ao sol!

Dotados de admiráveis sobriedade, esses versos enriquecem a nossa Literatura, revelando a infinita humildade com que o poeta se contenta com a revelação do quadro, inundado por uma felicidade de Diógenes, em profunda e indecifrável beleza.

Outro poeta corumbaense de destaque é Lobivar Matos, cuja obra vem sendo, através dos anos, alvo de análise e interpretação de competentes ensaístas.

Nasceu Lobivar Barros de Matos em 12 de janeiro de 1915, na Rua 13 de junho, nº 615, em Corumbá.

Escreveu dois belos livros de poemas: “Areotorare” e “Sarobá”, em 1935 e 1936. Areotorare é o índio que fala coisas belas aos irmãos da tribo, à noite, em volta da fogueira, narrando-lhes estórias e fatos pitorescos. “Sarobá”, nome do bairro de descendentes africanos, em Corumbá, na época, é o título do livro, em que o poeta focaliza os aspectos humanos do local, com bastante colorido social. Desfilam na obra poética, personagens bem traçadas, como a mulata Usaura, o Banzé de Cuia, Forrobodó, Nhô Juca, Mané Galvão, e outros.

No dia 27 de outubro de 1947, com apenas 32 anos de idade, o grande poeta partiu para a eternidade, legando a nossas letras um riquíssimo patrimônio poético. Como Castro Alves e Álvares de Aze-

vedo, não demorou muito em nosso mundo, mas nos legou uma obra literária eterna.

Eminentes críticos literários e ensaístas empreenderam estudos acerca da contribuição poética de Lobivar Matos, como José Pereira Lins, Doratildo Pereira de Oliveira, Tasso da Silveira, Eloy Pontes, e outros.

Analisando a poesia de Lobivar, nossa brilhante e erudita mestra da Literatura, Maria da Glória Sá Rosa, afirma: “Sempre utilizando uma linguagem própria, Lobivar Matos surpreende o leitor pela novidade das imagens”.

Os versos seguintes dão prova dessa afirmação.
Passo horas e horas estático, sozinho
Contemplando a indiferença natural das coisas.

E, às vezes, sonho. E o meu sonho fantástico de moço,
Perdido pelo ar, pela terra, pelos seres,
Dá-me a sensação estranha
De que sou o próprio sonho a sonhar dentro da vida!

Vários críticos e ensaístas literários já analisaram, com profundidade e sabedoria, a mensagem poética de Lobivar, o Lolito, como era chamado no âmbito do carinho familiar e dos amigos, tecendo encômios ao sentido universal de suas produções, destacando-se a recente edição de seus livros, em volume intitulado “Areôtorere e Sarobá”, por elogiável iniciativa da Academia Mato-Grossense de Letras e Universidade Estadual de Mato Grosso, coleção obras raras, com prefácio e substancioso estudo da produção do grande bardo corumbaense pelo professor, advogado e poeta Carlos Gomes de Carvalho, que reconhece, na apresentação do livro, a “Inegável universalidade” de Lobivar Matos (página 41).

E o lirismo humano e comovente, no poema “**Descrença**”:

Que me importam as estrelas
se eu, como as suas luzes
não posso iluminar
os olhos dos que choram?

Na verdade, Lobivar Matos foi um grande precursor do modernismo, na poética Sul-Mato-Grossense, injustamente esquecido o que é lamentável porque poetas não são novidade, moda ou artigo do dia, mas seres imortais como Virgílio, Dante e Camões, mantendo em suas produções felizes o passado, o que é “O presente eterno”.

Assim, quero transcrever essas palavras tão bem construídas de Carlos Gomes de Carvalho:

“Lobivar Matos é o iniciador de uma nova corrente, inovadora e vigorosa da poesia de Mato Grosso. Uma poesia criativa, com uma dicção surpreendente e com uma voz cálida e solidária colocada a favor dos que não tem voz, dos desvalidos, dos desterrados sociais. Um precursor cuja memória e obra impõem-se que sejam resgatadas e valorizadas como exemplo para os poetas de nosso tempo” (op.cit.supra.pág.55).

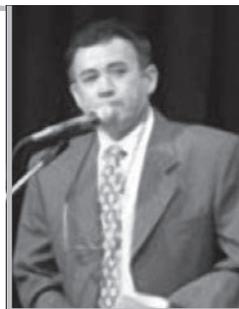
Lendo os poemas de Pedro de Medeiros e Lobivar Matos, ficamos a divagar, a pensar se a poesia pode ou não ser definida, lembrando a sensibilidade da grande voz mineira, Henriqueta Lisboa: “A poesia não se define é definidora”.

Mesmo assim, vem-nos à mente o canto do majestoso vate nicaraguense, mundialmente celebrado, comparado a Verlaine, Rubén Darío, quando afirmou num de seus famosos versos, que o poeta tem na alma “*Una Fuente de Canciones*”.



JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: "Nas Águas do Aquidauana eu andei" (romance ecológico) e "Tuiuiú My Brother". Ocupa a cadeira nº 29 da Academia.



Papai Noel existe

Quem não acredita em Papai Noel está certo de que a magia da infância está perdida.

Entra ano, sai ano, e as mudanças no planeta são mais superficiais do que deseja Papai Noel - o mito vivo que desperta a bondade das pessoas, durante o Natal, presenteando crianças e adultos com os mais diferentes e maravilhosos brinquedos.

O bom velhinho, mesmo conhecendo a contradição humana e sabendo que o espírito natalino já virou espírito comercial, mantém-se firme em sua divina missão de tornar o homem mais amável desde menino e mais menino desde adulto.

O sonho e a ilusão se perdem juntos com a inocência e a pureza, a partir do descobrimento do interesse espúrio, da ganância, da falsidade e da negação do sonho. Mas, ainda assim, Papai Noel finge que não vê e nos surpreende todo ano, em nossa cinzenta chaminé, com brinquedos que tentam nos levar de volta ao paraíso da infância eterna que perdemos.

Os que não entendem a metáfora do Papai Noel preferem dizer que ele não existe, porque também não entendem a metáfora do amor, da bondade, da compreensão, da fantasia e do imaginário, pois Noel é

mais que uma lenda, é uma ideia viva que mora na magia do viver. Os seus negadores não conseguem vê-lo porque também não podem ver ou sentir o mundo mágico que há dentro de si mesmo, e, assim, ajudam a destruir o fantástico mundo das crianças, que, por isso, deixam de brincar e se brutalizam, fechando as portas para o lúdico Papai Noel mas abrindo-as para a ilusão das drogas, da luxúria e da violência, matando sua inocência a cada Natal.

Papai Noel existe e sempre existirá - não para os brutos e cegos extremistas, mas para os puros que fazem da vida uma alegre, feliz e eterna brincadeira, capaz de transformar crianças em grandes homens e homens em divinas crianças.

Feliz Natal!



Arrebatado pelos deuses brincalhões

Um amigo de seresta, escritor, cantor e compositor amante da MPB, autor do livro “Os deuses da Bíblia”, defensor da tese do escritor suíço Erich Von Däniken, que escreveu o consagrado livro “Eram os deuses astronautas?”, costumava falar-me de suas teorias sobre as famosas aparições divinas da antiguidade, referidas no livro sagrado (em que anjos, luzes, fogos, em tese seriam astronautas extraterrestres e seus ovnis).

Mas ele também me dizia que acima de todo esse fenômeno sacroespacial havia um grande cosmonauta do universo que não precisava de uniformes e naves. Era esse fantástico alienígena quem controlava os astros no firmamento e também a nossa vida.

Outra façanha do astronauta-mor, segundo o meu amigo escritor, era brincar conosco, os terrestres. Brincadeiras de amor, bondade e alegria, pois as nossas tristezas, de alguma forma, são produzidas por nós mesmos.

Para nos alegrar, por exemplo, ele nos distraia com a música (da voz humana, dos instrumentos, dos pássaros, das cachoeiras e dos ventos) até chegar o dia do nosso arrebatamento final, para conhecermos as outras moradas de sua casa. “As muitas moradas da casa do meu pai – citadas na Bíblia - são os planetas habitados em distantes galáxias” – dizia-me o meu amigo seresteiro, no intervalo musical que fazíamos, nas raras vezes em que compartilhávamos o prazer da boa música ao braço de seu violão.

Porém, no inverno de 2009, ao término da primeira semana de agosto, soube que ele estivera em Aquidauana (festejar com sua cidade aniversariante) e que cantara e tocara como ninguém. Não nos encontramos desta vez, pois, antes que isso acontecesse, o ainda jovem coração do artista, tão acostumado a fortes emoções, fora paralisado, juntamente com o seu genial cérebro, abruptamente bloqueados por um derrame fulminante.

Ele teve uma passagem suave, numa noite em que cantava e brincava, como se de fato fosse arrebatado pelos deuses astronautas, ainda no êxtase da música, para que aquela alegre noite continuasse noutra dimensão.

É próprio de nós que ficamos aqui, com a dor da perda, não conceber que haja alegria fora dessa partícula do universo em que vivemos breve temporada; mesmo sabendo que todos nós um dia embarcaremos nessa nave, relutamos para prorrogar a nossa festa terrestre.

Aqui na terra o meu arrebatado amigo se chamava Fernando Alves Correa, tinha 65 anos e uma alma brincalhona de 20 anos.

Também era conhecido pela alcunha de Pepeta, que se tornou seu nome artístico quando participava do Conjunto “Os Brincalhões”, fenômeno musical aquidauanense dos anos setenta (Pepeta, Rubão, Nico, Brás e Luizinho).

O meu amigo se foi, arrebatado pela força que domina o universo, pela magia dos deuses e anjos astronautas que parecem brincar seriamente com a nossa frágil existência.

Mas é assim que o grande e sábio mestre do universo nos ensina

a aceitar os desígnios da força superior que nos domina e que nos pede a todo instante para sermos, ao invés de tristes e violentos, eternos brincalhões, como Pepeta.



Passeata Interior

Dentre as mais diversas mobilizações e manifestações sociais, as passeatas contra a violência têm sido mais frequentes, pois revelam o clamor da sociedade pela paz e ajudam a despertar o sentimento de indignação coletiva. Mas de nada adiantam se não fizermos, também, “passeatas dentro de nós” – reflexão introspectiva sobre as sementes da violência que carregamos em nosso íntimo e que, ao alimentá-las no dia-a-dia com nossas atitudes, acabamos por ajudar a semear a mesma violência que combatemos.

A violência tem origem no próprio homem e resulta do seu comportamento, do seu caráter. Sua dimensão depende das condições impostas pelas relações humanas, variando de acordo com a cultura de cada sociedade, que determina os padrões e valores sociais, tendo como princípio a família.

Como um ser sociável o homem precisa de regras para controlar seus instintos e harmonizar a convivência. O respeito a esse pacto reduz conflitos e pode produzir condição de paz; o desrespeito, porém, é a causa maior da violência, pois quase todos os males provêm da transgressão e da ignorância.

Nesses protestos costumamos tratar a violência como um mal exterior que, de fato, nos ameaça, e vamos às ruas cobrar providências dos outros e das organizações institucionais. Porém, o mesmo cortejo que marcha contra a violência não está imune a reações idênticas, porque os espíritos feridos caminham quase sempre armados, favorecendo a máxima de que violência gera violência.

Na passeata interior, devemos usar como ponto de largada o nosso egoísmo, que deve ficar para trás, e seguirmos pelo caminho da humildade, guiados pelo coração, até chegarmos no ponto mais alto da nossa mente, porque o melhor lugar para o ser humano é a sua cabeça.

Antes dessa intropasseata, devemos verificar se os nossos pés estão preparados para enfrentar os espinhos do trajeto; se o orgulho mesquinho que mantemos à flor da pele suporta o sol ardente da crítica, a chuva de repreensão, os ventos da concorrência e a sede da contrariedade; se temos humildade e paciência para esperar, calar, ouvir e aceitar mudar nossas idéias fixas; se temos coragem de reconhecer nossos erros de percurso e retroceder alguns passos; e se estamos dispostos a caminhar lado a lado, ou na retaguarda, não apenas na frente dos outros manifestantes.

Para enxergarmos melhor o caminho, devemos baixar o nariz da arrogância e abrir bem os olhos da indiferença, que se fecham para os mais necessitados; para ouvirmos a voz da nossa consciência, temos que dilatar os ouvidos que ignoram os elogios ao sucesso alheio; para caminharmos unidos, é preciso abrir mão dos interesses pessoais; para sermos esperança de alguém, temos que vestir a camisa da solidariedade; para caminharmos livremente, é preciso perdoar e não obstruir a liberdade dos outros; e para suavizar a passeata, temos que nos livrar de cargas pesadas, como o preconceito, a injustiça, a discriminação, o rancor, a vingança e a intolerância.

Nessa caminhada interior é preciso, ainda, que nossos ombros suportem as bandeiras que exibimos com discursos hipócritas; e que tenhamos palavras de ordem para protestarmos contra nós mesmos, contra a desonestidade, a mentira, a calúnia, a avareza, a soberba, a ira, a gula, a inveja, a luxúria, a preguiça e outros lixos humanos que nos tornam pequenos, sujos e mesquinhos e, por isso, mais protagonistas da violência.

As passeatas que fazemos em praça pública só terão valor se precedidas de passeatas interiores, porque enquanto procuramos a causa

da violência nas ruas e noutras pessoas, quase sempre esquecemos que suas sementes brotam em silêncio dentro de nós – este pecaminoso labirinto humano onde não gostamos de passear.



Carne com mandioca

Assim como o arroz com feijão são os principais ingredientes do prato do brasileiro, a carne com mandioca é a preferência da culinária pantaneira. Há muito o que falar sobre essa combinação “casadinha” que faz a alegria de brasileiros e paraguaios, sem fronteira. Pode-se incrementar com vinagrete e algo mais, porém, para um bom churrasco basta essa dobradinha saborosa e nutritiva: a carne fresca ou salgada; a mandioca cozida ou frita; elas sempre estarão juntas unindo as pessoas pelo paladar.

Duas cidades que já foram uma única, Aquidauana e Anastácio, separadas pela política e pelo rio, sempre se mantiveram socialmente unidas, assim como feijão e arroz, ou carne com mandioca. Anastácio, maior produtor de mandioca da região, instituiu um evento para valorizar os imigrantes nordestinos (maioria no município), criando a Festa da Farinha, que focaliza a cultura sertaneja e os ricos derivados da mandioca, através de um plano produtivo e econômico solidário.

Aquidauana, com o mesmo objetivo de criar uma marca forte de grande referência para a cidade, instituiu o “Festival Pantaneiro”, evento similar ao da farinha, para resgatar a cultura pantaneira, mas tendo como carro-chefe o homem e o boi. E tal qual a festa de Anastácio, que valoriza o homem nordestino, a festa de Aquidauana coloca no centro da questão o homem pantaneiro e a sua cultura.

Na mesa do desenvolvimento, Anastácio e Aquidauana dão exemplo não apenas de valorização cultural para o seu povo irmão, mas, sobretudo, de desenvolvimento regional sustentável, com ingredientes das

boas idéias e da boa política - mostrando que a essência humana está nas coisas simples, como um básico feijão com arroz ou mesmo uma carne com mandioca - porque governar é compreender a alma do povo, seus anseios intrínsecos, como a cultura, em seu estado mais natural.

E se a farinha de mandioca de Anastácio tem tudo a ver com a carne bovina de Aquidauana, os dois mandatários mostram, com essas duas festas, que o sentimento de união e cooperação são também os principais alimentos que devem estar na mesa das grandes decisões bilaterais.

Assim, à margem direita do Rio Aquidauana (descrito pelo Visconde de Taunay como “o rio mais formoso do mundo”), a cidade fundada sob o manto da Santa Imaculada Conceição ganhou, no mês de outubro de 2009, um novo marco na sua história administrativa, com o resgate de suas verdadeiras raízes - sua alma cultural transformada num projeto inédito, cujo nome se resume, com sutileza, num “Festival Pantaneiro.” Com este feito a centenária e histórica cidade de Aquidauana, banhada pelo Pantanal, berço lendário dos Guaranis, Guaicurús, Kadiweus e Terena, rota dos bandeirantes e palco de missões luso-espanholas e episódios da Guerra do Paraguai, além de ser o portal do santuário ecológico do planeta, a partir de agora será conhecida também como a Capital da Cultura Pantaneira.



Pantaneiro

Bem cedo descobri que meu sangue é todo verde,
É todo lodo, é todo pântano...
E que o deus Pã me deu um coração de mato grosso
Para proteger o tuiuiú.
Por isso vivo entre o céu e a peúva,
Entre o rio e a chuva.
E se eu choro pela arara azul, pelo tucano...

É com pena dos ninhos tombados
E da floresta que se encolhe a cada ano.
Este é o meu canto que eu canto em todo canto
Onde canta a seriema...
E o que seria de mim se não fosse a ema
E se não sonhasse a garça no ninhal?
Sei mesmo que sou um Pã pernalta,
Sem flauta, de letras vãs,
Mas que morrerei jacaré, numa estrada qualquer,
Sem casaco e sem sapatos de pele,
Com a fauna e a flora esquecendo de mim.

Ingratidão

Andando calmo pela rua incauta,
Achei um incauto verso pelo chão;
Não tinha dono, pai, amigo, irmão,
Era só um pobre verso ali sem pauta.
Compadecido, enchi o verso triste...
De carinho, amor, sentido e oração;
Limpei as palavras do seu coração
E dei-lhe o melhor verbo que existe.
Depois de tudo, o verso deprimido,
Que alimentei de rima, amor e emoção,
Virou-se contra mim e, sem explicação,
Fugiu, deixando-me só, ali, perdido.



Maria da Glória Sá Rosa



Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural nas segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é “Música em Mato Grosso do Sul” (2009) em parceria com Idara Duncan. Ocupa a cadeira nº 19 da ASL.

Arte sul-mato-grossense representativa do pluralismo cultural

*“O tempo é assim precisa ser iluminado
Então num minuto a gente vive um conteúdo de séculos
Ai de nós se não houvesse essas compensações”.*

Oswald de Andrade

Em Mato Grosso do Sul o pluralismo evidencia-se em todos os níveis: do político ao sócio-econômico, do linguístico ao cultural. Em razão de sua proximidade fronteiriça com o Paraguai e a Bolívia, possui características histórico-culturais, que o diferem dos demais estados brasileiros. Habitado durante séculos por indígenas, serviu de passagem a espanhóis e paulistas, que buscavam as minas de Cuiabá e do Peru, quando a atual Capital de MT vivia seu período de glórias, resultado da riqueza aurífera. A partir do século XVI, quando se iniciou em nosso País, a grande marcha para o Oeste, recebeu sucessivas e diversas correntes migratórias, externas (turca, síria, libanesa, japonesa, portuguesa, italiana...) e internas (nordestina, paulista, mineira, gaúcha, paranaense) que afetaram profundamente seu cotidiano material e moral.

As estruturas sociais diversas determinaram um pluralismo cultural, de que a arte é o emblema maior. Através dela pode-se detectar o universo de saber do emissor e do grupo a que pertence, seu sistema de expectativas psicológicas, as atitudes mentais, o relacionamento com o ambiente, as experiências enfim de toda uma comunidade.

Os artistas figuram como instrumentos de revelação de imagens primordiais, dos arquétipos, que no decorrer dos tempos passam a constituir o bem comum das sociedades a que pertencem.

Não foi sem razão que Ezra Pound denominou os artistas *“antenas da raça”*. Segundo ele *“uma nação que negligencia as percepções de seus artistas entra em declínio. Depois de certo tempo, ela cessa de agir e apenas sobrevive.”*

Nada expressa melhor o pluralismo cultural de Mato Grosso do Sul que sua arte. Se deixarmos os olhos percorrer a produção artística de MS, na tentativa de decodificar suas origens, descobriremos na variedade do material, na multiplicidade das técnicas, a riqueza de uma arte que consubstancia os traços distintivos da região. As culturas indígena, pantaneira e latino-americana constituem a maior fonte de inspiração da arte sul-mato-grossense. A cultura indígena, está presente na alimentação na música, na dança, nos pratos e vasos terenas e cadiueus, nos instrumentos de caça e pesca, nos adornos de penas de variadas cores, na tecelagem, na cestaria de palha, produtos esses, que pode ser encontrados nas Casas do Artesão. A Cultura pantaneira revela-se no discurso, nos hábitos alimentares, na música, na dança, na fabricação de objetos de uso do homem do campo. A cultura latino-americana, advinda não apenas dos países fronteiriços Paraguai e Bolívia), mas também de países vizinhos como a Argentina e o Uruguai, pode ser encontrada nas danças (pericón, polca, chamamé, zote...)

Principalmente na Capital, Campo Grande, manifestam-se de forma peculiar as influências das migrações externas, (provenientes de países orientais), evidenciadas acima de tudo na alimentação e na preservação das mais autênticas tradições.

A partir das influências de todas essas culturas, o Estado passou a sofrer grandes transformações, tornando-se um centro em processo de vir a ser, um laboratório de idéias e emoções, no qual as pessoas deixaram de ser objetos, para se tornarem sujeitos de transformação de ambientes, de coisas materiais e principalmente de consciências. Nesse particular quem ganhou foi a Cultura, cujos direitos começaram a ser respeitados. No que tange ao direito à produção cultural, nunca tantos criaram tanto em tão pouco tempo.

É de importância fundamental a Divisão do Estado no processo cultural. Foi após a separação e Mato Grosso em duas unidades distintas (MT e MS) que a Cultura, sempre tratada de modo supérfluo, passou a ganhar status de cidadania. Contribuíram para a produção e consumo cultural as Secretarias e Fundações de Cultura que ao lado de órgãos de iniciativa privada passaram a estimular os criadores. A fisionomia cultural do Estado começou a ganhar contornos de modernidade. Por toda parte multiplicam-se concertos, galerias de arte, museus, bibliotecas, peças de teatro, espetáculos de dança, projeções cinematográficas, feiras de arte e de artesanato, lançamentos de livros, debates, com apoio da Imprensa local, o que democratizou o acesso à Arte.

Entre os espaços culturais criados, destacam-se o Centro Cultural José Octavio Guizzo, abrigando o Teatro Aracy Balabanian, a Biblioteca Estadual Isaías Paim, oficinas de arte, galerias para exposições. As Casas do Artesão, em Campo Grande, Três Lagoas e Corumbá, o Museu de Arte Contemporânea-MARCO, a Casa de Cultura Luís de Albuquerque em Corumbá (que abriga o Museu do Pantanal e a Biblioteca Gabriel Vandoni de Barros), o Palácio Popular da Cultura em Campo Grande, que somados ao teatro Glauce Rocha da UFMS, ao teatro Fernanda Montenegro do CESUP, o Teatro José Octávio Guizzo da Prefeitura de Campo Grande e o Museu do Índio e o Teatro Dom Bosco da Missão Salesiana oferecem oportunidades de estímulo e fomento à Cultura. O direito à memória, como parte da concepção de cidadania cultural, indica que todos devem ter acesso aos bens representativos do passado e da tradição.

Mato Grosso do Sul, antes considerado um Estado sem preocupação com o passado, transformou-se, com o correr dos tempos, num centro de valorização de seus símbolos, onde todos terão direito à memória coletiva, conscientes da importância dos bens culturais.



A salvação pela força da palavra

“Já devíamos ter aprendido e de uma vez para sempre que o destino tem que fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte”

José Saramago

A hora e a vez de Augusto Matraga, uma das mais bem construídas narrativas do universo literário brasileiro, é a história da salvação pela força da palavra. Em todo o relato, é a palavra o elemento desencadeador das ações da personagem, na luta para escapar às armadilhas do destino e permanecer fiel às promessas de mudança de vida.

O herói é **Augusto Matraga**, indivíduo arrogante, agressivo, fanfarrão, que ostenta no próprio nome **Augusto**, (divino) e **Matraga** (matraca, barulhento) as contradições que irão marcá-lo em todo o desenrolar dos acontecimentos. Acostumado a humilhar, a matar, a atacar os mais fracos para deles zombar depois, torna-se, de repente, por obra do destino, presa fácil dos capangas do **Major Consilva**, seu inimigo mor, que o moem de pancadas, marcam-no a ferro em brasa, como a uma rês e depois o lançam meio morto no fundo de um vale. Socorrido por um casal de pretos velhos, com quem passa a morar, descobre no fundo de si mesmo uma **luzinha brilhante** que ilumina a escuridão da existência desnorteada. A queda no abismo é a descida ao fundo do poço interior, símbolo metonímico do encontro consigo mesmo. A partir dali, como nas narrativas cinematográficas,

regressa às lembranças da infância, arrepende-se dos malefícios cometidos e decide tornar-se um homem novo. De importância decisiva na conversão, são as orações ensinadas pela avó que lhe retornam à memória como bálsamo vivificador. Repetindo a cada instante “*que vai para o céu nem que seja a porrete, que sua vez e sua hora há de chegar*”, passa a levar vida de asceta, a fazer caridade, na luta contra as forças do mal, de posse de fórmulas mágicas que o ajudam a resistir às tentações. *A vida é um dia de carpina, com sol quente, que às vezes custa a passar, mas sempre passa*. E a de **Augusto** transcorre como a de um santo, que tivesse renunciado às pompas e vaidades do mundo, até o momento em que a tentação chega na figura do jagunço **Seu Joãozinho Bem Bem** que o convida a integrar seu bando e a retornar ao mundo de loucas aventuras que havia abandonado. Numa metáfora das mais pertinentes nossa existência funciona como um jogo em que cada um tem seus seis meses de azar e para quem não sai em tempo de cima da linha até apito de trem é mau agouro. Augusto que, através da desgraça conseguira livrar-se do mal, repetindo a oração **Jesus manso e humilde de coração fazei meu coração semelhante ao vosso** resiste ao convite tentador e morre lutando contra **Joãozinho Bem Bem** na defesa dos mais fracos. Recorda com tristeza a filha e a mulher que outrora desprezara e entrega a alma a Deus. Sua hora e sua vez haviam finalmente chegado

Aos que acham difícil a incursão no universo de **Guimarães Rosa**, este conto é a melhor maneira de fazê-lo. À medida que avançamos na leitura, de uma história repleta de ritmo e de cor, de valorização da paisagem brasileira, tornamo-nos partidários da luta de **Augusto** contra seus demônios interiores, **nesse mundo onde tudo é muito pequeno** e os arrogantes, os prepotentes têm que sofrer as penas da humilhação e da desgraça para conseguirem o perdão dos pecados.

A Hora e a vez de Augusto Matraga é o último conto de **Sagarana**, cuja leitura é essencial ao conhecimento do Brasil e de sua literatura. É a história da palavra ajudando o homem a sobreviver ao aboio da tristeza, pois Deus mede a espora pela rédea e não

tira pé de arrependido nenhum. É a vitória de um drible contra as forças do mal.

A superação do destino pela palavra, arma secreta de nossa sobrevivência, é a grande mensagem da estória. Pela palavra resistimos. Na prosa. Na poesia. Na vida sobretudo. Com ela nos salvamos.



Lembranças de Conceição dos Bugres

Quando a conheci, nos anos sessenta, ela era apenas **Conceição**, ou melhor **Dona Conceição**, mãe dos artistas **Ilton** e **Wilson** e vivia com o marido **Abílio** numa casa de madeira, perdida entre folhagens, nos altos do bairro **Universitário** de **Campo Grande**. Era ali, no espaço do desconforto da água de poço, da falta das coisas mais elementares à subsistência, que ela fabricava seus totens, numa operação, que começava com a força do machado, para recolher da árvore a madeira, que ela mesma serrava e modelava, na alegria de libertar formas, dando-lhes presença e sentido.

Na neblina das lembranças, revejo-lhe as rugas marcando a sabedoria do viver, o sorriso permanente na boca sem dentes, os longos cabelos soltos até a cintura, os pés descalços, na rudeza do chão, o jeito acanhado de quem pede desculpas, convidando-me para ver os novos trabalhos, que costumava deixar expostos, num quarto mal iluminado, na entrada da casa.

Inconsciente do próprio valor, totalmente desapegada de bens materiais, poderia ter feito fortuna com suas produções, incessantemente procuradas, principalmente por estrangeiros, que depois as revendiam por alto preço na **Europa** e nos **Estados Unidos**. No entanto, a palavra riqueza nunca fez parte de seu repertório, a não ser a interior, que ela distribuiu com fartura aos familiares, amigos e admiradores de seu jeito único de criar.

Contou-me que começou a esculpir por brincadeira, de forma despreocupada, como fazem os verdadeiros artistas. De uma raiz de mandioca fez um boneco, que viria ser o ancestral de tantos outros, aparentemente iguais, mas profundamente diversos, de mil fisionomias estáticas, cabelos escorridos, olhos, sobrancelhas e nariz pintados de piche, braços em posição de sentido. Uma obra recomeçando a outra, como a vida recomeça a cada instante e, no entanto, cada minuto é diferente do anterior. Depois de modelados, cobertos com cera de abelha, os totens adquiriam vida própria, revelando, na mais sensível das linguagens, o talento da artista Conceição, que, sem freqüentar escolas, sem ter transposto outras fronteiras, além das de seu quintal, tornou-se o símbolo da cultura sul-mato-grossense, pelo gênio criador, que humildemente desenvolveu.

Que estranha ciência deu a **Conceição** o poder de fazer pulsar na madeira o coração do índio, articulando emoções, no jeito com que esses totens fixamente nos olham, reprovando-nos a covardia, o medo, a falta de solidariedade para com sua nação, permanentemente espoliada e massacrada? Ninguém sabe os mistérios da criação, nem mesmo o artista. O que **Conceição** conhecia bem era a tristeza de não ser dona de seu pedaço de quintal, de se sentir conhecida, visitada, admirada, mas nunca suficientemente valorizada. Pois apesar de ter participado de inúmeras exposições, de ter recebido dezenas de prêmios, de ter suas obras espalhadas em museus de todo o **Brasil** e do exterior, morreu tão pobre, como nasceu. Seu maior legado foram os filhos **Wilson** (já falecido) e **Ilton**, que aprisionaram, como ela, as inquietações do mundo nos limites da arte. Ilton, que já expôs até em **Nova Iorque**, orgulha-se de ser filho de Conceição. Nasceu **Conceição Freitas da Silva** no **Rio Grande do Sul** em 1914. Era menina, quando seus olhinhos inquietos pousaram pela vez primeira em **Mato Grosso do Sul**. Foi casada com **Abílio Antunes**, companheiro de uma vida inteira, artista como ela que deu continuidade à obra da mulher. O tempo transformou **Conceição de Freitas** em **Conceição dos Bugres**, cuja arte permanece eterna, na imobilidade dos bugrinhos, feitos por uma

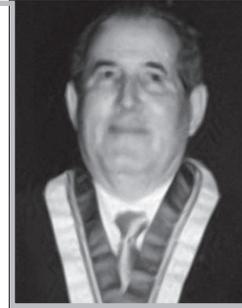
grande artista, que participa da nova ordem universal. Até hoje guardo comigo um bugrinho preto, que ela fabricou especialmente para me dar sorte. Porque **Conceição** era também uma mística, que adivinhava segredos e predizia coisas do futuro. Além de modelar índios de todas as idades, sabia curar homens, mulheres, crianças, pelos poderes da medicina caseira, ou das rezas, com que aplacava enfermos do corpo e da alma, que confiavam no poder de suas orações, de sua voz, de suas mãos, de seu olhar.

Faleceu **Conceição** em **Campo Grande** em 1983. Sua obra, cada vez mais viva, recomeça a cada instante, pois a linguagem dos bugres, que ela fabricou é a mesma de um **Estado**, que se aventura no âmago das coisas, preparando um tempo de coragem, em que haverá menos miséria, mais compreensão. Tempo de enfrentar a vida com a seriedade e a humilde valentia de **Conceição**.

Ao recordá-la, sinto que sua lembrança inaugura novos amanhã. Desapareceu a matéria, mas eternizou-se o mistério.



ORLANDO ANTUNES BATISTA



Nasceu em Rancharia (SP) em 1947. Professor universitário, escritor, poeta e compositor, reside na cidade de Três Lagoas (MS). Doutor em Letras pela USP. Livre Docente em Teoria Literária. É autor de várias de obras, dentre as quais: O Espaço da Esperança, Jacaré Porã, Teoria da Adaptação Textual, Madurez no Pantanal, A Serpente Serelepe e Estrela de Pã. Ocupa a cadeira 12 da Academia.

Gazal

Escuta o gazal que te fiz,
Bugrinha, em louvor de ti.

-Poeta de Aquidauana, teu verso
minhas mágoas não diz.

Pois na até na aldeia global
Também me eu já me perdi.

Disseste: Te exaltarei constante
Ainda que seja breve o instante.

E as índias anastacianas,
De Limão Verde ou Kadiwéu,

Agora que moras em Três Lagoas
Delas não terás coragem de tirar o véu.

As índias todas desencaminhadas
São agora quase pó: estão na piaba.

Três Lagoas: 12/10/2006

Trova

O que farão as pombinhas
Se não acharem raminhos?
Não terão mais suas caminhas
Pois destruíram seus ninhos!

Três Lagoas: 12/10/2006

Anseio

Ó São Longuinho,
Teu nome soletro baixinho:
Entre logo nesse versinho
Vem, vem bem de mansinho:

Quero chegar numa casa
Onde tomam chá das cinco
Chegarei batendo as asas
Entrarei sem abrir o trinco.

Pé-ante-pé, São Longuinho,
Chegarei à a(r)cademia:
Cobrirei meus versos de lix

Com as sete chaves de poesia.
Chegarei com disfarce de fênix
Porque tenho na lira o meu ix.

Adamantina 11/08/2006

Três Lagoas 12/08/2006 - 04/10/2010

Diagnóstico

*Enquanto uns correm pro Alcorão
Outros indagam: onde é o porão?
Orlando Antunes Batista*

Três Lagoas (MS) 25/07/2006 – 09/08/2006

Alguns têm bursite.
Outros, tendinite.
Muitos, apendicite,
Otite, apetite, rinite.

Eu? Carrego só
aquidauanite!

Alexandrino em limos

Blasfemador, ardente, amoroso ou perverso,
Dizei-me se do espaço as vibrações ouvistes.
Ter arte é ter Paixão. Sem paixão não há verso.
Dizei-me se o concerto oculto já ouvistes?

A Dor é sempre o eterno e gigantesco plinto.
Dizei-me se o concerto oculto já sentistes
De quem sonha e comunga este trágico absinto.
Há muita gente que eu sei que não gosta de versos.

E canta a tua Dor e talha o alexandrino;
Daí uma asserção de críticos diversos.
E burilo, Vera, este pobre soneto.

Pousa no fictício os pedestais emersos

Sustentados ao sol em cimento reverso:
Eu me esteio em tantos pontos controversos!

Centão indígena

Línguas e dentes dardejais nos areis
Os botoques guardais nas armas brutas
De restos babujais templos e lares
Que em desgraçadas e mesquinhas lutas

Já tendes paços em lugar de grutas.
Sabeis - e errais propositadamente
Morubixabas de ambições astutas.
Ainda viveis! Conheço vos felizes

Como no solo o vosso rasto ilude.
Em vez de liberdade encontra um muro
E em lugar da glória o lodo impuro

De pés virados, marcha avessa e rude,
Mas, apesar do tempo e dos vernizes,
Ainda viveis! Conheço-vos (in)felizes.

Três Lagoas 21/08/2006

Aquidauanite

Ao Geraldo Ramon Pereira

Aquidauana, ó minha Aquidauana,
Na água do sul do mato-grossense,
Dentro das imagens és bem ruana
Que chega até cheirar o non sense!

No Portal do Pantanal, ao meio dia,
Tens Pantim de menino da porteira
Casta Princesa! Teu cinto de poesia
Guardo de loisa e coisa na algibeira.

Do vale perto do Morro do Chapéu,
Sob as sete chaves de melancolia
Teu nome ecoa nas névoas ao léu.

Tem a gramática verbo aquidauanar?
Enquadrar posso nele o meu pensar?
Anastaciar, trilagoar, isto é que é penar!

Três Lagoas 21/08/2006

No silêncio o canto no verbo

Cantas para quem, bem-te-vi, nas manhãs de Adamantina?
Teu som ser suave pode ser suave contra
Ríspido ronco de carros?

Trinando eu te vi para poucos: gregos e arianos!
Tecida no vento a melodia
Seria só por videntes no meio-dia percebida?
Gralhas, entre muralhas de cimento, gragalhando!
Muitos querem teu canto e no chão nada verão.
Ainda quem na pressa caça não te achará.
Sei também que já te viram entre as folhas.
Perceberiam-te agora no meio das palavras?
Quem uma pá de cal jogaria no lusco
No meio das lavras em fusco?

Te ouvi também, amigo!
Minha orquestra gravou sua música. No concerto

Num céu aberto te construí pelas notas
Que guardei discreto no ouvido.
Ladram os cães ouço dentro da coisa bendita
Miau, diz um gato pra sua gata.

Uivo de lobo mau, bicho blau! Sons que divulguei nas minhas aulas.
Teclam tua imagem em videoclipe trilagoada.

Bem vi o bem que me fazes no curso
Dos meus dias! O canto se perde entre quatro paredes
De concreto. Se esvai o que ouvi
E quase ninguém sorri por teu repeteco.
Indo discreto pelos caminhos da vida.

Sejas bem-vindo nesta pagifolha
Onde trivi! Entre o lume
Fiz da tua música meu Ser, vício. Na vaga
Letra sei bem que o trinado é benigno.
Do tédio, foge, ó alma minha,
Porque são as pombas recebidas
Com bombas!

Quando cantas a beleza renasces
Vivo dentro das minhas quadras.
Mesmo em letras, embalsamado,
Persegues-me na noite do verso!
Em meio ao cri-cri
Sem fonia e seu eco se repete por aqui, por ali, acolá, lá...

Adamantina 27/09/2005

Três Lagoas 23/08/2006 – 28/08/2007 – 04/10/2010



PAULO NOLASCO

Nasceu em Dourados (MS), em 1958. Formado em Letras pela UFMS, é Mestre em Teoria da Literatura pela UnB e Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Atualmente é diretor da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD. Publicou: Ensaios farpados: Arte e Cultura no Pantanal e no Cerrado, O Outdoor Invisível: Crítica Reunida, Divergências e Convergências em Literatura Comparada, entre outros. Ocupa a cadeira nº 20 da Academia.



178 milhões no Senado da República...

A polidez é a primeira virtude, e talvez a origem de todas elas. É também a mais pobre, a mais superficial, a mais discutível: e seria mesmo uma virtude? [...]. A polidez zomba da moral [...]. Um nazista polido, o que isso muda com relação ao nazismo? O que isso muda no horror? Nada, evidentemente, e a polidez é bem caracterizada por esse nada. Virtude da pura forma, virtude de etiqueta, virtude de aparato! A aparência de uma virtude portanto, e apenas a aparência. (Comte-Sponville)

Mais essa hoje... A mais recente das canalhices: o Senado da República arrombou os cofres públicos em 178 milhões.

Pelo que os brasileiros acabaram de ver a partir daqui, de Dourados, até o Norte do País, não é só de estarrecer espasmodicamente, é mais ainda, é lembrar aquela “Sibília” eliotiana, do poema *A terra estéril*, que, sacrificada e condenada ao suplício de “não morrer”, implorava ao seu detrator – “Quero morrer”... Por menos, quase nada comparativamente, Dourados perdeu seus representantes dos dois poderes (o Prefeito, “matuto”, da segunda e esplendorosa cidade do estado, ainda mofa na cadeia) e ainda sacrificaram-se postulantes à eleição recente. Não é lindo de morrer, mas é de morrer de rir!

Não dá mais para esbravejar, nem evocar antigas e sábias lições, pior ainda a *“oratio catilinaria”* dos historiadores das ideias e das mentalidades... Não há violência maior do que a que rouba nossos sonhos (Calderón)... de justiça, confiança, respeito e amor correspondido ao semelhante. Nem nós mesmos, os da “classe letrada”, jogamos sequer um níquel na Fontana, não diria da esperança e da inocência, mas nas das que se estribam os políticos, homens públicos, e todos os “podres poderes”: da sabedoria, da cultura letrada, da loquacidade e da última das virtudes, a polidez... A máscara caiu, e não foi só a que os homens estampavam na cara e em dissimuladas palavras, mais desgraçadamente foi a máscara que emoldurava os “lugares” institucionais, os palácios em geral, as casas de lei (tábuas), as mídias interesseiras, inclusive os espaços “públicos” que se conspurcaram no e com os “privados”: Acabam fazendo no espaço “público” aquilo que deviam fazer na “privada” e no recesso de suas casas.

Mas para tudo há uma explicação, ainda que (re)emendada, justificada pelo “quiproquó” de uma democracia claudicante com a qual não se sabe lidar, respeitar e exercitá-la; mal saímos de um regime ditatorial e poucos frequentaram uma escola/educação “democrática” para a “contemporaneidade” do nosso tempo. O que resultou, hoje, na desconfiança de qualquer aparência de boa-fé, de toda polidez que já foi virtude e que hoje zomba da moral. Além de nós mesmos, os “outros”, despossuídos de tudo, todos aprendemos a duras penas que o “grande teatro burguês”, sua encenação, não convence, nem comove nem ludibria mais ninguém.

Ou se refundem as ordens e os poderes dos Palácios burgueses ou os cidadãos escolherão “outros” representantes, os sem polidez, essa virtude da aparência (*é por orgulho que somos polidos, um matador do holocausto também pode ser polido*); por isso, não é difícil explicar o porquê do surgimento, aqui e ali e acolá, desses outros e “impolidos”, não-engravatados, menos “cultivados” aos nossos olhos, liderando as nossas expectativas de uma moral que não se deite com a polidez vazia, sem estofos, pura matéria de aparência. Um indígena se elege presidente, um analfabeto se elege alcaide, presidente, e outro vai parlamentar, fazer lei e fiscalizar no Parlamento.

Mas faz falta a esses “outros”, iletrados, desavisados do jogo burguês, a perspicácia e a loquacidade que fundou a velha *pólis*: tagarelice/ arte de saber falar para reinar na cidade, ou seja, faltam-lhes a “loquacidade” que, como aquele velho político do banco da praça, tudo-diz-e-nada-diz-nem-faz. Mas ainda vamos, sim, procurar os ficha-limpa, os homens e mulheres honrados, ainda que os encontremos nas grotas dos Jequitinhonhas e nas Cachoeirinhas das cidades. Menos loquazes, menos afoitos por cargos públicos, porque esses aí não passam mais em concurso público.

Caíram a casa e a máscara da polidez dos bem-nascidos.



RAQUEL NAVEIRA

Nasceu em Campo Grande (MS). Professora universitária. Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), dentre as quais: Via Sacra, Fiandeira, Guerra entre irmãos, Abadia, Samaritana, Maria Madalena, Casa de Tecla, Senhora, Casa e Castelo. É membro do PEN Clube do Brasil. Ocupa a cadeira n. 8 da ASL



Quero voar

O labirinto
Saiu de dentro de mim,
Louca arquiteta
Que imaginou corredores,
Espelhos,
Ogivas góticas
E nesse projeto sem meta se perdeu.

O labirinto
Não tem saída,
Minto, há torres altas
Com janelas que dão para o infinito;
Bastam o mito,
Duas asas de cera,
Um golpe de vento,
Um transe de vinho tinto
Para fugir,
Alçar voo em direção ao céu,
Ave dourada que se derrete sobre o mar
Em lágrimas de mel.

De todos os desejos impossíveis do espírito o que eu mais gostaria era de voar. Voar mesmo, como um pássaro entre as montanhas, sobre o mar, entre os prédios da cidade. Voar... sonho tão antigo do homem. Na lenda grega, o arquiteto Dédalo e seu filho Ícaro foram os primeiros homens a voar. Para fugir da prisão, do labirinto, os dois colaram penas com cera nos braços e se atiraram de uma alta torre. Delirante e feliz, voando muito próximo do sol, Ícaro fez a cera derreter e caiu na terra, mas seu pai conseguiu aterrissar com segurança.



Outras antigas tentativas de voo copiaram o bater das asas dos pássaros: o monge beneditino Oliver amarrou asas nos braços e saltou da janela de um mosteiro, espatifando-se no chão. Leonardo da Vinci desenhou e planejou várias máquinas voadoras, sendo considerado o precursor da aviação. O engenheiro Cayley construiu com lonas e folhas de salgueiro, um planador frágil. E surgiram balões de gás, parafusos voadores, helicópteros, paraquedas, foguetes, aeroplanos, boeings, satélites, foguetes, naves, ônibus espaciais. Todo esse esforço demonstra que muito pouco do que vale a pena jamais é alcançado sem sonhos.

Alberto Santos Dummont foi o menino que sonhou com um cavalo de asas enquanto lia Júlio Verne. Era apaixonado pelos balões que subiam nas noites estreladas de São João com suas mechas aquecidas que os elevava aos céus. A ele coube a glória do pioneirismo na aviação mundial. A 19 de outubro de 1901, Santos Dummont realizava, perante a Comissão Oficial do Aeroclube da França, a extraordinária façanha de contornar a Torre Eiffel. Sua experiência no dia 12 de novembro de 1906 representou o primeiro voo oficialmente controlado com aparelho mais pesado do que o ar. O pai da aviação sofreu quando seu filho foi à guerra. Suicidou-se em plena Revolução Constitucionalista de 32, depois de ver passar os aviões federais que iam bombardear um cruzador paulista ancorado

no posto de Santos. Eram brasileiros a bombardear brasileiros. A angústia foi insuportável.



Descobri amigos que, como eu, amam o tema “aviação”. Ronaldo Werneck, lá de Cataguases, enviou-me o seu poema “Plano Piloto”, meio concreto, em forma de voo no papel em branco:

éter
reter

esplêndido
no centro
de um 707
dez mil metros
dentro
de nuvens
fuselagens
óxidos
monóxidos de carbono
pressinto
reter
éter
reternidade

.....

a cidade
dividida
em cruz
como um 707
um boeing
alvorando
no planalto

A você, Werneck, meu poema:

Corpo compacto de pássaro sem plumas,
De ferro nu;
Com seu útero de poltronas reclináveis
Lá se vai,
Tripulação de terrestres acuados
Rumo ao vácuo de tochas siderais.

Os olhos e a cauda tocam
Elementos singulares:
Montanhas,
Nuvens,
Mares...

A qualquer momento, a tempestade:
Relâmpagos,
Folhas,
Raios,
Espigas brotando de nebulosas;
O avião balança estufado,
Cai na eternidade,
Grão que esfarela;
Os sobreviventes na neve
Comerão coxas humanas geladas
Com os pensamentos voltados para o nada.

A qualquer momento, a grande cidade:
Prédios, cartazes,
Luzes atordoando os sentidos;
O avião pousa galante,
Volta `as raízes da gravidade,
Desafio vencido;
Esquecidos do pesadelo os homens saltam
Para um voo seco na noite.

Imediatamente lembrei-me daquela sensação maravilhosa que tenho toda vez que desço no aeroporto do Rio de Janeiro, cantando o “Samba do Avião” de Tom Jobim:

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar,
Praia sem fim
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de céu, de sol, de mar
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão.



Inesquecível também a história de Saint-Éxupéry, o romancista e aviador francês que nasceu em Lião, em 1900 e morreu durante a II Guerra, em plena ação. Pioneiro como piloto de rotas comerciais e aéreas, suas aventuras serviram de tema dos romances Correio do Sul, Voo Noturno e Terra dos Homens. Exupéry escreveu e ilustrou um pequeno volume poético intitulado Pequeno Príncipe. Fábula linda, com seus mundos, seus asteróides perdidos, seus baobás, raposa, serpente, campo de rosas e de trigo. Quem pode negar que nos tornamos mesmo eternamente responsáveis por tudo aquilo que cativamos?

Era ainda uma menina quando Ronnie Von, piloto, apaixonado por aviação, cantava suas músicas balançando os cabelos loiros e lisos, um verdadeiro “Pequeno Príncipe”. Rubens Heredia, também

piloto, percorreu sobre a história da aviação no programa de entrevistas do Ronnie e depois levou o tema épico para as passarelas do samba.



Lembrando tantos sonhos, desde Ícaro, passando por Santos Dummont, Werneck, Jobim, Exupéry, Ronnie e Heredia surgiu:

Avião,
Pássaro,
Pégaso,
Peito de aço
No espaço
Em levitação.

O domínio do ar,
Do pensamento,
Do infinito
Foi sempre minha aspiração.

Independente,
Piloto de mim,
Vou onde quiser,
Espírito livre
Em constante evolução.

Decolei,
Deixei as bagagens pesadas,
Todo impedimento,
Todo apego,
Todo lastro
E flutuei como um balão.

Tenho medo
De cair no solo,
Seria grande o choque,
No meio do deserto
Eu desenharia
Rosas e carneiros
Como aquele Pequeno Príncipe
Que fez da aviação
O seu fim
E a sua iniciação.



De bicicleta

Lembro-me do dia em que ganhei a minha primeira bicicleta: feminina, verde-abacate, com cestinha pendurada no guidão. O meu esforço para movimentá-la, os tombos, o primeiro passeio com a turma até o Horto Florestal, entre as árvores frondosas beirando o regato. O ar úmido, carregado de segredos. A liberdade pulsando no peito.

Em Quando comecei a crescer, Ruth Rocha conta a história de uma menina como eu: louca para ganhar uma bicicleta de Papai Noel. Ela descobre, decepcionada, que a bicicleta era um presente de seus pais e que Papai Noel não existia. Mas a alegria poderosa de ter a própria bicicleta tomou conta da alma da menina. O livro termina com um convite para que ela vá ao parque com a turma das bicicletas e a constatação íntima: “E eu montei na bicicleta e saí no meio de todos. Eu já estava ficando grande.”

As cenas das bicicletas nos filmes me fascinam. Inesquecível em ET, o Extraterrestre, de Steven Spielberg, a cena do menino protegendo o ET para evitar que ele fosse capturado e transformado em cobaia pelo serviço secreto americano. O menino coloca-o no cesto da bicicleta, coberto por um pano e a turma toda, num momento

mágico, telepático, em plena perseguição, alça voo. A bicicleta passa pela lua, projetando sua sombra. É de tirar o fôlego.

Em Butch Cassidy, há a cena da mulher sentada sobre o guidão da bicicleta, abraçada ao homem que pedala a máquina por uma trilha no campo. Passam por debaixo de uma macieira, ela colhe o fruto, morde e oferece a ele. Como Eva no Paraíso. Pura sedução.

Outra cena que me comoveu foi a do recente O Leitor- os dois passeando de bicicleta pelo campo banhado de sol. Recordei-me como é bom viajar na companhia de quem se ama.

Em “Itinerário para Pasárgada”, de Manuel Bandeira, poema-símbolo do lugar ideal de evasão e fuga da realidade, aparece a bicicleta como uma das possibilidades de vigor e privilégio: “Andarei de bicicleta,/ Montarei em burro brabo/ Tomarei banhos de mar...”

Pinço no poema “Azul sobre Amarelo, Maravilha e Roxo”, de Adélia Prado, estes versos: “Desejo, como quem sente fome ou sede,/ um caminho de areia margeado de boninas,/ onde só cabem a bicicleta e seu dono”.O caminho aberto da emancipação, da autonomia.

Depois de tudo, como sempre, nasceu um poema:

Quem ganha uma bicicleta
Monta no inconsciente
E marcha para frente,
Vai adiante
Com o próprio esforço,
Sentindo os músculos,
O suor,
O vento,
Evoluindo
Como uma seta.

Quem ganha uma bicicleta
Equilibra-se,
Torna-se cavaleiro,
Conta consigo mesmo
Para alcançar a meta.

Quem ganha uma bicicleta
Assume independência,
Vai aonde quer:
Desce aos vales,
Sobe às montanhas,
`As vezes em curvas,
`As vezes em linha reta.

Quem ganha uma bicicleta
Assume sua personalidade,
É tanta a liberdade
Que já pode ser poeta.

Quem ganha uma bicicleta
Esquece a inércia,
O medo,
O infantilismo,
A pessoa se reinventa,
Adulta.

Quem ganha uma bicicleta
Sai pelo mundo,
Sob o sol,
Sob a chuva,
A alma em festa...



Cisne

Na artéria, na veia, nos pulsos, no peito, é por esse mapa sanguíneo azulado, à flor da pele, que corre o amor. A sede desesperada de amar e ser amada, de sentir-se viva, embora com a alma fragmentada.

Na Artéria é o título do livro da atriz e escritora, Clarisse Abujamra. Acompanha o livro, que vem dentro de uma caixa, um CD em que ela imprime a cada frase o seu tom de voz ao mesmo tempo suave e dramático, na trilha sensível criada por André Abujamra.

Nesse poema em prosa, nessa carta de folhas soltas como plumas, um cisne branco, um rei, um anjo, um poeta, conduz a amada ao exílio de Mantua, onde Romeu chorou amargamente a separação de sua Julieta.

Amar é mesmo ser cordeiro imolado todos os dias, num eterno ritual de sacrifício. Lutando entre a Carne e o Espírito, a menina/mulher quer carinho, quer morte, quer vida, excitadíssima.

É preciso sobreviver à solidão, aos desencontros, ao silêncio, à velhice estampada na face de nossa própria mãe. Vem o antigo questionamento: “_ Espelho, espelho meu...” E a voz de Cecília: “_ Em que espelho ficou perdida a minha face?”

Se o amado é cisne, a amada é bailarina, de postura perfeita. Cristal que se estilhaça.

Perdoar ainda é o único caminho para o encontro com o outro (ou Outro) e exige força sobre-humana. O cisne é a paz, a lucidez, a clara resistência. E na artéria, sim, corre o vermelho do Amor, canalizado e oculto:

O poeta é um cisne,
Ave imaculada
Cheia de poder e graça;
Nas noites de lua
Despe seu manto de plumas
E anda nu
Despejando sêmen e espumas.

O poeta é um cisne,
Druida vestido de branco,
Pontífice sagrado
Inspirado pela luz
Que incide no lago

Imagens distorcidas
Da realidade.
O poeta é um cisne
De celeste onipotência,
Transbordando audácia,
Seu canto amoroso
É prenúncio de morte
Para si
E para o mundo.

O poeta é um cisne,
Anjo elegante
Ligado por corrente de prata
A uma casta superior.

O poeta é um cisne,
Um nobre
Navegando
No reino infinito do espírito.

Clarisse, mulher nas asas do cisne.



REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: “Saga Pantaneira”, “Futebol - Uma Fantástica Paixão”, “Futebol Campo-Grandense”, “O Paladino do Pantanal” e “Águas do Povo”. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.

Maravilhoso e irônico Anatole France

Os dias eletrizantes que somaram meus onze anos foram belos e repletos de descobertas. A escola, associada a leitura, traçou meu caminho para a glória desses achados. Estimulado pela esplêndida professora CELESTE, do Grupo Escolar Professor Maciel, lia tudo que estivesse ao alcance de meus olhos. Desprovido de “grana” aproveitava para ler as revistas Capricho e Sétimo Céu, antigas, jogadas no lixão no cimo da ribanceira do rio Paraíba. Era comum o padre João Costa, após a leitura, deixar numa cadeira, perto da sacristia, números dos jornais “Correio da Paraíba” e “O Norte”. Ali mesmo, na cadeira, com a aquiescência do sacristão Bebê, lia-os de ponta a ponta.

No fim de uma manhã o sacristão, muito camarada, apontou para a célebre cadeira da sacristia, apressei-me para ver a grande novidade, era algo que me fez estremecer de expectativa. Uma grossa revista, grande e larga, capa colorida, escrita na lapela “O Cruzeiro”, editada no Rio de Janeiro. Abri e li com sofreguidão, receando alguém me interromper. A Coluna de David Nasser, com suas queixas, críticas e ásperas colocações contra o presidente Juscelino Kubstichek me chamou atenção sobremaneira. Ri descompassadamente do inteligente deboche da página humorista

do “Amigo da onça”, entretanto, interessei-me profundamente quando deparei-me com as páginas dedicadas à literatura. O espaço assinado pela redação consagrava; Anatole France, crítico e ironista, ligado às melhores tradições do classicismo francês pelo estilo admiravelmente claro, gracioso, maleável e harmonioso. Nascido em 1844 e falecido em 1824 na França, tinha apenas sete anos quando escreveu o seu primeiro livro “Pensamentos cristãos”. A revista informava que ao escrever “Poèmes Dorés” entrou para o rol dos mais aplaudidos poetas da França, em 1876. Na prosa Anatole France revelou-se ao público europeu com o romance “Le Crime de Sylvestre Bonnard”, em 1881, depois do qual a sua fama de escritor não cessou de aumentar.

Jacques Anatole François Thibault, utilizava o pseudônimo Anatole France para comunicar-se com o povo pondo em evidência suas idéias, onde seus ensinamentos refletiam a sua maior preocupação humanitária com as questões sociais espalhados em dezenas de livros na Europa e no mundo. Membro da Academia Francesa de Letras desde 1896, foi agraciado em 1921 com o cobiçado prêmio Nobel de Literatura.

A revista, para minha alegria, continha um toque irônico de seu avantajado humor relatando, com primorosas palavras, que, aos 86 anos, Anatole France adoeceu para morrer, logo desejou que lhe dessem uma enfermeira moça e bonita. O médico levou-lhe a Irmã Catarina, linda, e boa como nenhuma outra em toda a França. O enfermo ficou encantado. Obedecia-lhe com prazer.

Num domingo a Irmã perguntou-lhe se podia fazer-lhe um pedido.

- Pode, não recusarei o que quiser.
- Quero que se confesse e comungue. Sim?
- Logo isso, minha irmã? Isso não, perdoe...

A Irmã Catarina baixou a cabeça, triste. Anatole France fingiu adormecer. Acordou sorrindo.

- O que foi? - interrogou perplexa a enfermeira.
- Dormi. Sonhei que tinha morrido. Fui depressa para o céu.

Talvez por causa de minha barba, consegui entrar sem dificuldade. Lá dentro São Pedro indagou:

- Como se chama?

- Anatole France.

Mal ouviu o meu nome, perdeu as cores, pôe-se a tremer, a gaguejar.

- Não é este o seu lugar. Retire-se. Não me crie embaraços.

- São Pedro, sabe? Fui tratado pela Irmã Catarina. Ela até queria que eu me confessasse e comungasse...

- Você confessou-se? Comungou?

- Não... na terra, não. O céu, porém, me parece tão agradável, que, para não ter que o deixar, rogo que chame um padre para escutar os meus pecados, e me sirva a santa hóstia. São Pedro entusiasmou-se. Convocou os anjos mensageiros, distribuiu-os à procura de um padre. Esperei na portaria. Esperei, no mínimo, umas quatro horas dos relógios do mundo. Afinal, os anjos mensageiros regressaram. Sozinhos. Tinham procurado em vão. Não havia nenhum padre no céu.

A freira desmaiou após o impressionante relato.

Após a leitura, atônito, esbocei um leve e depois farto sorriso. O sacerdote, percebendo que eu havia saboreado o irônico artigo, irritado, disparou:

- leve a revista e faça-me o favor de jogá-la no lixão da barranca do rio...

Obedeci ao estimado vigário, porém, antes, recortei as páginas correspondentes a literatura e as guardei no meu pequenino arquivo literário.

Dedico este artigo à acadêmica Maria da Glória Sá Rosa, que é profunda conhecedora da literatura francesa.



Cachorro pescador

A prefeitura, com verba estadual, inaugurou o Grupo Escolar Professor Maciel, à margem direita do Rio Paraíba, pertinho do hospital São Vicente de Paulo, desativando o Grupo Escolar Camilo de Holanda. Todas as crianças da cidade, especialmente de famílias carentes,

passaram a estudar no novo estabelecimento de ensino. Agora, toda manhã, eu descia o ladeirão do Alto dos currais, passava rente a Praça Epitácio Pessoa, pegava o retão da margem direita do rio até chegar na nova escola. Caminhada auriluzente digna de inapagáveis recordações.

A atração pela correnteza era tão forte que meus olhos, enlevados, derramavam-se numa linguagem poética:

- Quero-lhe bem desde que nasci, pela sua humildade, pela sua doçura, pela sua poesia. Você não é um simples pedaço de água a andar vagorosamente entre duas beiras de terra da minha cidade. Você é um céu caído em cima, espelhado, mudando sempre, sempre outro, sempre diverso, deslumbrante. Rio meu, meu camarada, meu amigo, mais que irmão, abraço-lhe vendo, durante o dia, o sol dormir em você, no entardecer as estrelas acordarem em você... Rio Paraíba, pela suas águas passam, indefinidamente, todos os crepúsculos de Itabaiana.

Assim era meu trajeto matinal andando, espiando, escutando. Às vezes gostava unicamente de olhar, às vezes, apenas me interessava ouvir. Às vezes, ficava olhando e ouvindo, fascinado. Benditas manhãs aquelas. Guardo-as nas memórias da infância.

Numa manhã de intenso sol, voltando da escola, quase meio dia, testemunhei uma coisa estranha, única naquelas paragens, à beira d'água. A margem direita do rio estava deserta quando avistei na pequenina ilha, quase colada ao barranco, o misterioso e bizarro Ventinha seguido por um cachorro grande, jovem, fazendo-me lembrar o nosso Nero que morreu de velhice. O exemplar aparentava ser um irrequieto vira-lata, cinzento de cor, com certas manchas avermelhadas e que nadara com o dono até a ilha, sentando-se na rocha lisa e escorregadia. O Ventinha ficou de pé, ereto, com a face voltada para o remanso da correnteza embaixo da ponte. O vento fresco batendo em minha face e a alegria do espetáculo tinham me conservado no local, imóvel, de pé na ribanceira.

Observei que o cão ficou a olhar atentamente para a água. Subitamente, ele mergulhou, desaparecendo à vista, mas reaparecendo bem depressa com uma traíra de tamanho avantajado, peixe saboroso e bastante consumido na região. Subindo para a rocha, deixou cair

o peixe, que parecia não ter sido muito machucado por ele, porque ficou a rabiá-lo muito ativamente. O lugar onde fora depositado a presa assemelhava-se a uma fenda, não permitindo, assim, que ela escapasse. Eu estava atônito, e olhei para o dono do cão. Mas o homem continuou no mesmo lugar, olhar fixo na ponte, agora fumando um cigarro de palha, e sem prestar atenção alguma ao que o cão estava fazendo. Novamente o vistoso animal mergulhou e trouxe outro peixe do mesmo tamanho, que deixou cair na fenda, e mais uma e mais outra vez repetiu a proeza, até que cinco traíras estavam rabiando sobre a rocha úmida. O estranho Ventinha finalmente acordou do profundo devaneio, encheu o largo bornal de peixes, atravessou a correnteza que o separava do barranco, assobiou para o cão e, ambos, aos saltos, dirigiram-se à casa paroquial. O padre João Costa, naturalmente, os esperava para mais uma doação. Um almoço regado a um temperado peixe de coco era a comida preferida do vigário.

Aproximando dos 11 anos, eu ainda não tinha encontrado ninguém que tivesse visto ou ouvido contar alguma coisa sobre cachorros que apanham peixes. Aquilo foi uma descoberta fantástica.

O tempo passou. Vai longe o ocorrido, mas a cena é viva até hoje dentro de mim.



Encontro com famoso cangaceiro de Lampião

Janeiro de 1985, férias escolares, como professor livre dos afazeres pedagógicos tencionei visitar o CTN (Centro de Tradições Nordestinas). Ali abraçaria a gente boa do Nordeste. Foi o que fiz no cair da tarde daquele sábado. Estrondosa surpresa me aguardava. Fui informado que no interior do clube, de prosa com alguns paraibanos, estava Galo Branco, cangaceiro de renome, lugar-tenente de Lampião, civilmente chamado de João Martins de Souza.

O Assombro da surpresa derivava-se da amizade que meu pai tivera com ele na adolescência entre os anos de 1916 e 1921, na cidade de Serra Talhada, interior de Pernambuco. Meu pai nasceu em 1904 e Galo Branco em 1905. Quando em 1920 Lampião formou seu grupo de cangaceiros, meu pai, que era vendedor ambulante, foi para Itabaiana, na caatinga paraibana, lá casou e ficou para sempre. Galo Branco entrou para vida sangrenta do cangaço, sendo um dos mais respeitados do bando de Virgolino Ferreira (Lampião).

O presidente do CTN me disse que ele não estava disposto a falar com ninguém. Ele, de costas, conversava gesticulando quando, afoitamente, me aproximei. Ouvindo minhas pisadas no chão batido ele voltou-se encarando-me com o senho fechado. Ali estava o afamado Galo Branco que meu pai tanto falava. Agora com 80 anos, o jagunço altaneiro e branquelo. A postura, a despeito dos anos, é realmente soberba, magnífica. Só os pés não tem a agilidade de outros tempos. Arrasta-os vagarosamente, não está trôpego, porém. De poucas rugas. Na minha visão ainda trazia a postura de soldado, postura de combatente. Os cabelos eram ralos e finos. A barba, pouco espessa, que lhe emoldurava o rosto avermelhado e severo. Ali estava Galo Branco, sombra, fantasma, mito, uma das lendas inapagáveis da história do cangaço de Lampião.

- Sou filho de Lucindo, seu colega de infância e adolescência na cidade de Serra Talhada, em Pernambuco. Sou professor aqui em Campo Grande...

Galo Branco mudou de feição, abriu um escancarado sorriso, levou-me para a roda dos nordestinos e disparou:

- Teu pai era menino bom, trabalhador, porém frouxo como ninguém. Fugiu para a Paraíba com medo de Lampião o convidar. Eu topei.

Passando a surpresa, com calma, falando lento, pausadamente, conta o seu passado de lutas com uma senhora naturalidade, sem exagerar. Nas investidas e batidas do bando de Lampião contra os “macacos”, fazendas e cidades não havia momentos de frouxidão e covardia, nem fome, sede e necessidade física. Raro o dia, no mato ou nos trieiros que

podíamos nos dar o luxo de uma xícara de café. Cangaceiro não levava café. Rapadura, farinha, carne, sim, que era o essencial. Queijo, bolacha e doce, quando levávamos das bodegas. Andávamos quilômetros a pé, de um lado para o outro, a fome e a sede inseparáveis, eis a vida no cangaço. Estávamos sempre armados de carabinas, revólveres e punhais. Munição a gente carregava nas cartucheiras e num bernal. Cada um levava de 300 a 600 balas. Meu bando usava chapéu de couro de aba larga, alguns com espelinhos e outros enfeites. A roupa era mescla e cáqui. Todos usavam grandes lenços coloridos no pescoço, vermelho e preto, as cores preferidas.

Galo Branco também disse que conviveu quatro anos e meio com Lampião e nunca foi ferido devido a extrema cautela e pontaria precisa nos combates travados contra os “macacos”. Num descuido, dormindo no cabaré de uma cidade alagoana, foi preso e enviado para o presídio da Ilha de Fernando de Noronha. Ali viveu 18 anos e meio, cumprindo justamente a pena que lhe foi imposta, e libertado, afinal, ali se deixou ficar prestando pequenos serviços a comunidade local.

Viajando pelo Brasil, passou em Campo Grande quando, na oportunidade nos encontramos. Reputo, como um inusitado e notável encontro, este com o lendário Galo Branco.



J. Barbosa Rodrigues e o Pe. Antônio Vieira

Na segunda quinzena de 1989, já desfrutando de uma robusta e prazerosa amizade com o Dr. Elpídio Reis (presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras) mostrei-lhe, como estreado na literatura campo-grandense, os originais do estatuto da Associação de Novos Escritores de MS, entidade a ser fundada com o apoio e aval dos escritores da capital. O aplaudido escritor olhou-me com espanto e certa admiração.

- Tem certeza que dará certo?
- Sim respondi com vigoroso brilho no olhar.
- Então eu lhe aconselho visitar o professor e historiador J. Barbosa Rodrigues...

Não perdi tempo. No dia seguinte passei na livraria Rui Barbosa (na época situava-se na Rua 14 de Julho) e adquiri “História de Campo Grande” (editado em 1980) e “História de Mato Grosso do Sul” (editado em 1985), livros da lavra do professor Barbosa.

No prédio do jornal Correio do Estado, na Avenida Calógeras, recebeu-me sério, porém cortês, autografando suas obras com satisfação. Homem prático, culto, de poucas palavras ouviu atentamente o desejo que embalava o meu coração de fundar uma entidade para servir os iniciantes da bela arte de escrever abrindo, assim, espaço para edições de livros na capital e no Estado.

Após analisar ligeiramente os itens do estatuto demonstrou simpatia pela idéia orientando, com interesse, a ampliação dos artigos fortalecendo, com maior embasamento, o regimento interno da novel agremiação literária. A partir dali houve uma amizade crescente entre nós. Tivemos novos encontros até a festa da fundação da entidade no dia 13 de junho daquele ano, no Centro Cultural Otávio Guizzo, com ele e o Dr. Elpídio Reis presente, contando entre os convidados dezenas de poetas e escritores.

Numa tarde de sábado visitei o professor Barbosa Rodrigues no apartamento onde morava, na Rua Maracaju, no edifício Ouro Preto. Conversamos animadamente sobre vultos notáveis que contribuíram com o avanço da literatura brasileira. Por ter sido seminarista ele discorreu sobre os fabulosos escritores da ordem dos jesuítas: José de Anchieta, Manuel da Costa e Antônio Vieira, centralizando seus comentários neste último.

Para mim - disse olhando-me serenamente o padre Antônio Vieira é, certamente, o maior orador sacro da língua portuguesa. Ninguém o supera ou mesmo iguala. Os seus mais de mil sermões que pronunciou, incluindo as mais de três mil cartas que escreveu

enchem 20 grossos volumes. Também integram suas obras completas os importantes e significativos livros “História do Futuro”, “Chave dos Profetas” e “Arte de Furtar”. Tive o privilégio de ler alguns de seus discursos.

Dentro de mim havia um frêmito de alegria. Mirava-o com respeito. Ali estava um intelectual de escol, Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de MS, da Academia Brasileira de História e do Conselho Estadual de Cultura.

- Olhe, Professor Barbosa - informei com ênfase – outro dia li um artigo do escritor paranaense J.M.Simões que dizia “O Padre Vieira era possuidor de uma cultura enciclopédica, dotado de uma memória prodigiosa, chegou a dominar, além do latim, do grego, do espanhol e do italiano, seis ou sete idiomas indígenas, com os quais, sobretudo na Bahia e no Maranhão, chegou a converter milhares de índios, que tiveram sempre nele um defensor implacável e intransigente. Prosador maiúsculo, orador sacro extraordinário, epistológrafo exemplar, humanista escolástico, político, diplomata, catequista, homem de profunda fé e sólida moral, profeta, visionário, em todas essas facetas existenciais o jesuíta revelou grandeza invulgar e talento singularíssimo.”

Naquela riquíssima conversa também comentamos que o padre Vieira, um dos gigantes da literatura clássica da nossa língua, enquadrava-se num dos cinco portugueses mais ilustres de todos os tempos.

No arremate do diálogo era necessário acrescentar o dia 6 de fevereiro de 1608, data de nascimento do Padre Antônio Vieira, em Lisboa, falecendo no dia 18 de julho de 1697, poucos meses antes de completar 90 anos, na plenitude de sua capacidade intelectual.

Senti-me orgulhoso de ter como amigo o diretor-presidente do jornal Correio do Estado, escritor consagrado e, quando faleceu, no dia 19 de março de 2.003, deixou um enorme vazio dentro de mim, uma perda irreparável no desenvolvimento do jornalismo e no avanço cultural de Mato Grosso do Sul.

Hoje, como titular da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, entidade que ele tanto amou, recebendo da mesma o título de “Bene-mérito da Cultura Sul-Mato-Grossense”, inclino-me humildemente diante da figura brilhante do jornalista J. Barbosa Rodrigues, homem de conquistas imorredouras, sobre o qual consubstanciavam-se as glórias auriluzentes do jornalismo e da literatura sul-mato-grossense.



RUBENIO MARCELO

Poeta, compositor e revisor, é autor de oito livros publicados e dois CDs musicais. Pertence à Academia Maçônica de Letras de MS, é Conselheiro Estadual de Cultura de MS. Participou - como convidado - da I Bienal Internacional de Poesia - Brasília, reunindo os grandes nomes da poesia nacional e do exterior. Ocupa a Cadeira n° 35 da ASL, da qual é o atual secretário-geral.



O Velhinho do Surf

Costumo caminhar no Belmar. Lá, bem aqui, nas manhãs de finais de semana ou nas tardes do cotidiano, posso sentir de perto os reais eflúvios que traduzem aquele famoso provérbio latino: mens sana in corpore sana... Inda mais agora, com a Academia da Terceira Idade (ATI) que, há cerca de um ano, foi instalada nesta histórica praça esportiva bem próxima de todos nós e orgulho da nossa Cidade Morena. Assim, como já passei dos quarenta, incluo-me com tranquilidade nesta ‘faixa flexível da melhor existência’, e – após suadas voltas, andando em certo ritmo pela pista própria – ‘pego uma carona’ na ATI e desfruto cadenciadamente as benesses da amena aparelhagem, sendo que tenho preferência por dois dos seus equipamentos: o “simulador de cavalgada” (que fortalece a musculatura dos membros superiores e inferiores) e o “multi-exercitador” (que reforça a flexibilidade), além do “rotação vertical”, que utilizo entre séries de exercícios.

Como de costume (quando tenho tempo disponível) – numa ensolarada manhã de domingo –, após realizar a minha tradicional e relaxante caminhada (doze voltas) na pista de cooper do aprazível Belmar Fidalgo, fui ‘malhar um pouco’ e fortalecer a parte aeróbica na academia.

Ao chegar ali, logo me chamou atenção (pela maneira arrebatada de se exercitar) a disposição de um senhor franzino, aspecto rubro e porte apequenado, aparentando não possuir menos de sete décadas e meia de vida, entanto – do tipo garnisé-elétrico mesmo – denotando pleníssima forma e visivelmente esbanjando saúde. Pois bem, este cidadão – ereto e atracado no aparelho denominado Surf (que melhora a agilidade dos membros inferiores e quadris, ‘trabalhando’ estas regiões através de movimentos pendulares) – encontrava-se empreendendo alucinados vaivéns, balançando-se lateralmente em ‘ritmo fora do normal’, movendo-se numa trajetória deveras acelerada, digna de fazer inveja aos mais preparados atletas olímpicos.

Tentei não me impressionar com a cena, e – após ‘alongar’ naturalmente – iniciei a minha costumeira ‘simulação de cavalgada’, que, além de desestressante, serve também para aumentar a capacidade cardiorrespiratória. Assim – nesta estação, pausadamente ‘cavaleando no corcel metálico’ a uns 3 metros do lépido e bamboleante ‘malhador sênior’ – eu permaneci cerca de 20 minutos, enquanto, de rabo de olho, acompanhava o vigoroso ‘surfador’ (ou seria ‘surfista’?) em seu excêntrico e permanente traçado. Em certo momento, o velhinho (vermelho, que só um pimentão maduro, aboletado no equipamento, e suando mais do que tampa de chaleira antiga, porém firme, alígero, leve, solto e superdeterminado), qual frenético pêndulo humano, em agudos meneios e impulsos, parecia mesmo que ia decolar...

Mudei de aparelhos umas duas vezes, perfiz novas séries, queimei boa dosagem de calorias... E o cara parecia que estava apenas começando... Com semblante afogueado, cada vez imprimia inclinações mais impressionantes em sua exasperada coreografia. Os seus mirrados e lestos quadris davam a impressão de que se desconjuntariam a qualquer instante, ante aquele incansável e radical rojão... E tome balanço!... E haja surf!...

Eu, hein! – pensei comigo. Quanta disposição!

E, como se esgotara o meu tempo, a par de outros compromissos agendados, encerrei a minha jornada física naquela manhã, não sem antes – claro – desfrutar do ‘alongador’ para relaxar a musculatura.

Nisto – saindo do Belmar e me dirigindo ao meu veículo (que estava estacionado na Rua Dom Aquino, próximo a uma banca de revistas situada naquele local) –, eu senti um repentino e forte ‘deslocamento de ar’ do meu lado. Virei-me automaticamente naquele rumo e não deu outra!... Era o velhinho do surf que, ‘a mil por hora’ – qual The Flash daqui –, em vastas passadas, também deixava o point e – como um raio – passou a meio metro de mim, na direção da Rua 25 de Dezembro... Pensei comigo, sorrindo: ‘este coroa deve estar me esnobando [no bom sentido, claro] e, com certeza, lá no cruzamento ele vai dar uma cambalhota ou aprontar qualquer coisa, quem sabe até imprimir um “irado aerial 360”’. Porém o ‘brother’, na batida que ia, contornou com estilo a esquina e, no mesmo pique, sumiu na calçada serena e cálida como as cores daquele domingo.

Eu – que na minha adolescência ao sabor dos verdes mares de Fortaleza, não cheguei a ser um “big rider”, mas peguei boas ondas com a minha inesquecível prancha funboard amarela – fiquei a pedir ao Grande Arquiteto do Universo para que me permita chegar “na crista da onda” à idade daquele ‘velhinho casca grossa’ e “surfando” com aquela disposição. Assim seja! – roguei.

Sai dali matutando, enquanto se espargia no ar o canto plangente dos fidalgos sabiás que, felizes, adornavam as copadas virentes daquele belmaravilhoso lugar.



Musa

[a uma estrela-real/sonho azul]

de repente
a noite clara
ganhou luz
azul...
um semblante,

um encanto,
uma estrela,
um prelúdio azul...

neste enlevo,
pulsei o azul do meu coração
e sonhei azul...
azulejando a vida,
contemplei orquídeas azuis,
vesti-me de azul
e no azul viajei...
velejei o azul do mar
flertando a tez azulínea do horizonte
entre encantos, mistérios
e marlins azuis...
ah, o sonho é azul,
o amor é azul-celeste,
como tocar esse céu?
toquei o real;
sem cor, procurei
meus sonhos azuis...
ah, se aquela estrela
agora estivesse
no azul desta messe
ouvindo o meu blues...

A paz do teu sorriso

O teu sorriso é sonho que fascina
A face da manhã e o tom do dia;
É grã sublimação que cadencia
O dom que a transcendência predestina.

O teu sorriso esparge na campina
Enlevos matinais e prenuncia
Os zéfiros que trazem primazia
Aos madrigais da tarde alabastrina...

Tal qual a tez lunar, que necessita
Da luz solar pra ser bem mais bonita
E ter da formosura o tom preciso,

O dia – pra nascer branco – em verdade,
Precisa refletir a claridade
Da paz transcendental do teu sorriso!

Argonauta

na rota lúcida
que imprimirei
buscando a ilha
do amor nascente,
eis o horizonte
ardente e claro
de um argonauta
e seus segredos...

não tenhas medo,
contempla o mar
escuta o celo
a te guiar
em tons-prelúdios
transcendentais...

nestes sinais, há a paz de um desejo,
há o sonho-real de um amor,
há a ânsia de mil beijos,
há um porto seguro, acolhedor.

vem, pois é só nosso este luau,
singra os elos desta direção...
vem, alcança o estro desta nau
e toma pra ti este timão!

mira o sol das hespérides
e as manhãs colorindo o nosso mar...
é lá que existe uma ilha, um paraíso
e a liberdade a nos esperar...

vamos pra lá...
ver o azul brotar;
tecer o azimute
de um novo lugar.

lá, vamos cavalgar...
viajar na nave do prazer,
sorrindo um novo sol,
ardendo o nosso sal...

reaprender o sentido do hoje
e a floração do agora
na plenitude da ternura
reaquecer o amanhã...

reamanhecer!

Transcendência do amor

O amor é assim: ardente jogo
Que nos conduz ao céu pelo calvário...
É a cena ocultada no cenário
Pelo inverso estradar que oscula o fogo.

Às vezes, o amor é pedagogo:
Faz pulsar com fervor seu corolário;
Outras vezes, inclina-se, precário,
E não mostra o semblante (nem a rogo).

O amor é rebelde... E pode ser
O impulso feraz que faz romper
A sublime visão de um sonhador...

Há amor espargindo a sua essência
No latejo de toda transcendência...
Pois tudo que transcende vem do amor!

Soneto sonâmbulo

À noite - enquanto eu durmo - o meu soneto
sorri de mim e sai em grã jornada...
Contempla a vastidão da madrugada
e vai errando os erros que eu cometo...

Ao som transcendental de um minueto,
segue altaneiro na fragosa escada...
Alcança o topo azul da caminhada
e vê pulsar ao longe um amuleto...

Ele - em fascínio - do mirante pula,
levita, e sonha, e sangra, e perambula,
mas sempre volta... Sim, ele não tarda!

Assim, sem nem tocar a campainha,
ele retorna e, bem de manhãzinha,
já está comigo... Ah meu anjo da guarda!

Arte real

Ser um perseverante na virtude
e buscar a verdade eternamente...
Glorificar os dons da retitude
aos raios perenais da luz fulgente...

Saber abalizar toda atitude
com determinação suficiente
pra mostrar que é um ser que não se ilude
diante as armadilhas vãs da mente...

Afugentar o vício, a ignorância,
o preconceito, a ira, a arrogância,
e todos erros que causam desfeita...

Contemplar o florão transcendental:
ser da fraternidade universal
um elo desta paz justa e perfeita!



VIII Recital Poético do Curso de Declamação Castro Alves - Arte de Dizer

Mais uma vez o Curso de Declamação Castro Alves, da professora e poeta sul-mato-grossense Elizabeth Fonseca, apresentou um espetáculo ímpar da autêntica Arte de Dizer. Foi o seu *VIII Recital de Poesias*, que ocorreu na noite de 27/10/2010 no Teatro Prosa do SESC Horto (Campo Grande/MS).

O tradicional acontecimento – aberto, sem fins lucrativos – que a cada ano celebra o notável potencial artístico do nosso país, convocou mais uma vez o público para uma inesquecível viagem pelas sendas fecundas da arte poética e da magia de bem dizer.

Nesta edição, o Recital homenageou poetas do nosso Estado, como: Manoel de Barros, Rubenio Marcelo, Raquel Naveira, Geraldo Ramon, Américo Calheiros, José Pedro Frazão, Reginaldo Araújo, Jorge Antonio Siufi, Guimarães Rocha, Delasnieve Daspét, Ruberval Cunha, Reginaldo Costa de Albuquerque, Elias Borges, Nena Sarti, Darci Cunha, Sandra Andrade, Sagramor Farias, Nildes Tristão Prieto, Milton Vicente, Ileides Muller, Agenor Martinho Correa, Samuel Xavier Medeiros, Evandro Walker, Ely Cicalise, Luzia Câmara Ozarias e Sandra Maria Arantes. Acerca da programação do evento, Elizabeth Fonseca afirmou: *“não foi possível contemplar todos, pois Mato Grosso do Sul tem um enorme quantitativo de poetas, mas que os demais se sintam também homenageados”*.

O Recital foi dividido em 4 partes e, nos intervalos dos blocos de declamações, houve apresentações de números musicais ao vivo (com Konrado Herculano Leite - acordeão, Joel Mendes - violão clássico, e Antônio Cesar e Edna Maria - MPB), evidenciando, com magnificência, a justa e perfeita harmonia dessas duas mais belas artes: a música e a poesia. Além de Elizabeth e a excelente equipe do Curso de Declamação Castro Alves, atuaram como declamadores convidados: Elias Borges, Nildes Tristão Pietro e Leda Martins Barbosa.

Como nas ocasiões anteriores, esta VIII edição do Recital ratificou toda a competência e dedicação de Elizabeth Fonseca (a organizadora, juntamente com seu esposo Nelson Fonseca, familiares, alunos e equipe), sublimando o público a cada detalhe cuidadosamente preparado para o inesquecível momento. Arte séria e legítima (feita por gente decente e compromissada com a seriedade) é isto! Gente que trata a arte com dignidade e, nesse sentido, pensa como Ariano Suassuna: “Arte não é produto de mercado, é missão, vocação e festa”.

Quem conhece Beth – esta esplêndida e determinada artista sul-mato-grossense – sabe da sua inexcedível capacidade de transcriar percepções da suprarrealidade hedonística e espargir coágulos de emoções através das faces divineternas da lídima *commedia dell’arte*. A ela, nossos sinceros parabéns!

São iniciativas desta natureza que nos fortalecem e nos animam a seguir em frente, na luta renhida do cotidiano. Destarte, realizações autênticas como estas – dotadas de consistência, retidão e beleza – são sempre bem-vindas e têm que receber o devido apoio de todos.



THEREZA HILCAR

*Nasceu em Lagoa da Prata (MG), em 1957. Formada em Secretariado Executivo. Em Campo Grande desde 1980, iniciou sua trajetória no jornalismo como apresentadora, colaborando para diversos veículos de mídia e ocupando cargos públicos de grande destaque. Publicou *No outro Lado do Peito*, *Tereza toda Terça* e *No Trem da Vida*. Ocupa a cadeira n° 06 da Academia.*



Sem saída

Ler, diariamente, todos os noticiários faz parte do chamado “ossos do ofício” do jornalista. Se por um lado o exercício da leitura nos dá, digamos, maior poder de argumentação – além da informação, às vezes fico me perguntando se não tenho lido coisas demais. Com o advento da Web somos quase que atropelados, segundo a segundo, por novas informações, quase sempre pessimistas, algumas escabrosas. Por isso, devo confessar, tenho ficado nauseada, com pavor, muito medo mesmo de viver neste Brasil varonil. A cada novo click surge na tela uma notícia de violência, verdadeira guerra urbana que vem se travando na maioria das cidades brasileiras.

Em apenas poucos minutos pode-se ler várias notícias estarrecedoras: o pai acusado de estuprar o filho de apenas cinco anos de idade; o policial que chuta o ladrão de celular na rua; adolescente baleado na porta da escola; criança atingida por bala perdida em sala de aula; jogador de futebol acusado de crime hediondo; preso que vai se candidatar a cargo político; pré-eclampsia tida como a doença que mais mata gestantes no País; maioria do eleitor brasileiro com escolaridade baixa; tempestades que desabrigam centenas de pessoas; políticos desafiando a justiça... ufa! Se minha avó fosse viva, com toda certeza diria: estamos no fim do mundo. Caso o fim

do mundo for precedido pelo desrespeito ao cidadão e aos seus direitos mais básicos, com certeza estamos muito próximos dele.

O que mais me preocupa nisso tudo é a nossa passividade diante de tamanha balbúrdia. Nem a morte nos comove mais. Banalizamos tudo, inclusive a perda. Principalmente dos outros.

Então caímos na velha história da responsabilidade. Vivemos numa democracia, temos presidente, senadores, deputados federais e estaduais, vereadores; o poder judiciário e dezenas de órgãos de classe. Mas alguém já se perguntou quem é responsável por nós? Alguém já assumiu publicamente a responsabilidade pelo seu eleitor, pelo cidadão brasileiro que paga impostos escorchantes? Você por acaso já viu algum deles batendo no peito e assumindo a meia-culpa pela falta de segurança ou de educação? Quem, por exemplo, foi à televisão ou aos jornais dizer: “aquela criança morreu por não fizemos a coisa certa”; ou “o trânsito mata porque somos condescendentes com as leis?”; ou ainda, “não sobra dinheiro para a saúde porque temos prioridades mais importantes?”. Já pensou se eles dissessem que não podem priorizar a educação, porque preferem uma nação de cordeiros? A premissa, do tempo da minha avó, mas infelizmente ainda prevalece.

Somos mesmo, um bando de cordeiros. E fomos bem treinados para agir como tal. Ignoramos a história real do País; não sabemos ler (sem contar que nossos livros estão entre os mais caros do mundo), não temos bibliotecas públicas suficientes; não sabemos distinguir o certo do errado; temos opiniões distorcidas, infundadas (quando temos!); acreditamos em tudo que lemos e ouvimos; aceitamos e não discutimos. Sofremos de baixa auto-estima. Mas, obedientes, votamos. Talvez por entender que o processo democrático é lento, ou por ainda acreditar que podemos mudar alguma coisa. Somos ingênuos por natureza. Aliás, as eleições, já que são obrigatórias, deveriam ser estendidas a outras categorias.

Nos EUA, por exemplo, o voto é facultativo, as pessoas escolhem quem vai ocupar a maioria dos cargos públicos. Votam até no candidato a delegado de polícia. Aqui somos obrigados a votar apenas para o Legislativo, além de presidente e governador. E ainda

votamos em quem mal conhecemos, pessoas a quem nunca teremos chance de cobrar atitudes e promessas. Daí a irresponsabilidade. A ironia é exatamente esta: ninguém assume coisa alguma porque o mesmo poder que lhes é dado por nós, os protege das nossas cobranças. Eles não são cobrados nem nas urnas. Estão sempre saindo pela tangente, colocando a culpa no sistema, na conjuntura econômica, em mim, em você, na mãe. Nunca neles.

Somos órfãos neste país. Ninguém garante minimamente nossa integridade física, econômica, nem moral. Estamos à mercê das nossas vicissitudes. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Com farinha e tudo.

CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA



Influência deste e de outros projetos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras no contexto lítero-cultural do nosso Estado

(Por **Geraldo Ramon Pereira**)

Criado no século passado (1973), sob a égide do então presidente da ASL - e um de seus cofundadores - José do Couto Vieira Pontes, o “Concurso de contos Ulisses Serra” não poderia aspirar por melhor progenitor: o acadêmico Couto Pontes, como informalmente o chamamos, é um dos maiores contista da nossa região e do país. Autor do reconhecido, comentado e por várias vezes premiado livro do gênero - Deste Lado do Horizonte - Couto é um dos pioneiros, entre nós, a abraçar a difícil arte de escrever contos. E não o faz por mera intuição, pois sua bagagem cultural abrange conhecimentos invejáveis de litera-

tura francesa, russa, italiana, inglesa, espanhola (inclusive dos países sul-americanos) e outras, todas fartamente premiadas com grandes nomes da arte contista universal. Dispensável é falar-lhe da maestria e domínio da língua e literatura portuguesas, cujo grande ídolo seu é o nosso fabuloso Machado de Assis.

Ainda não honrado em ocupar uma das cadeiras da nossa Academia, tive a felicidade de participar do primeiro “Concurso de contos Ulisses Serra” – saindo um dos seus vencedores com o conto regional Aquarela de Sangue, de ambiência pantaneira. Tal acontecimento, marcante em minha vida literária, levou à curiosidade de conhecer-me pessoalmente o também contista, poeta e prosador acadêmico Antônio Lopes Lins que, inteirando-se de minhas investidas na Literatura, passou a incentivar-me, tanto como poeta como prosador, culminando por indicar-me para concorrer a uma vaga na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras...

Conto-lhe, paciente leitor, tais fatos, com o intuito de mostrar-lhe como uma academia de Letras, através de um simples, mas interessante concurso, pode descobrir ou incentivar novos valores na difícil arte de bem escrever. Daí a surgir um novel talento como escritor vai depender das qualidades particulares e interesse de cada um. Mas a semente está sendo lançada. É só adubá-la e aguá-la com o suor da persistência.

E eis que, nesta nova edição, de nº 18, da nossa Revista da Academia, estamos incluindo, na sua íntegra, os três primeiros lugares dentre os contos que, por decisão soberana de uma comissão acadêmica, foram os vencedores do último concurso. Assinados com pseudônimos, acalenta-nos a ansiosa curiosidade de saber quais os nomes reais desses ganhadores, que só passamos a conhecer após a classificação. Que bom verificar que um candidato felizado é, às vezes, gente do nosso convívio; outras vezes, um concorrente de outra cidade ou até mesmo de outro estado. Isso revela-nos a importância da divulgação do concurso, através de edital, no que somos eternamente gratos ao saudoso acadêmico Prof. J. Barbosa

Rodrigues, que nos concedera a página Suplemento Cultural, aos sábados, do Jornal Correio do Estado, na qual publicamos matérias acadêmicas.

Além de outras atividades correlatas, internas e extra-sede, conforme já abordado em volumes anteriores desta revista, é intenção da Academia abrir oportunamente novos concursos, como de crônicas e poesias – em especial o de sonetos, para ampliar o leque de oportunidades aos que curtem a boa e versátil literatura.

Quem sabe, assim, surgirão novos nomes que possam ser inseridos conceitualmente no contexto da literatura regional, onde paira uma espécie de mania hegemônica de só se destacar um único valor, já consagrado, em cada área – como, a exemplo, na poesia só é citado, em nosso meio, o poeta Manuel de Barros. Nada contra o valor do magno bardo, que admiro e respeito. Mas outros talentos existem, com outros estilos, outras formas, poetas que também catalisam a apreciação e o respeito pela sua originalidade, e até pela capacidade de preservar as formas clássicas tradicionais, que são imortais, como toda arte verdadeira. Para não pecar, não citarei nomes. Entretanto, estes nunca são lembrados. A própria mídia incumbe-se de eclipsá-los, evidenciando sempre o mesmo astro, isolado. Deve-se atinar que a beleza do céu não está em uma única estrela, mas sim no conjunto delas. A lua, solitária, deixa o firmamento triste... É o conjunto de flores que dá vida ao jardim!

Assim também ocorre com nossos escritores de outros gêneros (contistas, cronistas, romancistas), cujos nomes, em grande monta, são relegados ao anonimato, não porque suas obras não mereçam reconhecimento, mas porque apenas uns poucos conseguem levá-las ao prelo de uma grande editora, que se incumba do marketing e da divulgação a que fazem jus.

E aqui reporto novamente à importância dos concursos literários de nossa Academia de Letras. Os concursos são lançados, os escritores em potencial são motivados, redigem seus trabalhos, concorrem, os melhores são filtrados e divulgados através desta Revista, que chega aos olhos de todos os que apreciam a bela arte de escrever. Entre estes

estão os Editores e os próprios Governantes, cujas repartições voltadas para a cultura, como o FIC/MS, interessam-se em apoiar a publicação e divulgação de livros de autores regionais. Com isso, ganham os escritores, ganha a Literatura de Mato Grosso do Sul.

Daí talvez, quando alguém lá de fora perguntar pelos nossos escritores, tenha-se, orgulhosamente, mais de um nome para ser citado dentre os vários gêneros literários - o que vai demonstrar que nosso estado, além de sólida economia, contribui significativamente para a riqueza lítero-cultural do nosso país.



Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL - Comissão julgadora e vencedores -

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras promoveu a edição/ano 2010 do “Concurso de Contos Ulisses Serra”, já tradicional em sua história. A comissão julgadora, composta pelos acadêmicos Maria da Glória Sá Rosa, Geraldo Ramon Pereira, Reginaldo Alves de Araújo e Rubenio Marcelo, classificou os seguintes contos:

1º Lugar: “Gato Preto” (de **Lilian Jorge** – Deodápolis/MS);

2º Lugar: “réquiem de amores vãos que a dor de sangue, es-
correndo em rios, resume” (de **Juliano Borges** – de Corumbá/MS);

3º Lugar: “Lições de um caminhão de lixo” (de **Mayara Pereira
Dau** – de Dourados/MS).

Nas página a seguir, pela ordem de classificação, a transcrição dos textos vencedores.



PREMIADOS NO CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA

**1º Lugar do *Concurso de Contos Ulisses Serra* da ASL
(ed. 2010) - Lilian Jorge:**

Gato Preto

O café extremamente quente faz com que os olhos de Fernando marejem a cada tentativa de sorver o líquido sem açúcar. Isso sempre ocorria quando perdia a hora e era obrigado a tomar seu desjejum às pressas, entre as manchetes políticas que não conseguia ler e um ou outro bocejo.

Naquela manhã conseguira superar seu recorde anterior e tinha apenas cinco minutos para deixar as crianças na escola e chegar ao escritório. Ou para bolar uma boa desculpa para chegar, de novo, após o início do expediente. O diretor, com probabilidade matemática, estaria à porta esperando-o, entre contrações da mandíbula que faria um buldogue ter complexo de inferioridade e o arquejar de umas narinas bovinas, que tremiam com ou sem capas vermelhas. Havia ocasiões em que Fernando, inconscientemente, procurava colocar pelo menos uma escrivaninha entre ele e o chefe quando sofria uma reprimenda, pois temia ser levantado pelo pescoço ou coisa semelhante.

Tomando coragem e o café quente ao mesmo tempo, Fernando decidiu-se pela primeira opção. Até porque seu estoque de quase-verdades estava cada vez menor. Já fizera a mulher, o pai, a mãe e a sogra adoecerem, uns de complicações cardíacas, outros de mau súbito. Além disso, não podia matar duas vezes o sogro que, inclusive, fôra visto no

bingo pelo chefe de Fernando. Duas semanas após ter sido enterrado em uma cerimônia comovente, na qual Fernando se emocionara.

Pegando do paletó e da maleta, Fernando ajeitou rapidamente o nó da gravata, ao mesmo tempo em que gritava para os fundos da casa:

- Já estou indo!

Segundos depois, uma menina de 7 ou 8 anos aparecia esbafo-rida pelo corredor, tentando colocar uma grande mochila nas costas, seguida por um garotinho de não mais que 5 anos, com os cabelos e as roupas em desalinho.

Atrás das crianças, uma mulher jovem e bonita tentava pentear, sem muito sucesso, os espinhentos cabelos do menino, ao mesmo em que recomendava à menina:

- Arrume já esta calça, Maria Eduarda. Onde já se viu uma criança da sua idade querer andar com calça de cintura baixa?!

A garota não pareceu dar muita atenção à mãe e seguiu para a porta, enquanto Fernando, exasperado com a demora, bradava:

- Vamos embora de uma vez! O André acaba de se pentear na escola.

Galgou em poucos passos o espaço que o separava da porta da frente seguido pela família. A mulher, porém, correu alguns metros e ultrapassou os filhos, chamando por Fernando. Quando este se virou com um “O que é?” irritado, ela disse, baixinho:

- Nada. Só queria dizer que te amo.

O rosto tenso de Fernando relaxou. Aproximando-se da mulher, beijou-a de leve nos lábios, passando a mão livre em seus cabelos, num gesto carinhoso.

- Briguento! (A voz da mulher era suave, acolhedora.)

- Grudenta! (Fernando riu.)

Voltando-se, Fernando passou rapidamente pela calçada cercada de flores domésticas e por um pequeno trecho de uma grama miúda, chegando ao portão, que segurou até os filhos passarem, fechando-o em seguida.

Morava a apenas 6 quadras da empresa e ia a pé todos os dias para o trabalho, deixando o carro com sua esposa para as compras,

as sempiternas visitas ao cabeleireiro e outras pequenas coisas que preenchem os dias felizes de Márcia.

Após deixar as crianças na escolinha do bairro, Fernando tomou a direção da empresa, consultando o relógio em intervalos cada vez menores. Ao mesmo tempo, olhava repetidamente para a frente, tentando divisar a figura rotunda do diretor em frente ao prédio, mas sem resultados. Ainda estava muito distante.

Os passos céleres de Fernando, porém, estacaram abruptamente pouco antes de chegar à esquina, enquanto seus olhos fixavam-se em um gato preto que cruzava a calçada exatamente à sua frente. A pressa que o impelira até então, o temor de encontrar o chefe à sua espera, tudo deu lugar a um estado de paralisia, que plantou Fernando na calçada. Suas pupilas dilatadas perseguiram o trote ligeiro do gato até vê-lo sumir do outro lado da rua.

“Meu Deus! Vai me acontecer alguma desgraça!”

O pensamento ocorreu tão rápido a Fernando quanto o surgimento do gato em seu caminho. Era algo praticamente automático. Por mais que se esforçasse em não ligar importância a fatos dessa natureza, Fernando sempre ficava impressionado com esses sinais. Não conseguia permanecer indiferente se visse um chinelo com as correias para baixo ou uma tesoura aberta em cruz. Carregava sempre consigo uma figa, ou um trevo de quatro folhas, ou mesmo um punhado de sal, que atirava por cima do ombro esquerdo quando sentia maus fluídos em alguma situação ou pessoa.

Não sabia ao certo de onde vinham esses temores, essas crenças que ele próprio considerava estúpidas, descabidas. Talvez suas idiosincrasias tivessem se originado na infância passada no interior, entre bolos de fubá e histórias de assombração. Talvez fosse supersticioso porque o pai e a mãe também eram.

O fato é que, mesmo tentando racionalizar, ridicularizar e até afetar descrença quanto aos seus temores em público, Fernando alimentava por tais coisas a mais arraigada credulidade.

Assim, nem mesmo a cara de buldogue do diretor e a necessidade de concluir as tarefas que não pudera finalizar no dia anterior, foram

suficientes para fazê-lo seguir em frente. Em pânico, voltou sobre seus passos e, curiosamente, andava ainda mais rapidamente do que na ida, com a expressão receosa de quem teme sofrer algum mal.

Chegou em casa no momento em que Márcia se preparava para ir ao supermercado e já fechava a porta pelo lado de fora. A mulher ficou totalmente surpresa com sua chegada inesperada.

- Ué! Por que já está de volta?

Fernando, só então, se deu conta de que não dispunha de um motivo plausível para explicar seu comportamento. Não podia, sem mais nem menos, dizer que voltara apenas porque vira um digno representante da família dos felinos em seu passeio matinal. Balbuciou uma desculpa qualquer.

- É que eu... os documentos... Tenho que pegar uns documentos e levar pro escritório.

Márcia olhou com estranheza para o marido. Era ela quem arrumava sua valise todas as manhãs e jamais esquecera qualquer dos papéis ou materiais que o marido costumava levar. Mas intuiu que era melhor não insistir no assunto, por enquanto, e tornando a abrir a porta, deixou Fernando entrar em casa e seguir direto para a biblioteca.

Márcia permaneceu parada na sala de estar, um tanto perplexa, enquanto Fernando se trancava junto às diversas coleções de livros, ricamente encadernados, que eram seu orgulho. Sentia que a volta de Fernando não havia sido provocada por um motivo usual. Esperou alguns segundos, depois se dirigiu silenciosamente até a porta, entreabrindo uma pequena fresta.

Fernando estava sentado de costas para a porta e não percebeu sua mulher a olhá-lo. Apertava os dedos de uma mão com os dedos da outra, enquanto seus pensamentos pululavam, desencontrados. Ora xingava-se mentalmente por ser tão idiota a ponto de acreditar nessas tolices, ora rememorava, angustiado, as histórias de mau-olhado, de má sorte e do mundo sobrenatural que conhecia. Sentia-se meio irritado, meio ridículo com suas atitudes, mas, ao mesmo tempo, sabia que seus temores eram mais poderosos do que ele e sua força de vontade juntos. E sofria por isso.

A mulher, depois de alguns momentos, sentiu que podia e mesmo devia entrar na biblioteca. Fernando, quando notou a presença da esposa, desviou os olhos, com o rosto vermelho.

Márcia esperou alguns instantes, antes de perguntar em voz baixa:

- Algum problema?

Fernando não respondeu imediatamente. Na verdade não sabia nem mesmo como fazê-lo. Limitou-se a abaixar os olhos para os livros que estavam sobre a mesa de leitura, pigarreando.

- Não gostaria de falar sobre isso?

A voz de Márcia era suave, acariciante, fazendo Fernando erguer os olhos e fixá-los no rosto agradável. Decidiu-se a falar. Ser idiota não era crime, afinal.

- Acho que você vai me achar um completo imbecil...

Fernando começou, titubeante.

- Eu... eu estava indo para o trabalho e vi um gato preto cruzar meu caminho. Você sabe... – Ele riu amarelo – dizem que traz azar... que a gente pode morrer se ver um logo pela manhã...

Fernando, ao dizer isso, evitava olhar sua mulher de frente. Assim, não notou que ela teve um breve riso, divertida.

Márcia, porém, já sabia o quanto o marido era suscetível em tais assuntos. Sabia também que as sogras, devidamente amaciadas, podem ser uma excelente fonte de informações sobre seus rebentos. Supersticiosos ou não. Limitou-se, pois, a ouvir as explicações hesitantes.

Depois que Fernando terminara sua arenga envergonhada, ela esperou alguns instantes antes de dizer, imperativamente:

- Eu concordo com você. Acho, sinceramente, que tem razão.

Fernando surpreendeu-se com o tom positivo da esposa e mais ainda com o que ela dissera.

- Concorda?

O tom de voz traía a incredulidade de Fernando.

- Claro que sim. Se você realmente acredita que isso vai lhe fazer mal e que não deve enfrentar esse tipo de coisa, acho perfeitamente natural que desista de ir ao trabalho. Aliás, você deveria ter muito

cuidado, pois todos os dias algo de ruim pode acontecer. As crianças, por exemplo, deixam chinelos virados pra baixo o tempo todo. Na rua, diariamente, tem um monte de gente trabalhando com escadas encostadas na parede e por aí vai...

Fernando ouviu a mulher em silêncio, se dando conta, a seu pesar, do quão patético estava sendo. Não se animou sequer a responder.

Márcia, nesse meio tempo, se aproximou e sentando-se no braço da poltrona em que estava o marido, passou a acariciar seus cabelos, ternamente.

- Eu sei o quanto deve ser difícil pra você se livrar desse tipo de medo, mas, se for levar em consideração tudo isso vai acabar morando dentro de uma redoma de vidro, querido. Olha só: segundo um artigo que eu li na semana passada em uma revista científica, existem no Brasil cerca de 30 milhões de gatos. Desses, pelo menos uns 3 milhões devem ser totalmente pretos, segundo as estatísticas. Pois bem, se cada gato preto, durante toda a sua vida, passar na frente de, digamos, 30 pessoas, em poucos anos 90 milhões de pessoas morreriam ou sofreriam uma desgraça, certo?

Ela estava mentindo. Mas sabia o quanto o marido respeitava esse tipo de argumento.

Fernando apenas olhava para a mulher, encabulado.

- Bom, agora vamos tomar o caso dos pintores de parede como exemplo. Cada um deles, provavelmente, já deve ter passado embaixo de uma escada algumas centenas de vezes na vida, concorda? Nesse caso, temos duas hipóteses: ou existe reencarnação automática e esses pintores já morreram e reencarnaram dezenas de vezes ou então...

Aqui Fernando não pode mais ficar calado, reconhecendo, desamparado:

- Ok, ok. Eu sei que sou um idiota, mas isso é mais forte do que eu. Juro.

Márcia o beijou na testa, antes de responder.

- Tudo bem. Calma. Não estou dizendo que você deve deixar de acreditar nessas coisas de uma hora pra outra. Apenas que deve

enfrentá-las. Que tal se você combinasse com você mesmo que, quando vir um gato preto, lembrará que também já viu um gato branco? Uma coisa não anula a outra?

Ainda envergonhado do seu comportamento, Fernando resmungou um “É” meio arrastado, mas não muito convencido.

- Isso vale também pros chinelos virados. Se eles trazem azar, chinelos virados para o lado correto devem trazer sorte, certo?

Visivelmente constrangido e querendo fazer parecer que seu comportamento fôra apenas momentâneo, Fernando aquiesceu:

- É. Acho que você tem razão.

Márcia sorriu de uma forma agradável e o beijou mais uma vez, agora nos lábios, antes de ordenar, brincalhona.

- Então, fora daqui ou você vai ver o que é má sorte de verdade quando encontrar seu chefe.

Fernando se levantou rapidamente da poltrona e, tornando a pegar a valise, se dirigiu para a porta da biblioteca.

- Nem me fale. Já vou. Valeu pela força.

Saindo novamente pela porta, Fernando pensava, malgrado seu, o quanto se pode ser ingênuo e extravagante nas próprias crenças, adotando comportamentos e posturas baseados apenas em fantasmas mentais.

Ainda não estava muito convencido quanto ao poder dos gatos brancos em anular o azar trazido por seus colegas de piche, mas tinha que reconhecer que isso fazia algum sentido. Se é que havia algum sentido em tais coisas.

Mais apressado do que antes, Fernando não pôde deixar de rir levemente ao lembrar-se do silogismo segundo o qual se vassoura fosse transporte de bruxa, nem a Madre Tereza escapava da fogueira. Se bem que, no caso de sua sogra, o rapaz pensava, divertido, até mesmo esse utensílio seria dispensável.

Ainda estava rindo, distraído, quando começou a atravessar a rua e foi surpreendido pelo forte ruído de pneus fritando no asfalto e um som agudo de buzina. Sem tempo para esboçar a menor reação,

Fernando viu apenas uma enorme massa azul crescer em sua direção, um segundo antes de ser violentamente colhido por um caminhão boiadeiro em alta velocidade.

Completamente esmagado pelas rodas do veículo, Fernando não teve tempo nem mesmo de gritar e morreu sem ver o letreiro desenhado em tipos garrafais na lateral da carroceria: Fazenda Gato Preto.



2º Lugar do *Concurso de Contos Ulisses Serra* da ASL (ed. 2010) - Juliano Borges:

“réquiem de amores vãos que a dor de sangue, escorrendo em rios, resume”

Desta vez estava disposto a entregar-se por inteiro a nova possibilidade que se mostrava a sua frente. Sentia que era sua última chance de recuperar suas asas e voltar a sonhar sua vida de anjo.

Não estava amedrontado. Tão pouco, angustiado. Seu sangue, diferente das situações anteriormente semelhantes a esta, movia-se como água calma em noite de mar tranquilo. Apesar da aparente calma seu coração pulsava dizendo que era chegada a hora de se entregar. Sentia isso e, doravante tendo sentido a mesma coisa muitas outras vezes, sabia que, desta, era pra valer. Não duvidava. Mas o preocupava o fato de estar tão pouco preocupado. Ia se entregando aos poucos. Não. Aos muitos e muitos segundos passados velozmente. Sabia que, desta vez, era pra valer. Seguro que se entregaria à possibilidade, à vontade, ao desejo e ao sonho que não era mais sonho __ Neste instante, realidade. Não era nada antes e nada depois. Um nihilismo vivente. Agora é o tudo, condensado num só momento de sua vida mensurada. O agora. Este agora tudo continha e detinha. Era para ele, tudo o que quisera a

vida inteira. Longa vida de curtos trinta anos. Vivera sua vida até aqui, vasculhando e descobrindo no mundo as qualidades e as quantidades do seu desejo. Não tivera sorte até então.

Agora, ele não precisava de sorte. Não é mais preciso desejar, nem sonhar. Seu drama não é mais um monólogo. Escreveu um personagem para dividir com ele uma bela história. Não é mais sozinho num roteiro seu. Sabe criar alegrias e amores para dividi-los no palco e assim, ir ensaiando a vida.

Não precisa pedir. Só receber, o que passou a vida toda a mendigar. E ele sabe que merece. Veio no tamanho exato de seu sonho; só lhe resta acolher e perecer a doce e inútil vida de um sonho realizado. Ele quer e está pronto. É hora de voltar a ter asas. E para que você me acompanhe neste relato e comemore esta estória feliz de anjos quebrados, conto-a do começo; do seu alfa. Descrevo sua gênese criadora.

No começo era noite. Não trevas. Noite e, por enquanto, sem estrelas. Não havia luz. O lugar parecia sem vida, mas, qualquer um que olhasse com mais cuidado, o que requer um olhar oriental sobre as coisas, notaria que ali pulsava a vida. O ato inaugural estava inserido num grande e fétido cenário. Uma arquitetura velha, mal preservada, envelhecida pela falta de amigos e suja de uma sujeira humana e bela.

Aliás, sujidades não faltavam. Nem no chão, nem no ar, nem na cabeça dos passantes, na mala dos viajantes, e claro, nos corações dos ficantes. “Sujeira moral” diziam os da seita evangélica que, aos berros, do outro lado da rua, cantavam seus hinos pedindo salvação aos arrependidos de toda sujeira, graxa e lama, a um deus surdo. Cegos, coitados, adorando um deus que não ouve. Não enxergavam os anjos quebrados do lado de cá da rua. Chão-calçada que não ousam pisar, temendo a repressão do pastor e do seu deus que não era bom. Não sabem ainda, que não é preciso morrer para encontrarem a salvação e sim, atravessar a rua, vivos, em direção ao outro, ao sujo, ao imoral e ao pecado.

Enquanto esses não atravessam a rua, continuemos, eu e você, neste lugar onde o improvável aconteceu. O lugar é dos passantes, como

toda e qualquer rodoviária deste país. Levando esta, a fama de a mais feia de todas as outras. É realmente sem beleza; sem atrativos. Contudo, o que a faz tão repugnante é o que a torna humanamente interessante. É com toda certeza, um espaço plural. Um céu de anjos quebrados.

Além das famílias que embarcam e desembarcam todos os dias, e noites, nas suas plataformas em direção ao interior ou à fronteira, tem os que chegam e ficam. São mulheres que, de tão feias e tristes, barrigas e corações grandes, são sim, lindas e belas. Atraentes aos olhares e baratas para os bolsos dos passantes. Elas chegam em busca do dinheiro para compra do remédio controlado do filho mais novo e para o aluguel de um cômodo, sem banheiro, onde deixou a mãe, agora avó, voltar a brincar de ser mãe. Ninguém sabe seu segredo. Só os homens desse lugar sujo, cúmplices dum segredo familiar.

Não faltam os bêbados. São muitos, mas são os mesmos. Se os ouvir, saberá que não são bêbados, mas são João, Alberto, Souza, Garcia; com histórias e vida vivida mais dignas de serem publicadas do que esta que vou lhes contando. Pedem dinheiro pro café e você dá a moeda pra pinga. Não há como negar. São solitários cheios de fantasmas.

Andam por lá também, jovens magros e envelhecidos, tentando salvar suas vidas usando substâncias que trazem a morte. Viciados traficantes de rua, sem cama para dormir, vão ficando por ali. Passando um fumo aqui, um golpe ali e, no final do dia, quem sabe? Talvez uma marmitta fria para esquentar o jovem estômago abandonado.

Nesta região de fronteira não faltam os matadores de aluguel e sua bagagem de poucos calibres. Também os peões de fazenda que vem gastar o seu pouco salário na capital. Doentes do mato, a procura de cura na cidade. “Bugres” e suas crianças mestiças a mendigar alguma sorte aos turistas gringos com seus mochilões. A fauna neste lugar não carece de espécies e, as que sobrevivem, tão pouco padecem de extinção. A impressão que fica é que nunca acabarão.

Subo a escada com você para apresentar o prédio no seu primeiro e único piso superior. No alto, no ar, bem próximo do céu azul, o que não poderia ser diferente, aonde o encontro dos anjos vai se dar. O lugar

abriga os guichês de venda de passagens interestaduais e internacionais. Compra-se aí passagens para as viagens mais distantes e impensáveis. A dele, uma viagem improvável de anjo quebrado, adquire-se num outro guichê, ou melhor, numa bilheteria de cine-amor.

Ele aproximou-se com cuidado, como fazem todos, observando para não ser surpreendido por nenhum outro olhar, também cuidadoso, que o visse entrar ali onde, numa tela grande, se ensina o amor. Compra o ingresso, usa uma carteira de estudante antiga - daquelas muitas vezes em que tentou o diploma universitário - e obtêm a meia-entrada. Gira a catraca com a força do seu quadril, já riste e tensionado pela viagem a seguir. O lugar, como de costume é o mesmo. Grande, pé-direito alto, muitas cadeiras, mas todas vazias, já que ali naquela sala, o melhor é flutuar pelo mar escuro de ácaros e não sentir o cheiro do carpete velho e mofado. Alguns, cansados, encostam-se nas paredes à espera de um anjo, caído quem sabe, a abraçar-lhes ou dar-lhes novas asas para voar no céu do paredão.

Voltar a voar. Era só o que desejava naquele lugar, naquele dia, respirando aquele ar. Que alguém lhe dessem asas para alcançar o céu dos seus sonhos realizando fantasias impronunciáveis. Movimentou-se de um lado ao outro do paredão, como quem busca o ar, tropeçando num e noutro, propositalmente sedutor. Usava muito bem as mãos para enxergar naquele lugar sem luz.

Derrepente fez-se a luz. Uma luz indireta que vinha do alto. E a luz era viva. Uma vida que não pertencia a ele, nem a ninguém ali. Vida não vivida e pouco assistida por aqueles. Ninguém estava naquela viagem para sentir o pulsar da vida, em gemidos, sussurros e orgasmos fingidos na grande tela.

“- Opa. Desculpa.” Pediu ele ao tropeçar no outro. A resposta veio firme, numa pegada que o fez lembrar-se do que o trouxera aquele lugar. Seu membro encarnado irrigou por todo o seu corpo o sonho em sangue tornado tesão. O corpo do outro, já colado no seu, dizia pornografia românticas, muito parecidas com aquelas ditas por bocas ensaiadas, em filmes que contam amores afundados em titanics. Mas ele não assistiu

ao filme, era anjo, e por isso acreditou. Não duvidou. Sentia o pescoço sendo beijado e mãos grandes que dançavam pegadas firmes na sua cintura. O outro, não tinha asas; não era anjo, mas, oferecia a viagem esperada. E como este não é um conto erótico, deixo que sua experiência o faça saber o que aconteceu naqueles próximos trinta e três minutos.

O gozo. Continuo daqui. Era assustador o quanto aquilo tinha dado certo. Era perfeito demais para aquele lugar. E foi tanto amor e prazer que choraram juntos lágrimas que, ao rolarem de seus olhos, outrora tristes, cristalizavam formando estrelas. Tanto choraram que a sala escura foi iluminada por uma constelação. Era o universo inteiro ali, naquele instante, comprimido dentro de uma sala velha de cinema. Estrelas de todos os tamanhos e cores. Brilhavam, mas brilharam tanto que todas as testemunhas ali presentes cegaram diante do amor que não era encenado. Não estavam preparados para ver o amor acontecer naquele lugar improvável. Sem testemunhas. Ninguém acreditaria. Só ele sabia que, de verdade, o amor acontecera. Ele e o outro, que não era anjo, não tinha asas, mas trazia escondido sob o zíper da calça, o amor.

Quando saíram dali, juntos para sempre, ele soube que não precisava mais ter asas e que, portanto, não era mais anjo; agora um decaído. Contudo, juntos para sempre. Não queriam mais se separar. Morreriam caso um faltasse ao outro. Um respira o ar do outro. Respiram juntos agora, gêmeos de poesias futuras.

Depois de alguns dias trancados, juntos, num quarto qualquer, não saberiam dizer quantos, um deles teve que trabalhar. A vida é real e não apóia feriados de amor. Mas estavam certos de que eram agora um do outro. Ele, do trabalho, quis ligar e dizer aquilo que todos os apaixonados dizem quando apaixonados estão e que eles, olhem só, de tão apaixonados não tinham dito ainda. Não se viam; somente a voz que na mágica fibra óptica declara o seu amor.

– Alô?

– Eu amo você.

– Vem logo pra casa. Me diz aqui, me abraçando, isso que eu também vou te dizer: eu também amo muito você.

– Estou indo.

– Estou te esperando, pra nunca mais você sair da minha vida.

Ah... A vida desses dois mudaria para sempre e essa saudade já sentida no primeiro dia em que passaram longe um do outro, acabaria daqui a pouco, no final do expediente deste, que voltaria a casa do outro, que agora é sua também, porque juntos, sabiam, para sempre estariam.

Juntos para sempre. Era esse o pensamento dele naquela volta desesperada ao ar que lhe faltava. Do outro, acabara de ouvir que, o esperava para nunca mais deixá-lo. A volta foi longa. O suficiente para lembrar suas muitas tentativas frustradas até aqui. Suficiente ainda para esquecê-las. Seus passos apressavam-se a cada esquina. As ruas do centro, àquela hora da noite eram já vazias, sem pedestres. Ninguém que o tirasse dos seus pensamentos e planos pro futuro. Tudo o que pensava, incluía o outro, que lhe dera asas novamente.

Perdido em seus pensamentos encontrou-se de frente ao número do seu novo endereço. A casa não tinha campainha. Então, chamou pelo nome do outro, que não ouviu. Tentou novamente (...) Nada. (...) Um pouco de angústia (...). Chamou novamente para passar a angústia. Escutou então o barulho de portão sendo aberto a duas casas dali. Gritou então, pela terceira vez, ao outro; que ouviu, mas procurava as chaves. Do portão que se abriu a poucos metros dali, viu sair três grandes cães, sem coleiras e nervosos para o passeio noturno com seu dono irresponsável. Uma bicha de marca, tipo pouco cérebro e muita, mas muita massa muscular; num shortinho escroto e provocante. Os cães ferozmente avançaram em direção a ele, que gritou por socorro ao outro, que ouviu, mas, não encontrou as chaves que abririam o portão que o levaria de volta ao céu. Desesperado, gritava pela grade e, quanto mais gritava, mais era atacado pelos cães ferozes. O outro, do lado de dentro da grade, nada pode fazer. Ele do lado de fora, caído na calçada e emoldurado por uma poça de sangue, não tinha mais vida, não tinha mais amor, era sangue escorrendo em rios. Voltara a ser anjo. Morrera gritando pelo outro que por não ter as chaves ao alcance das mãos, deixou que ele voltasse a sonhar sua vida de anjo.

Os assassinos, indiciados no inquérito, eram três. Grandes, de cor branca e manchas amarelas e da raça Pit Bull. No momento do crime, estavam sem coleiras. O animal responsável pelos criminosos chamava-os de “minhas crianças” e jurava feroz, de dentro do seu shortinho, que eram dóceis e atendiam pelos nomes miguel, rafael e gabriel.



3º Lugar do *Concurso de Contos Ulisses Serra* da ASL (ed. 2010) - Mayara Pereira Dau:

Lições de um caminhão de lixo

Mais um dia de escola. Maria levanta às 6 horas da manhã. Veste seu uniforme. Toma seu café da manhã e está pronta. Maria, que contava 12 anos de idade, era muito responsável com seus estudos e não gostava de faltar aulas. Estudava na principal escola pública de sua cidade. Era uma ótima aluna e os professores a elogiavam muito.

Maria era bem diferente das outras crianças de sua escola. A maioria de suas colegas iam para a escola em belos carros. Mesmo a escola sendo pública, muitos alunos com poder aquisitivo maior a frequentavam, pois era uma escola muito bem vista na cidade pela sua organização e disciplina.

Maria tinha uma bela família que a amava muito e fazia todo o sacrifício para vê-la feliz. Mas não era o bastante. Sua mãe, muito cuidadosa com ela e os afazeres domésticos, não media esforços para satisfazer as vontades da filha. Assim também era o pai. Funcionário da prefeitura de sua cidade, muito querido pelos colegas de trabalho. Mas ganhava pouco e não tinha condições de adquirir um carro da moda para levar sua filha à escola como os outros pais.

A casa da família era em um bairro bem distante da escola, que ficava no centro da cidade. Para evitar que a filha fosse de ônibus, seu pai conseguia diversas caronas para ela estudar. Entre os “caronas” havia um funcionário de seu pai que se chamava Moisés e morava perto à casa da menina. Moisés era uma pessoa muito prestativa e sempre se oferecia para levar a menina. Como morava próximo, era costumeiro que ele a levasse. Mas o que a incomodava era o meio de transporte desse funcionário. Moisés era um excelente motorista da prefeitura. Acontece que ele dirigia um grande e sujo caminhão: o caminhão de coleta de lixo da cidade. Portanto, era nesse carro que ela tinha que ir. Isso a deixava muito triste e constrangida. Ela queria mesmo era ir para a escola em um carro novo, como suas colegas, e não chegar naquele caminhão que chamava a atenção de todos da escola.

Ela se irritava com seus pais todas as vezes que via aquele “fedor” (era assim que costumava chamar o caminhão) em frente à sua casa. Ela não queria chegar à escola, na frente de seus colegas, dentro de um caminhão de lixo. Ela se sentia como o próprio “lixo” que aquele caminhão carregava. Sentia-se humilhada, todos a olhavam.

Na saída da escola, novamente aquele “belo” caminhão a aguardava e, dentro dele, o sorriso servil de Moisés, que nem imaginava a vergonha que Maria sentia por andar naquele caminhão. Toda noite, antes de dormir, Maria rezava para que os pneus do caminhão furassem, ou seu motorista ficasse doente. Ela sonhava chegar na escola dentro de um lindo automóvel para mostrar a todos os colegas.

Contudo, a realidade era diferente. O que a aguardava era aquele enorme caminhão, sujo e fedido, desprovido de beleza e que a causava náuseas. A cada retorno à sua casa, a menina brigava com seus pais e chorava, jurando que não subiria mais “naquilo”. Mas amanhecia o dia e a garota não tinha escolha, ou subiria naquele caminhão ou não iria para a escola. Mas, para ela, essa segunda opção era impensável, era muito responsável.

Os pais de Maria ficavam chateados com a reação da menina ao pegar carona no caminhão e tristes por não ter condições de levá-la à

escola como a maioria das famílias fazia. Sabiam que esse comportamento dela não era correto, mas também entendiam que ela passava por uma idade difícil. Nessa fase a criança está saindo da infância e entrando na adolescência. É uma idade que o pré-adolescente fica cheio de complexos, com a auto-estima baixa e com muita vergonha. Por isso eles compreendiam que não era fácil para a filha chegar na escola de caminhão de lixo. Mas, eles não tinham outra opção e achavam mais seguro que ela fosse de caminhão com o amigo do pai do que correr riscos nos ônibus pela cidade.

Algumas vezes, quando Maria descia do caminhão, ouvia comentários de seus colegas sobre seu meio de transporte ou alguns sorrisos maldosos. Isso a deixava arrasada. Pior ainda eram as que se diziam “amigas”, mas quando viam como Maria vinha à escola, agiam como se não a conhecessem.

Entretanto, a pior de todas, se chamava Beatriz. Essa era uma colega de sala de Maria que sempre estava bem arrumada, “na moda”, morava em uma grande casa ao centro da cidade, próxima à escola. Mesmo assim, era seu pai quem a levava de carro para estudar, e não era um carro qualquer. Geralmente, a propaganda de um novo modelo de carro passava na televisão e algumas semanas depois ela já desfilava dentro do novo modelo. Além disso, era uma menina esnobe, que gostava de contar sobre viagens que fez, roupas que comprou e outras futilidades de sua vida.

Maria não gostava do jeito dela de ser e, portanto, não tinha amizade com ela. Nem se falavam, a não ser quando Beatriz fazia piadinhas e tapava o nariz quando ela passava, insinuando que ela cheirava a lixo. Maria não respondia e, quando chegava em casa, chorava muito e rezava para que Deus desse um bom carro a seu pai para que ele a levasse à escola.

O ano terminou. Maria passou para outra série e, novamente, Beatriz a acompanhou e continuou a humilhá-la. E, para piorar, o pai de Beatriz já estava com outro carro e ela estava mais esnobe que antes. E Maria, continuava a depender das caronas do velho amigo de seu pai.

Um certo dia, enquanto Maria estudava em seu quarto, sua mãe a chamou para ver uma notícia no jornal. Estava falando da prisão do chefe de uma quadrilha que vendia drogas e, para seu espanto, o chefe dessa quadrilha era o pai de Beatriz.

Maria ficou intimamente feliz com a notícia e compreendeu então, porque sua colega só andava em carros novos e morava numa grandiosa casa. A menina também sentiu um certo alívio, pois ela realmente não ia à escola em “carrões”, mas tinha um pai trabalhador e honesto que jamais faria algo ilegal para adquirir bens materiais.

Durante uma semana, Beatriz não foi à escola, talvez estivesse com vergonha dos comentários a respeito de seu pai. Não queria provar do próprio “veneno”. Mas logo Maria teve notícias dela. Beatriz havia mudado para o mesmo bairro de Maria e estavam, ela e a mãe, morando “de favor” na casa de um parente, pois a polícia havia apreendido os bens da família. Logo que a mãe de Maria ficou sabendo, foi à casa de Beatriz se apresentar e se oferecer para ajudar no que fosse preciso.

Na manhã seguinte, Maria já estava pronta para ir à escola, novamente de caminhão, mas assim que estava no portão, sua mãe a avisou que ela teria uma companheira para ir à escola com ela de caminhão: era Beatriz.

Nos primeiros dias de carona, Beatriz ia silenciosa, mal levantava os olhos para Maria. Depois de algum tempo, alguns assuntos foram surgindo e elas acabaram se tornando amigas. Maria percebeu que Beatriz estava envergonhada pelas piadas que já havia feito a respeito do caminhão e, principalmente, ela estava sofrendo por seu pai. Então, Maria esqueceu as brigas e as duas se tornaram boas amigas.

Na escola, quando alguém fazia algum comentário sobre o pai de Beatriz, Maria a defendia. Beatriz também a defendia dos comentários maldosos sobre o caminhão. Logo, todos sabiam que Beatriz também vinha de carona no caminhão de lixo. E, ao invés de piadas, tiveram uma reação inesperada. Passaram a admirar a

atitude de Maria por ter se tornado amiga e acolhido alguém que só a humilhava. Perceberam que, mesmo aquele caminhão ser transporte de lixo, ele fazia um grande favor àquelas duas meninas levando-as à escola.

Assim, Maria e Beatriz não se importaram mais em pegar carona no caminhão de lixo e passaram a admirar aquele motorista de caminhão, que, com sua simplicidade e um veículo de transporte “diferente” dos outros, prestava um grande favor àquelas amigas.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA



**Acontecimentos
importantes que
marcaram o ano
de 2010**



ALGUNS EVENTOS DE 2010

Academia elege dois novos membros efetivos e um membro correspondente

Em assembléias recentes, e tudo conforme o Estatuto, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras elegeu os escritores Wilson Barbosa Martins e Maria Adélia Menegazzo (inscritos regularmente) como novos membros efetivos do sodalício. O primeiro, que foi saudado pelo confrade Rêmollo Letteriello, tomou posse na noite de 29/10/2010 e assumiu a cadeira nº 38 (patroneada por Enzo Ciantelli); e a segunda tomou posse em 08/12/2010, sendo saudada pela acadêmica Maria da Glória Sá Rosa e assumindo a titularidade da Cadeira nº 09 da ASL (cujo patrono é Mascarenhas de Moraes).



Foto: Venâncio J. dos Santos

Acadêmicos prestigiando a posse do novo confrade Wilson Barbosa Martins (ao centro)



Wilson Barbosa Martins assinando o termo de posse na ASL perante o secretário-geral Rubenio Marcelo

Foi também eleito, como membro correspondente da ASL, o humanista e escritor Daisaku Ikeda, que tomou posse na noite de 18/11/2010 e foi saudado e apresentado, na solenidade, em discurso pelo acadêmico Rubenio Marcelo.

Residente no Japão, Daisaku Ikeda é fundador do Instituto de Filosofia Oriental, do Museu de Arte Fuji de Tóquio, do Centro de Pesquisas para o Século 21 - de Boston, da Universidade Soka da América nos EUA. É autor de dezenas de obras publicadas em mais de 20 idiomas (também em português) e ostenta inúmeras



Daisaku Ikeda

premiações internacionais, inclusive no Brasil, como por exemplo: a Ordem Nacional Cruzeiro do Sul, e a Ordem do Pinheiro no Grau Grã Cruz do Paraná. Palestrante e conferencista mundial, proferiu em 1993 na Academia Brasileira de Letras (da qual é membro correspondente), a

palestra “A Alvorada de Esperanças da Civilização Universal”. É Doutor Honoris Causa e Professor Honorário de dezenas de universidades. É presidente da ONG Soka Gakkai Internacional, que integra a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



Acadêmicos Américo Calheiros e Rubenio Marcelo são agraciados com o relevante Título de Cidadão Sul-Mato-Grossense

Américo Ferreira Calheiros - recebeu, na noite de 20/09/2010, o *Título Honorífico de Cidadão Sul-Mato-Grossense* da Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, em Sessão Solene que aconteceu no Plenário “Deputado Júlio Maia”, do Palácio Guaicurus (Campo Grande - MS). A proposição foi do Deputado Carlos Marun.



Acadêmico Américo Calheiros recebendo o Título de Cidadão Sul-Mato-Grossense

Destacando-se como uma personalidade cultural que tem prestado relevantes e permanentes serviços ao Estado, o acadêmico, escritor e presidente da Fundação de Cultura de MS, Américo Calheiros, já foi condecorado, em 21 de outubro/2009, com a importante Comenda do Mérito Legislativo pela Assembleia Legislativa estadual.

“Em todos os cargos que ocupa, seu olhar emite clarões que iluminam espaços, recria veredas, surpreende e estimula os que fazem parte de sua equipe. Conviver com ele é aprender a decifrar os segredos da cultura” – assim a acadêmica Maria da Glória Sá Rosa definiu o perfil do confrade Américo Calheiros.

Rubenio Marcelo - recebeu da Assembleia Legislativa/MS – por intermédio de projeto e proposição do Deputado Amarildo Cruz e deliberação do Plenário – a outorga do *Título de Cidadão Sul-Mato-Grossense*. A Sessão Solene de entrega da Honraria aconteceu na noite de 29/11/2010, em concorrido evento na AL/MS – no Plenário “Deputado Júlio Maia” do Palácio Guaicurus, Campo Grande.



Acadêmico Rubenio Marcelo (à esquerda) recebendo o Título de Cidadão Sul-Mato-Grossense

Foto: Tião Guimarães

Autor de 8 livros publicados e 2 CDs, o acadêmico poeta e compositor Rubenio Marcelo, que é o secretário-geral da ASL, é coautor do Hino da AGEPEN/MS e coautor do projeto do Hino da CIPTRAN/MS, e tem – em suas atuações – divulgado e enaltecido o Estado que

agora o acolhe como filho. Recentemente participou, como convidado oficial, da *I Bienal Internacional de Poesia (I BIP)*, que aconteceu em Brasília congregando intelectuais de destaque (poetas e palestrantes) e reunindo grandes nomes da poesia nacional e do exterior.



Acadêmico Américo Calheiros realiza a 10ª Edição da Cesta Básica da Cultura

Dando prosseguimento ao seu magnífico projeto “Cesta Básica da Cultura” – que ao longo da sua existência já doou cerca de 15.000 livros para bibliotecas, escolas, salas e espaços de leitura, instituições, ONGs etc – o acadêmico, professor e teatrólogo Américo Calheiros efetuou, na noite de 24/11/2010, a entrega de 3.600 livros [60 cestas com 60 exemplares cada uma], em sua maioria obras de autores regionais e lançadas no decorrer de 2010.



Foto: Internet

Realizada no Auditório Germano Barros de Souza (Centro de Convenções Rubens Gil de Camillo – Campo Grande), com a presença inclusive do Governador do Estado de MS, Dr. André Puccinelli, esta edição deste evento anual que foi criado

por Américo Calheiros em 2001 (ano em que ele tomou posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras) foi, como das vezes anteriores, um verdadeiro sucesso, tanto em termos de organização como de público. Uma noite especialmente dedicada à cultura, à literatura

e ao Livro, este *“ingrediente essencial para a alimentação do saber e do conhecimento humano, tão importante e indispensável quanto o arroz e o feijão”* no sensato dizer de Calheiros.

Atualmente, consolidado como um dos mais louváveis vetores de incentivo à leitura, ao conhecimento e ao saber, o projeto *‘Cesta Básica da Cultura’*, idealizado pelo obstinado e incansável Américo Calheiros, robustece sobremaneira o patrimônio bibliográfico estadual, acervos, bibliotecas e espaços afins, bem como fortalece a literatura de Mato Grosso do Sul em suas diversas vertentes.



*Acadêmico Américo Calheiros
com livros da Cesta Básica da Cultura*

Mais um ano de sucesso do “Chá Acadêmico da ASL”

No ano de 2010, o *Chá Acadêmico da ASL*, importante projeto restabelecido pela atual Diretoria, aconteceu com grande sucesso no espaço cultural da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Rua Rui Barbosa, 2624 – Centro – Campo Grande/MS), sempre na última segunda-feira de cada mês, reunindo os acadêmicos, seus familiares e convidados especiais do Sodalício.

Neste período, tivemos, integrando o evento, relevantes palestras, enfocando diversos temas, tais como:

– “*A Força da Mulher na Literatura Sul-Mato-Grossense*” – pelo acadêmico Guimarães Rocha (titular da Cadeira nº 04 da ASL), que inaugurou neste evento uma série de homenagens às mulheres que prestaram e prestam relevantes serviços à ASL e à Literatura regional. Referida palestra ocorreu no Chá da ASL de fevereiro.

Na oportunidade, houve também o lançamento da Revista de nº. 16 da Academia e a entrega dos prêmios aos vencedores do “Concurso de Contos Ulisses Serra” - Ed. 2009 – 1º, 2º e 3º lugares.



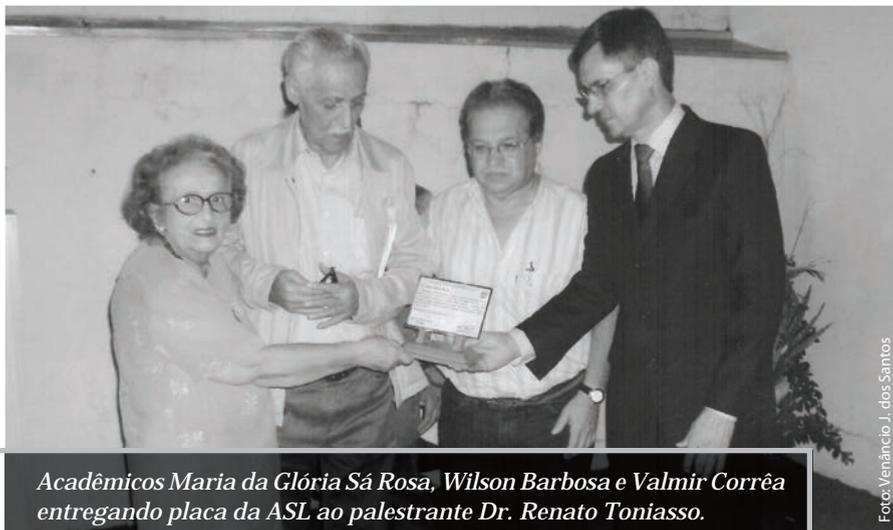
Foto: Venâncio J. dos Santos

*Acadêmico Guimarães Rocha
- palestrante do Chá da ASL de
fevereiro*



Fadel Iunes e Orlando Mongeli com o acadêmico Guimarães Rocha (ao centro)

– *“Licenciamento Ambiental e Princípio de Precaução”* (Chá da ASL de março) - pelo Juiz Federal Dr. Renato Toniasso (Justiça Federal/MS), que ilustrou sua belíssima apresentação acerca do importante assunto e interagiu harmonicamente com o público presente na Academia.



Acadêmicos Maria da Glória Sá Rosa, Wilson Barbosa e Valmir Corrêa entregando placa da ASL ao palestrante Dr. Renato Toniasso.

– “*Abordagens de Temas Contidos nas Memórias*” (Chá da ASL de abril) - pelo ilustre ex-governador Wilson Barbosa Martins. Advogado e político, Dr. Wilson foi prefeito de Campo Grande, deputado federal, senador constituinte e primeiro governador eleito pelo voto direto em Mato Grosso do Sul. Publicou o livro “*Memória - Janela da História*”, e recentemente concorreu e foi eleito para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, onde tomou posse na noite de 29/10/2010, ocupando oficialmente a Cadeira 38 do sodalício (cujo patrono é Enzo Ciantelli), que se encontrava vaga e tinha sido ocupada pela saudosa acadêmica Nelly Martins.



– “*A Palavra Poética na Literatura Contemporânea*” (Chá de maio) – pelo acadêmico e jornalista José Pedro Frazão, que é o titular da Cadeira nº 29 da ASL e reside em Anastácio/MS, onde é o editor do Jornal “O Porta-voz” e já ocupou o cargo de secretário municipal de educação e cultura.



Acadêmico J. P. Frazão palestrando na ASL.



Acadêmico J. P. Frazão com sua esposa Ironilde e amigos na ASL

– *“Emoções de uma viagem ao Sul da França”* (Chá da ASL de junho) - pela acadêmica Maria da Glória Sá Rosa, que transmitiu o que experimentou de indefinível durante sua viagem, de 08 a 25 de maio/2010, pela cultura da França medieval, cujos lugares mais importantes foram mostrados mediante projeção de belo DVD, montado sob a direção do cineasta Cândido Alberto da Fonseca.



Foto: Venâncio J. dos Santos

Acadêmica Maria da Glória Sá Rosa palestrando na ASL.

– *“Vida e vocação teatral do ator Rubens Corrêa”* (Chá da ASL de julho) – pelo acadêmico Paulo Corrêa de Oliveira, que reside em Aquidauana/MS e é o titular da Cadeira nº 15 da Academia, além de arquiteto, professor universitário e renomado teatrólogo. Foi uma brilhante e consistente palestra acerca do premiadíssimo ator e diretor de teatro Rubens Corrêa, que nasceu em Aquidauana-MS (em 23 de janeiro de 1931) e faleceu no Rio de Janeiro (em 22 de janeiro de 1996).



Foto: Venâncio J. dos Santos

Acadêmico Paulo Corrêa de Oliveira (ao centro) na ASL



– *“A cultura de massas e a interligação do erudito e o popular”* (Chá da ASL de agosto) - pelo acadêmico Rubenio Marcelo, o atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, que ilustrou com imagens e efeitos de datashow as abalizadas considerações acerca do importante tema. Rubenio Marcelo é também membro da Academia Maçônica de Letras de MS e Conselheiro Estadual de Cultura.



Acadêmico Rubenio Marcelo palestrando para grande público na ASL

Foto: Venâncio J. dos Santos

– *“Garantismo Penal e outras considerações jurídicas”* (Chá da ASL de setembro) - pelo desembargador Romero Osme Dias Lopes. Na ocasião foi lançada a 17ª Edição da Revista da ASL.



Foto: Venâncio J. dos Santos

Romero Osme Dias Lopes palestrando na ASL



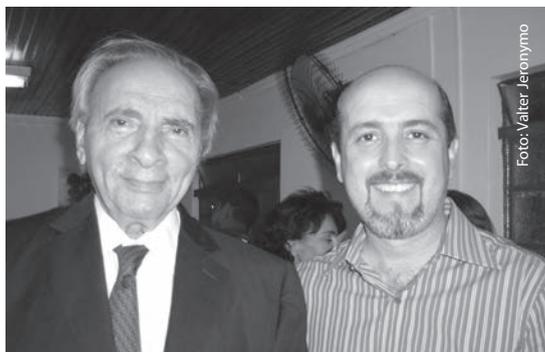
Foto: Venâncio J. dos Santos

Acadêmico Reginaldo Araújo saudando o palestrante Romero Osme Dias Lopes

– *“Trajetória de Empreendedor e Sucesso Empresarial”* (Chá da ASL de outubro) - pelo empresário sul-mato-grossense Ueze Zahran, que palestrou descontraidamente e interagiu com o público presente na Academia.



*Empresário Ueze Zahran
palestrando na ASL*



*Ueze Zahran e Valter Jeronymo
(Life Editora)*

– “*A vida como caminho e como escola*” (Chá da ASL de novembro) - pelo escritor e médico J. Roberto Pelegrino, que foi apresentado, na ocasião, pelo acadêmico Geraldo Ramon Pereira. Foi uma marcante palestra, com fortes requintes filosóficos, e que encerrou as atividades do Chá Acadêmico de 2010.



Em 2011, estaremos novamente juntos (acadêmicos e convidados) dando prosseguimento à eclética programação do concorrido *Chá cultural* da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Que nesta nova jornada, façamos uma revisão da vida num plano justo e perfeito que difere da simples eficiência humana. Saudemos, com violas encordoadas de fraternidade, este ano novo e deixemos o espírito inteiramente fecundo para comandar as nossas novas energias.

... E que, assim, em integral harmonia conosco e com os outros, sintamos o rebento fúlvido da essência abrindo utópicas cortinas e proclamando novos dias! Dias novos e felizes...

Feliz Ano Novo!

Outros registros fotográficos do Chá Acadêmico da ASL





Foto: Venâncio J. dos Santos

Acadêmicos Reginaldo Araújo e Américo Calheiros entregando placa da ASL



Foto: Venâncio J. dos Santos

Acadêmicos Geraldo Ramon, Rubenio Marcelo, Chiquinho Palhano, Heliophar Serra, J. P. Frazão, Reginaldo Araújo, J. Couto Pontes e Abrão Razuk

RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia
Sul-Mato-Grossense
de Letras

(Patronos e Titulares)





CADEIRAS

- N° 01 | Patrono: Nicolau Frageli
Titular: **Hernani Donato**
- N° 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- N° 03 | Patrono: Ulisses Serra
Titular: **Heliophar de Almeida Serra**
- N° 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
Titular: **Guimarães Rocha**
- N° 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho
Titular: **Enilda Mougnot Pires**
- N° 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo
Titular: **Thereza Hilcar**
- N° 07 | Patrono: José de Mesquita
Titular: **Américo Calheiros**
- N° 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra
Titular: **Raquel Naveira**
- N° 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Moraes
Titular: **Maria Adélia Menegazzo**

- N° 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho
Titular: vaga
- N° 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães
Titular: **José Couto Vieira Pontes**
- N° 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- N° 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça
Titular: vaga
- N° 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós
Titular: **Jorge Antônio Siúfi**
- N° 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- N° 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- N° 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- N° 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy
Titular: **Abrão Razuk**
- N° 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- N° 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- N° 21 | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- N° 22 | Patrono: Vespasiano Martins
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- N° 23 | Patrono: Sabino José da Costa
Titular: **Rui Garcia Dias**
- N° 24 | Patrono: Lobivar de Matos
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- N° 25 | Patrono: Arnaldo Serra
Titular: vaga
- N° 26 | Patrono: Pedro Medeiros
Titular: **Adair José de Aguiar**
- N° 27 | Patrono: Antônio João Ribeiro
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- N° 28 | Patrono: Raul Machado
Titular: **Augusto César Proença**
- N° 29 | Patrono: Elmano Soares
Titular: **José Pedro Frazão**
- N° 30 | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti
Titular: vaga
- N° 31 | Patrono: Henrique Cirilo Correia
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- N° 32** | Patrono: Weimar Torres
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- N° 33** | Patrono: Ovídeo Correia
Titular: **Flora Egídio Thomé**
- N° 34** | Patrono: Tertuliano Meireles
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- N° 35** | Patrono: Múcio Teixeira
Titular: **Rubenio Marcelo**
- N° 36** | Patrono: Franklin Cassiano da Silva
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- N° 37** | Patrono: Padre José Valentim
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- N° 38** | Patrono: Enzo Ciantelli
Titular: **Wilson Barbosa Martins**
- N° 39** | Patrono: João Tessitori Júnior
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- N° 40** | Patrono: Lima Figueiredo
Titular: vaga



O PAPEL UTILIZADO NESTE LIVRO
É BIODEGRADÁVEL E RENOVÁVEL.
PROVÉM DE FLORESTAS PLANTADAS QUE
DÃO EMPREGO A MILHARES DE BRASILEIROS
E ABSORVEM GÁS CARBÔNICO
DURANTE O SEU CRESCIMENTO!

Esta obra foi composta em Geórgia,
impressa pela Gráfica Viena em papel offset
para a Life Editora em dezembro de 2010.

